



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

RAFAELLE DE OLIVEIRA VIEIRA

**O DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS SOBRE A GREVE DOS
PROFESSORES ESTADUAIS NO CEARÁ EM 2011: UMA ANÁLISE
BAKHTINIANA**



**FORTALEZA – CEARÁ
2013**

RAFAELLE DE OLIVEIRA VIEIRA

O DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS SOBRE A GREVE DOS
PROFESSORES ESTADUAIS NO CEARÁ EM 2011: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves

FORTALEZA – CEARÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726

V657d Vieira, Rafaelle de Oliveira.
 O discurso citado em reportagens sobre a greve dos professores estaduais no Ceará em 2011: uma análise Bakhtiniana / Rafaelle de Oliveira Vieira. – 2013.
 CD-ROM. 142 f. ; il. (algumas color.) : 4 ¾ pol.
 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.
 Área de Concentração: Linguagem e Interação.
 Orientação: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.

 1. Dialogismo. 2. Discurso citado. 3. Efeitos de sentido. 4. Reportagem. 5. Greve dos professores. I. Título.

CDD: 418

RAFAELLE DE OLIVEIRA VIEIRA

O DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS SOBRE A GREVE DOS
PROFESSORES ESTADUAIS NO CEARÁ EM 2011: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 09 / 04 / 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves – (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof^a. Dr^a. Mônica Magalhães Cavalcante
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof^a. Dr^a. Cibele Gadelha Bernardino
Universidade Estadual do Ceará – UECE

A todos/as os/as professores/as,
cujas palavras constituem as de todos/as nós.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a DEUS, força maior de equilíbrio, fortaleza e sabedoria.

À minha avó, Salete, por ser a criatura mais fofa e maravilhosa do mundo. Por todas as vezes que me apoiou e me encorajou, mesmo sem entender direito o que estava fazendo, a continuar a minha saga quando eu nem imaginava alçar voos tão altos. “Véa”, obrigada por ser a melhor avó do mundo!

À minha mãe, Francisca, por todos os sacrifícios que enfrentou para que eu e meus irmãos tivéssemos uma vida digna e uma educação de qualidade. Por ter sido mãe e pai durante boa parte da minha vida e por me ensinar o verdadeiro valor das coisas.

Ao meu amado esposo, Bernardo, por seu amor e companheirismo incondicional. Que soube ser paciente e compreensivo nestes dois anos de pesquisa, que exigiram de mim (ou seria de nós?) alguns períodos de “clausura”. Obrigada, meu amor, por todas as vezes que você me mandou “parar de enrolar e ir estudar”, por todas as vezes que assistiu filmes sozinho, pois não pude lhe fazer companhia, por todas as palavras de incentivo que você me deu. Por esses e por outros motivos é que eu te escolhi como meu companheiro pra vida toda!

Aos meus irmãos, que, de certa forma, colaboraram para que este momento acontecesse: à Patrícia, por todas as traduções de resumo que me fez. Irmã, admiro demais a sua inteligência e a sua garra; ao Rafael, por ser o “homem da casa” quando foi necessário. Obrigada por serem a minha família.

Ao meu pai, Nivaldo, por me ensinar, ao seu modo, o valor dos estudos para que possamos nos tornar pessoas melhores.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Batista, a quem agradeço demasiadamente pelo convite que me fez para me inscrever na seleção do mestrado e por todos os conhecimentos que ele partilhou comigo. Sou grata também pela valiosa contribuição que prestou a esta trajetória: do incentivo e zelo demonstrados pela pesquisa ao trabalho de orientação conduzido de maneira responsável, segura, precisa e pontual. Graças à sua orientação, aprendi a admirar aquele que revolucionou os estudos da Linguagem: Mikhail Bakhtin.

Aos queridos amigos que o PosLA me presenteou: ao meu querido amigo Emanuel, que me ajudou do início ao fim desta caminhada: desde a seleção do mestrado, auxiliando-me no entendimento dos textos, às discussões teóricas para a análise do meu *corpus*. Difícil falar em poucas palavras o quão grata sou por ter sua amizade! Às minhas companheiras de orientação, Érica Azevedo e Elisiany Leite, como também às companheiras de leituras bakhtinianas, Laryssa e Indira, pelo companheirismo durante estes dois anos de mestrado. Obrigada, “bakhtingirls”; às queridas Jariza, Érika e Poly, também conhecidas como “as filhas de Helenice”, por serem tão lindas e especiais. A companhia de vocês é sempre um prazer imenso e um alívio à alma! Aos amigos Hiran, Raquel, Fernanda, Amanda, Sidney, Abimael, Gisleuda, Isabela, Dulce, Tibério e Karlucy, por todos os momentos de descontração via Facebook, além da sempre disponibilidade de todos em ajudar quando fosse necessário. Vocês são amigos que quero sempre por perto!

À querida Keiliane Dantas, secretária do PosLA, sempre muito prestativa e muito paciente em todas as vezes que ligávamos para perguntar sobre a nossa bolsa! Keili, você é jóia demais!

Aos professores que foram essenciais para a conclusão desta pesquisa: prof^a Claudiana Alencar, que, mesmo super atarefada com as atividades da coordenação do PosLA, ajudou-me com dicas valiosas de leituras, além das excelentes considerações que fez em minha qualificação, as quais ouvi e obedeci! À prof^a Cibele Gadelha, minha professora da disciplina de Análise do Discurso, na graduação em Letras, que despertou em mim a paixão pelos estudos críticos da linguagem. Agradeço também pelas maravilhosas colocações em minha qualificação, que me ajudaram a compreender mais claramente a minha pesquisa. À professora Dina, que, com sua leveza e irreverência, conseguiu deixar também leve e irreverente o ambiente acadêmico.

Não posso também deixar de agradecer àqueles amigos que me acompanham e torcem por mim há mais de dez anos. Meus amigos “setembrinos”, da época do colégio, que permanecem em minha vida até hoje: A Cíntia e a Ylanna, amigas, madrinhas de casamento e confidentes que eu amo como se fossem minhas irmãs. Obrigada pela força de sempre! Às queridas Riana, Viviany, que, mesmo eu

conversando pelos cotovelos durante as aulas do pré-vestibular, me agüentam até hoje! A Alana e a Analice, duas amigas queridas que tornam a minha vida mais feliz! Ao casal mais querido e fotogênico de todos, Kaio e Lorena, por serem pessoas tão maravilhosas e agradáveis de conviver, por saberem ouvir quando necessário e pela força que sempre me deram. Amo todos vocês pra sempre!

Aos professores com os quais tive o prazer de trabalhar e que se tornaram grandes amigos: ao Kennedy, por ser a garantia da minha dose semanal de risadas, como também por colaborar grandemente em minha pesquisa com suas excelentes colocações sobre a intertextualidade; às queridas Fernanda Costa e Natália, por serem amigas tão maravilhosas e companheiras, sempre prontas para me ajudar no que for necessário; à minha ex-professora e atual amiga Conceição, por, de alguma forma, ter semeado em mim o valor do Língua Portuguesa nos saudosos anos de Colégio Militar.

À UECE (Universidade Estadual do Ceará), por ter me proporcionado um ensino público de qualidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da UECE - PosLA e a todos os professores que o compõe, por terem proporcionado um ambiente enriquecedor de aprendizado e que despertou em mim um espírito pesquisador.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro à minha pesquisa de mestrado, o que me permitiu maior dedicação à pesquisa, como também participar de eventos acadêmicos.

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

A presente pesquisa, baseada na discussão sobre as diversas formas do discurso citado feita em muitas obras do chamado círculo bakhtiniano, como Bakhtin (2010a), Bakhtin (2010b) e Bakhtin/Volochínov (1995), tem como objetivo principal investigar as diversas estratégias de citação da palavra outra, e, conseqüentemente, os diversos efeitos de sentido delas advindos, em reportagens sobre a greve dos professores estaduais do Ceará ocorrida em 2011, movimento que teve grande repercussão nacional, por conta dos diversos conflitos travados entre a categoria grevista, representada pelo Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc) e o poder executivo, em parceria com o poder legislativo, do Estado do Ceará. Para a constituição do *corpus* de análise, selecionamos 5 (cinco) reportagens veiculadas no jornal cearense *Diário do Nordeste* para analisar o funcionamento enunciativo do discurso de outrem no corpus em questão. Da análise, foi-nos possível depreender que, dentre as estratégias de representação da palavra do outro utilizada nas reportagens, uma das mais recorrentes é o uso do *discurso indireto analisador de conteúdo*, variante bakhtiniana do discurso indireto própria para a citação em discursos retóricos que tem o poder de homogeneizar a enunciação por carregar uma voz de autoridade, o que colabora, nas reportagens analisadas, para a legitimação da palavra do autor/repórter a favor do poder executivo e, conseqüentemente, contra o movimento grevista. Assim, a presença desta variante acaba por revelar o propósito do autor de centralizar o sentido maior do texto da reportagem, qual seja o de que os professores é que estão equivocados em manter a greve, e não governo em não atender as reivindicações da classe docente, o que se faz observar pelas forças centrípetas que procuram estabilizar esse significado e que poderá conferir a ele, repórter, maior credibilidade e aceitação por parte do público leitor. A conclusão final a que chegamos, portanto, da análise feita é a de que o uso do discurso citado nas reportagens selecionadas do jornal *Diário do Nordeste*, com especial relevo para a variante *discurso indireto analisador de conteúdo*, mostra relações políticas de dominância ideológica que se fazem notar pela convocação do enunciador de vozes sociais hegemônicas (a voz do poder executivo e legislativo) que procuram silenciar outras vozes desprestigiadas social e historicamente (a voz do movimento grevista dos professores).

Palavras-chave: Dialogismo. Discurso citado. Efeitos de sentido. Reportagem. Greve dos professores.

ABSTRACT

This research, based on the discussion about the various forms of reported speech made in many works of the called Bakhtin circle, as Bakhtin (2010a), Bakhtin (2010b) and Bakhtin / Volochínov (1995), has as its main purpose to investigate the various reported strategies of the word “other”, and the several meaning effects coming from them, in the news reports about the teachers’ strike from the state of Ceará, which took place in 2011, a movement with great national repercussion, due to the various conflicts fought between the striker category, represented by the teachers Union of the State of Ceará (Apeoc) and the executive, in partnership with the legislature of the State of Ceará. To make up the corpus analysis, we selected five (5) articles published in the newspaper *Diário do Nordeste*, from Ceará, to analyze the enunciative operation of the others speech in the corpus in question. From the analysis, we were able to deduce that among the representation strategies of the other word used in reports, one of the most constant applicants is the use of *indirect speech content analyzer*, a Bakhtinian variant of indirect speech itself, for quotation on rhetorical speeches, and has the power to homogenize the enunciation by charging a voice of authority, which collaborates to legitimize the word of the author / reporter on the articles analyzed, in favor of the executive, and therefore, against the strike movement. Thus, the presence of this variant reveals the author's purpose of centralizing the biggest meaning of the report text, which is to the teachers is that they are mistaken in maintaining the strike, and not the government in not responding the claims of the class teacher, which is observed by centripetal forces seeking to stabilize that meaning and that could give him, reporter, greater credibility and acceptance by the reading public. The final conclusion we reached, so the analysis is that the use of reported speech in the reports selected from newspaper *Diário do Nordeste*, with particular emphasis on indirect speech variant content analyzer, shows the political relations of ideological dominance that do notice for convening the enunciator of hegemonic social voices (the voice of the executive and legislative) that seek to silence other voices socially and historically discredited (the voice of the teachers' strike).

Keywords: Dialogism. Reported Speech. Meaning Effects. Report. Teachers’ Strike.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Pontos de convergências entre as categorias propostas por Bakhtin e o Círculo acerca da palavra citada..... 74
- Figura 2:** Elementos da estrutura composicional do gênero reportagem..... 102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Esquemas e variantes do discurso citado.....	67
Quadro 2: Reportagens selecionadas para análise.....	101
Quadro 3: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto.....	108
Quadro 4: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 2.....	113
Quadro 5: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 3.....	116
Quadro 6: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 4.....	122
Quadro 7: O discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 5.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A CONTRIBUIÇÃO DE MIKHAIL BAKHTIN E DE SEU CÍRCULO PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM.....	18
1.1. A perspectiva dialógica da linguagem: os estudos soviéticos pré-Círculo sobre o diálogo.....	19
1.2. A língua como um fenômeno social.....	22
1.3. A língua para além das unidades gramaticais.....	24
1.4. O dialogismo bakhtiniano como princípio constitutivo da linguagem	28
1.5. O dialogismo: uma contrapartida às teorias linguístico-filosóficas vigentes.....	30
1.6. A repercussão do dialogismo bakhtiniano para os estudos do discurso	32
1.7. Gêneros discursivos: uma mudança de perspectiva para os estudos da linguagem.....	35
1.7.1. Os gêneros do discurso na ótica bakhtiniana	37
1.7.2. A relação entre gêneros discursivos e enunciados.....	40
1.7.3. A constituição do gênero: tema, forma composicional e estilo.....	42
1.7.4. Gêneros primários e secundários.....	46
2. A NOÇÃO DE DISCURSO DE OUTREM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA....	49
2.1. A palavra autoritária e a palavra internamente persuasiva em <i>Questões de Literatura e de Estética</i>	52
2.2. O discurso monovocal e o bivocal em <i>Problemas da Poética de Dostoiévski</i>	57
2.3. O estilo linear e o pictórico no discurso citado e suas variantes em <i>Marxismo e Filosofia da Linguagem</i>	64
2.4. Convergências entre os pontos teóricos sobre o discurso citado na obra do Círculo bakhtiniano: em busca de uma síntese.....	70
3. OS MOVIMENTOS SOCIAIS, AS GREVES E A MÍDIA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E DISCURSIVAS	76
3.1. Paradigmas clássicos e contemporâneos dos movimentos sociais... ..	76
3.2. Os Movimentos Sociais no Brasil: um panorama histórico	83
3.3. A crise no sindicalismo brasileiro.....	84
3.3.1. O “novo sindicalismo” em um contexto geral.....	85

3.3.2. As greves deflagradas no sistema educacional brasileiro.....	88
3.4. A greve dos professores estaduais do Ceará de 2011: a configuração sócio-histórica da pesquisa.....	90
3.5. A mídia e seu papel na reprodução dos significados.....	94
4. O DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE A GREVE DOS PROFESSORES ESTADUAIS DO CEARÁ EM 2011.....	97
4.1. Aspectos metodológicos da pesquisa.....	97
4.1.1. Sobre o tipo de pesquisa.....	97
4.1.2. Sobre as categorias de análise.....	97
4.1.3. Sobre a constituição do <i>corpus</i>	99
4.1.4 Sobre os procedimentos de análise.....	100
4.2. Análise do discurso citado em reportagens sobre a greve dos professores estaduais do Ceará em 2011.....	103
4.2.1. Texto 1: <i>Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito</i>	103
4.2.2. Texto 2: <i>“Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a Polícia”</i>	107
4.2.3. Texto 3: <i>“Professores continuam greve”</i>	111
4.2.4. Texto 4: <i>“Manifestantes passam a noite em vigília na AL”</i>	113
4.2.5. Texto 5: <i>“Greve dos professores é suspensa por 30 dias”</i>	118
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	134

INTRODUÇÃO

A greve dos professores do Estado do Ceará, iniciada em 5 de agosto de 2011, teve a adesão de 80% da categoria, na capital e no interior. O principal fato que motivou a paralisação dos professores foi a insatisfação da categoria com o reajuste proposto pelo governo e aprovado pelos deputados, que contempla somente 130 professores e deixa de fora outros 35 mil, entre ativos e inativos. Em uma das manifestações dos professores, ocorreram confrontos com a polícia. A revolta com as cenas de violência do conflito entre manifestantes e policiais na Assembleia Legislativa tornou o movimento, que durou 63 dias, visível nacionalmente, por meio de reportagens de diversos veículos de comunicação que divulgaram a greve dos professores cearenses para todo o Brasil. O jornal *Diário do Nordeste*, veículo de comunicação de grande tiragem no Estado, foi o que mais noticiou o desenrolar das negociações entre poder executivo e o sindicato da categoria, a Apeoc.

Este cenário da greve foi construído pela mídia cearense para a sociedade através das diversas reportagens, as quais representavam diversos discursos, que se entrelaçam e divergem entre si no interior dos textos que pretendemos analisar, podendo ser identificados na superfície textual, mediante, principalmente, a manipulação do discurso de outrem pelo discurso citante. Tal fenômeno pode permitir que, nos textos em questão, sejam identificadas tomadas de posição por parte dos discursos citantes, que estabelecem, por sua vez, relações de poder e hegemonia, o que poderá nos levar à constatação de que, pela análise do uso do discurso citado, a mídia atende aos interesses de um grupo hegemônico e que ela não é, de fato, imparcial.

Com base nessa hipótese, procuramos levantar algumas questões para a nossa pesquisa tentar responder: 1) de que maneira, no *corpus* a ser analisado, o discurso de outrem, com suas diferentes formas de se apresentar, pode identificar posicionamentos ideológicos de quem o cita? 2) quais os acentos valorativos perceptíveis na manipulação da palavra alheia que podem conferir outros sentidos ao discurso de outrem no gênero reportagem? 3) a partir da invocação das vozes de outrem, como é possível a reportagem revelar e, até mesmo, manipular certas significações e identidades? 4) de que maneira as diversas estratégias discursivas de citação identificadas interferem na construção do discurso que constitui o movimento grevista deflagrado pelos professores da rede pública estadual de ensino do Ceará?

Para investigar estas questões, esta pesquisa tem como objetivo maior descrever de que maneira o discurso citado, uma das principais representações da

manifestação da presença do outro na enunciação, manifesta-se nas reportagens sobre a greve dos professores estaduais veiculadas pelo jornal cearense *Diário do Nordeste*, identificando as marcas linguísticas, textuais e discursivas que aparecem no enunciado jornalístico e que lhe trazem diversos efeitos de sentido.

A escolha do tema desta pesquisa se deu por diversos fatores. Primeiramente, na condição de professora, solidarizei-me com a reivindicação dos professores estaduais da rede pública de ensino, que há tempos reclamavam por melhorias no piso salarial, como também no plano de cargos e carreiras. Infelizmente, é comum em nosso país a desvalorização da classe docente, que cumpre jornadas diárias de trabalho árduo, muitas vezes sem a infraestrutura necessária, em troca de um salário abaixo do esperado e com poucas garantias de um futuro próspero. Outra justificativa para a escolha do tema foi a forma como tal movimento grevista foi amplamente divulgado pela mídia cearense, tanto em jornal impresso como no televisivo. A grande mídia, com seu poder de criar heróis e vilões, retratou o movimento grevista de maneira tendenciosa, apoiando-se em discursos para transformar a verdade de poucos em uma verdade absoluta. Soma-se a esses motivos o fato de este tema ter gerado grande repercussão não somente estadual, mas também nacional.

Assim, a escolha do gênero reportagem para a análise se deu por sabermos que o discurso midiático, a que o gênero em análise está vinculado, tem grande visibilidade e é palco para a formação e reprodução de opiniões. Em vista disso, sabemos também que as reportagens são um dos gêneros que têm o maior destaque no jornal, o que confere a ela maior atenção não só por parte dos leitores como também dos produtores de tal gênero. Além disso, o gênero em questão, graças ao seu estilo¹ e à sua estrutura composicional, configura-se como o lugar propício para a percepção do discurso de outrem na perspectiva aqui proposta, ou seja, como forma de posicionamento ideológico.

Sabendo que a imprensa brasileira é caracterizada por direcionar a reportagem com base na postura ideológica que o veículo de comunicação defende, como também por diversificar as perspectivas nela representadas, partimos então do pressuposto de que o gênero reportagem – definido como “a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento” (BAHIA, 1990, p. 50) – é um lugar propício para o embate entre os discursos dos atores sociais que constituem o fato. O discurso citado, por sua vez, é considerado um

¹ Leia-se aqui o conceito de estilo proposto por Bakhtin, o qual Fiorin (2006) entende ser uma “seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (FIORIN, 2006, p. 62).

dos elementos de organização da forma composicional deste gênero, por meio do confronto entre os diversos pontos de vista envolvidos nos fatos.

Desta forma, optamos por analisar a categoria bakhtiniana *discurso citado* no gênero reportagem por este ser um terreno polêmico, no qual a construção do sentido se configura por meio da mescla de vozes que estão envolvidas no processo de produção da informação. Ao repórter, cabe a tarefa de “informar” o público, mostrando os fatos, teoricamente, de forma imparcial. No entanto, as diferentes estratégias de manipulação da voz do outro (opinião pública, voz política, voz jurídica, entre outras) empregadas pelo autor do texto podem transmitir ao público diferentes construções de sentido, como também marcas ideológicas, características que vão contra a pretensa imparcialidade defendida pelo gênero discursivo em questão.

Anteriormente considerado, nos estudos gramaticais, como objeto de estudo da sintaxe, através da dicotomia discurso direto X discurso indireto, o discurso citado foi visto sob uma nova ótica a partir dos estudos de Bakhtin/Volochínov na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995), que trata este fenômeno como o “discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150).

Bakhtin/Volochínov (1995) asseveram que a construção do sentido se dá por meio das relações dialógicas que regem a linguagem. O discurso citado configura-se, nessa perspectiva, como categoria linguístico-filosófica que tem o poder de revelar, na superfície enunciativa, a presença de outras vozes além da do autor. Assim, sob uma concepção social, histórica e ideológica nos estudos da linguagem, os autores russos dedicam uma unidade para a discussão sobre os problemas sintáticos, área da Linguística na qual o discurso citado é enquadrado pelas gramáticas normativas. Os filósofos buscam esclarecer que a presença da palavra do outro no discurso vai além das questões sintáticas e estruturais. Envolvem também questões de sentido que explicam na ordem do texto e do discurso.

Na inter-relação dinâmica que se estabelece entre contexto narrativo e discurso citado, é possível identificar diferentes efeitos de sentido produzidos através da inserção da voz de outrem em nosso discurso interior, que podem inferir em diferentes tomadas de posição ideológicas por parte dos sujeitos participantes da interação. Tais posicionamentos ideológicos são produzidos através de diferentes estratégias de manipulação da palavra do outro, nas quais o enunciador estabelece fronteiras entre as vozes constituintes do discurso

ou as apaga, ora aproximando-se, ora afastando-se do discurso que cita. Dessa forma, podemos, a partir de aspectos linguísticos, textuais e discursivos, reconhecer a formação ideológica e sua relação com as formações discursivas constituintes do discurso.

Para efeito de organização, dividimos esta pesquisa da seguinte maneira: no primeiro capítulo, ocupar-nos-emos de discorrer acerca das reflexões de Bakhtin e do seu Círculo sobre duas das principais contribuições deste grupo de pensadores para o estudo da linguagem: o princípio dialógico da língua e a concepção de gênero discursivo. Em seguida, no segundo capítulo, faremos um percurso pelas principais obras bakhtinianas, de maneira a identificar em cada uma delas a abordagem sobre o discurso citado, buscando-se, posteriormente, estabelecer, numa tentativa de síntese, as relações de semelhança e divergência entre tais abordagens, para definirmos com maior clareza as categorias teórico-analíticas da pesquisa. No terceiro capítulo, para contextualizar o nosso *corpus* de análise, deter-nos-emos em investigar o conceito de movimentos sociais de maneira geral, suas principais perspectivas, sua história no contexto social brasileiro, dando destaque para movimentos grevistas, em especial os constituídos de professores. Neste capítulo, ainda procuramos muito brevemente caracterizar o discurso midiático e mostrar sua relação com os movimentos sociais, como a greve. Finalmente, analisaremos, à luz das categorias discutidas e selecionadas, as reportagens que compõem nosso *corpus* de pesquisa, buscando compreender as maneiras pelas quais o recurso ao discurso do outro pode relevar efeitos de sentidos desejados por aqueles que controlam os meios de comunicação e os utilizam ao seu favor.

1. A CONTRIBUIÇÃO DE MIKHAIL BAKHTIN E DE SEU CÍRCULO PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Sei que, às vezes, uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas?

Renato Russo

Não há como falar de dialogismo sem remeter-se ao pensador russo Mikhail Bakhtin e ao seu Círculo de Estudos. Essa forma de pensar a linguagem, conhecida principalmente por meio das reflexões do teórico, juntamente do seu Círculo de estudos, tornou-se a base para a compreensão do pensamento bakhtiniano, como também foi de suma importância para o surgimento de diversas teorias no que tange à linguagem. É, inclusive, tomando como base esse princípio fundador da linguagem que Bakhtin desenvolve outros conceitos, tais como a polifonia, a heteroglossia e o discurso citado, os quais têm como principal função revelar a natureza dialógica da linguagem na concretude da língua viva. No dizer bakhtiniano, ao entender que a palavra é atravessada por diferentes discursos, a ideia de o discurso trazer o outro em sua constituição torna-se um dos princípios que norteiam o pensamento bakhtiniano – e serviu como inspiração para a teoria de outros autores –, como também o fundamento de sua teoria dialógica, já que ele trata o discurso como um *eu* que não se constitui sozinho, mas por meio da palavra de outros enunciadorees.

Outra contribuição de Bakhtin e seu Círculo é sua visão acerca dos gêneros do discurso. Na reflexão bakhtiniana, a noção de gênero discursivo reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas, reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. É no interior dessas esferas, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, que se elaboram os gêneros discursivos, para responderem às necessidades interlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam. A partir de um levantamento das principais obras desse autor, percebemos que o conceito de gênero discursivo se faz presente em quase todas elas. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, notamos o interesse de Bakhtin (2010a) em abordar o romance polifônico; em *Questões de Literatura e de Estética*, o autor dedica-se a defender o romance como um gênero literário, como também a apresentar os gêneros intercalados como uma das formas composicionais de introdução e organização do plurilinguismo no romance; em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1995) categorizam o gênero discursivo como uma das forças sociais de estratificação da língua, assim como a sua relação estreita com o enunciado.

No que diz respeito a essa categoria, nosso trabalho irá analisar, à luz do pensamento bakhtiniano, o comportamento do discurso de outrem no gênero reportagem, uma vez que este constitui o universo discursivo jornalístico e, por isso, possui características peculiares a esse universo. Se todo discurso se constrói em um tempo e lugar históricos – o que Bakhtin/Volochínov (1995) chamaram de “horizonte social” da linguagem – e como o jornalismo é uma esfera de construção de discursos, devemos considerá-lo sempre em uma situação de comunicação. Para que tal discurso ocorra, os interlocutores devem reconhecer as permissões e restrições dos sistemas de formação do jornalismo, sendo capazes, então, de reconhecer os elementos que definem o gênero em questão.

No capítulo que se segue, ocupar-nos-emos primeiramente em compreender a proposta de Bakhtin e do Círculo no que tange o princípio dialógico da linguagem, como também suas ressonâncias nos estudos linguísticos em geral. Posteriormente, vamos nos deter a discutir o conceito de gênero discursivo sob a ótica bakhtiniana, de forma a aplicar, no capítulo de análise deste trabalho, tais teorias no gênero discursivo reportagem, que se configura como o gênero discursivo a compor o corpus da pesquisa.

1.1. A perspectiva dialógica da linguagem: os estudos soviéticos pré-Círculo sobre o diálogo

O conceito de diálogo tornou-se conhecido na Linguística como um todo via Bakhtin e seu Círculo. Entretanto, é importante destacar que as primeiras pesquisas sobre o diálogo como elemento constituinte da linguagem datam de bem antes do surgimento do Círculo. Um exemplo é o trabalho de Lev Jakubinskii, formalista russo cuja obra não foi traduzida para o Ocidente, que escreveu o ensaio “*O discurso dialógico*” em 1923, trabalho no qual Jakubinskii iniciava os primeiros estudos, contemporâneos aos do Círculo de Bakhtin, acerca da enunciação.

Para Cunha (2006), existe um nítido horizonte de pensamento comum entre Bakhtin e Jakubinskii, autores que compartilhavam o Marxismo como filosofia dominante em suas reflexões. Entretanto, os referidos autores não compactuavam a linha de pensamento marxista oficial da União Soviética, a qual Nicolai Marr, linguista que abordava questões de linguagem e sociedade, defendia. Para Marr, “as mudanças de linguagem não ocorrem gradualmente, mas aos saltos” (LÄHTEENMAKI, 2005, p. 41). Além disso, o linguista oficial

da União Soviética também defendia a tese de que, em uma sociedade capitalista, na qual existe a luta de classes, cada classe social possui uma língua, diferentemente do que ocorre em uma sociedade comunista, em que a língua seria unificada, uma vez que não haveria diferenças de classes. Assim, no que diz respeito à teoria marxista, tanto Bakhtin quanto Iakubinskii discordavam da ideia de que a variedade de línguas está diretamente relacionada ao número de classes sociais.

Sobral (2009) afirma que a relação entre as ideias pensadas pelo Círculo, que tinha como principais nomes Bakhtin, Volochínov e Medvediev, e as concepções sobre o diálogo propostas por Iakubinskii são estreitas. Para Sobral, as propostas do Círculo “contêm, de alguma maneira, elementos das propostas desse autor (Iakubinskii), transplantados e reapropriados nos diferentes contextos e empreendimentos em que viveu e se ocupou o Círculo” (SOBRAL, 2009, p. 22-23). Contudo, podemos perceber uma diferença significativa entre o pensamento bakhtiniano e as ideias de Iakubinskii. Este tinha suas raízes essencialmente formalistas, amparando-se em um discurso de cunho ideológico “mecanicista, direto e sintomático do clima intelectual soviético da época” (LÄHTEENMAKI, 2005, p. 55) para conceituar o fenômeno da linguagem por meio das diferenças linguísticas. Bakhtin, por sua vez, não priorizava os mecanismos que subjazem à estratificação de uma língua, dando maior destaque às “várias manifestações da ideia do princípio de uma língua, unificada em sua metalinguagem, na filosofia da linguagem e estilística” (LÄHTEENMAKI, 2005, p. 55).

Cunha (2006) aponta outros pensadores que, antes das ideias bakhtinianas, dedicaram sua pesquisa ao fenômeno do diálogo. Em 1915, o linguista russo Stcherba concluía um estudo de campo sobre o dialeto de camponeses operários, os quais, segundo este autor, “não faziam uso do monólogo, só do diálogo, por uma questão de polidez” (CUNHA, 2006, p. 105). Para Iakubinskii, no processo de interação, cujo objetivo é ser bilateral e dialógico, a réplica “é uma reação natural do indivíduo e a tendência natural para o diálogo conduz a uma interrupção constante dos monólogos” (CUNHA, 2006, p. 105). É a partir desse pensamento que Iakubinskii irá propor como natural e comum ao discurso a forma dialógica da linguagem, reflexão esta discutida no capítulo “Naturalidade do diálogo e a artificialidade do monólogo”, de Rossitza Kyheng (2003, *apud* CUNHA, 2006, p. 105), pesquisadora da Universidade de Paris responsável por apresentar Iakubinskii ao Ocidente.

Ainda sobre o surgimento da forma dialógica de pensar a linguagem, Faraco (2003) comenta que, desde a virada linguística², em 1925, o pensamento desenvolvido pelo Círculo segue em direção à concepção do diálogo como “uma grande metáfora que dará um arremate às reflexões do Círculo sobre a linguagem e sobre a criação ideológica como um todo, bem como sustentará as discussões futuras do próprio Bakhtin” (FARACO, 2003, p. 70). O autor aponta que, apesar de a metáfora do diálogo estar presente nas origens das discussões bakhtinianas, os primeiros textos nos quais essa temática é tratada com destaque datam de 1929 e têm como autores Bakhtin, com *Problemas da Poética de Dostoiévski*, e Volochínov, que assina a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*³. Acerca das primeiras reflexões sobre o diálogo, Faraco ainda acrescenta que:

O que temos nesses primeiros textos dos inícios da década de 1920 é uma espécie de *metafísica da interação*, em que as relações um/outrem são ainda fundadas num jogo que passa pela visão (o olhar de fora e o excesso de visão são categorias centrais aqui) e não pela linguagem. A partir do texto *O discurso na vida e o discurso na poesia*, publicado por Volochínov em 1926, a linguagem entra em cena, seja em suas manifestações no cotidiano (na ‘vida’), seja na criação ideológica em sentido amplo; e a interação passa a ser assumida de modo claro como uma realidade fundamentalmente social e semiótica (FARACO, 2003, p. 71, grifos do autor).

Fiorin (2006) assevera que o conceito de dialogismo configura-se como o princípio unificador da obra de Bakhtin. Para o autor, o teórico russo examina o dialogismo sob diferentes focos e dedica sua pesquisa a observar esse fenômeno em suas diferentes manifestações. Ele acrescenta que “essa noção (o dialogismo) funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem como é constitutiva de sua antropologia filosófica” (FIORIN, 2006, p. 18).

Dessa forma, entendemos que, embora tenha dado contornos pessoais à categoria, o conceito de dialogismo não foi, de fato, inaugurado pelo Círculo de Bakhtin. Na verdade, este foi influenciado por outros pensadores russos contemporâneos, que colaboraram efetivamente para que a linguagem passasse a ser pensada de forma dialógica.

² O movimento linguístico-filosófico da chamada “virada linguística” caracteriza-se por proceder a um deslocamento da linguagem de um lugar marginal e descritivo da realidade para um lugar central na explicação dos fenômenos sociais. A partir dessa “virada”, a linguagem passa, pois, a ser vista como uma prática que produz os sujeitos e as realidades sociais, e estes, por sua vez, produzem-na. Segundo Faraco (op. cit.), para Bakhtin e o Círculo, a partir de 1925, a questão da linguagem passou a ser central em suas reflexões e reorientou todos os trabalhos posteriores. A perspectiva do Círculo de Bakhtin será a de propor um estudo da linguagem que vá além da linguística, sugerindo, desta forma, uma translinguística ou metalinguística.

³ Faraco (op. cit.) atribui a autoria de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* a V. Volochínov. Apesar de concordarmos com os argumentos aduzidos por Faraco para defender a autoria de Volochínov, usamos neste artigo a versão em português que registra como (co)autores desta obra Bakhtin/Volochínov (1995).

1.2. A língua como um fenômeno social

A reflexão bakhtiniana sobre a perspectiva dialógica da linguagem tem como eixo norteador sua visão social da língua. Para o pensador russo, a língua é, em sua completude, concreta e viva e, em seu uso real, constitutivamente dialógica por natureza. Com base nessa ideia, Bakhtin aborda a linguagem como histórica e viva, como também trata a enunciação como um fenômeno sociológico. Assim, a língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, por consequência, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 126). Dessa forma, entende-se que Bakhtin defende a teoria da natureza social e evolutiva da língua, e sustenta que, em decorrência de sua realidade dinâmica e concreta, não permite que os interlocutores interajam por meio dela como se fosse um sistema abstrato de normas. Ao contrário, a língua está em constante evolução em consequência das interações verbais dos interlocutores. Considerá-la somente como um sistema de normas distancia de sua natureza viva e evolutiva, como também de seu caráter social. Castro (2005) acredita que o processo de significação como resultado das estruturas sociais deve-se à relação íntima entre linguagem e sociedade. Conforme a autora, “a própria enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é entendida como um acontecimento de natureza social” (CASTRO, 2005, p. 119).

Destarte, com base no pensamento bakhtiniano, é importante destacar que as relações dialógicas inerentes à linguagem não estão restritas ao diálogo face a face. Essa interação estreita configura-se somente como uma forma composicional em que o dialogismo ocorre. Conforme Fiorin (2006, p. 19), “todos os enunciados, no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos”. O autor, à luz das reflexões bakhtinianas, defende também que a palavra, vista como um enunciado, possui uma dialogização interna, ou seja, nela está presente também a palavra de outrem. Sobre essa mescla de vozes no interior da palavra, Fiorin acrescenta que:

O enunciatador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2006, p. 19).

Fiorin explica que Bakhtin e o Círculo dão maior enfoque ao estudo da linguagem em sua teoria da superestrutura⁴, uma vez que esta realidade nos é apresentada por meio da linguagem. Para Fiorin (2006, p. 19), “o real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente”. O autor acrescenta que, inicialmente, a identificação do ideológico com o semiótico é o pilar das teorias propostas pelo Círculo na construção de uma teoria materialista. Nesse viés, os integrantes desse grupo consideram que os produtos da criação ideológica são sempre signos, os quais “são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social [...], emergem e significam no interior das relações sociais, estão entre seres socialmente organizados” (FARACO, 2003, p. 48-49).

Com base nessa percepção, é que surge a ideia de que as relações em sociedade são mediadas pela semiótica, uma vez que o real nunca nos chega de maneira direta, mas por meio de “[...] um real informado em matéria significativa [...]” (FARACO, 2003, p. 49). Além disso, por conta de os signos serem dotados de uma dimensão axiológica, a interação com o mundo é sempre interpelada por valores, ou seja, a palavra está em meio a uma atmosfera social de discursos. Assim, o real não se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo (FIORIN, 2006). Para Bakhtin, o dialogismo é o modo de funcionamento real da língua:

orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (BAKHTIN, 2010a, p. 86).

Assim, ao entender que a palavra é atravessada por diferentes discursos, a ideia de o discurso trazer o outro em sua constituição torna-se um dos princípios que baseiam o pensamento bakhtiniano, como também o fundamento de sua teoria dialógica, pois ele trata o discurso como um *eu* que não se constitui sozinho, mas por meio da palavra de outros enunciadoreis. Logo, a língua pode ser compreendida como um conjunto indefinido de vozes sociais, também conhecido como *plurilinguismo* ou *heteroglossia* (FARACO, 2003), as quais

⁴ Bakhtin/Volochínov (1995) distinguem dois conceitos considerados por eles básicos para os estudos da linguagem: a infraestrutura e a superestrutura. A infraestrutura, primeiramente, constitui a base da sociedade, as informações, fatos e desdobramentos essenciais para a constituição social de uma determinada comunidade. A superestrutura, por sua vez, refere-se aos reflexos que as mudanças na infraestrutura acarretam. São essencialmente elementos e relações sociais gerados e geridos pela infraestrutura. Nos elementos constituintes da superestrutura, é possível identificar, por exemplo, a psicologia, o Estado, a ideologia social, a educação, a política, a mídia, entre outros.

dialogam entre si continuamente de maneira multiforme, amarradas em uma cadeia responsiva. Relacionado a esse princípio, entende-se também que Bakhtin e o Círculo afirmam que os signos não só refletem o que nos circunda, bem como refratam os acontecimentos, uma vez que, quando lemos ou dizemos o mundo, essa ação é perpassada pela heterogeneidade de valores, o que permite uma heterogeneidade de sentidos. A refração, dessa forma, é condição necessária do signo dialógico.

A noção de responsividade ativa proposta por Bakhtin demonstra o movimento dialógico do enunciado, o qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. Compreendemos os enunciados alheios quando “reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 95). Faraco (2003, p. 24) endossa essa ideia ao dizer que “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto”. Portanto, compreender não equivale a reconhecer as formas linguísticas, pois o que realmente é importante é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor.

1.3. A língua para além das unidades gramaticais

Sobre a natureza dialógica da linguagem, é importante frisar que são os enunciados – unidades reais de comunicação (FIORIN, 2006, p. 20) – que possuem essa característica. As unidades da língua, ou seja, os sons, as palavras e as orações, não possuem essa propriedade. Isso ocorre devido as unidades da língua serem repetíveis, enquanto os enunciados, por sua vez, serem sempre inéditos, ou seja, são irrepetíveis. Dessa forma, cada enunciado é único e possui “um acento, uma apreciação, uma entonação própria” (FIORIN, 2006, p. 20). O autor ainda diferencia esses dois conceitos ao afirmar que:

Não é a dimensão que distingue uma unidade da língua de um enunciado [...]. O que os diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta do outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas (FIORIN, 2006, p. 21).

O enunciado configura-se, então, como o elemento que liga de forma ininterrupta a corrente da comunicação verbal, de cunho social e, portanto, de conteúdo ideológico. Além disso, ele é sempre uma resposta a um enunciado anterior. Dessa forma, o locutor relaciona-se não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Todo e qualquer enunciado convoca uma resposta, uma atitude responsiva de outrem. Sobre essa relação entre os enunciados, Bakhtin esclarece que “ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 326). Assim, Bakhtin defende que o destinatário, isto é, aquele de quem o locutor espera uma resposta, é um participante ativo na cadeia de comunicação. Isso porque o locutor do enunciado constrói o seu dizer levando em conta o ponto de vista do receptor. Dessa forma, entendemos que o enunciado é produzido em função de uma resposta.

O enunciado é uma atividade concreta e real de comunicação, delimitado pela alternância dos sujeitos falantes, que termina por uma transferência da palavra ao outro. O fator de maior relevância na constituição dos enunciados é a capacidade de resposta que todos eles possuem. Na verdade, esses enunciados existem também como resposta a enunciados anteriores. Assim, a cadeia discursiva pode ser entendida da seguinte forma: todo enunciado é precedido pelos enunciados dos outros e seguido por outros enunciados, que são respostas a ele. Um enunciado “nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia” (BAKHTIN, 2003, p. 376).

Bakhtin defende a teoria de que o enunciado, por ser constituído principalmente pela fala do outro, tem no receptor um elemento de grande importância na cadeia discursiva. A presença do interlocutor, para este autor, é tão fundamental e imprescindível quanto a presença do locutor. Isso se deve justamente ao caráter responsivo dos enunciados, uma vez que é por conta da presença do interlocutor que o locutor enuncia, seja para responder-lhe, seja para antecipar um enunciado que será respondido posteriormente. Com efeito, amparando-se na conceituação proposta pelo filósofo russo, é que optamos por trabalhar com enunciados na presente pesquisa, uma vez que tal forma de enxergar a linguagem representa de maneira fiel a perspectiva linguístico-metodológica aqui apresentada. Ademais, é com base, principalmente, nesse aspecto que a pesquisa aqui desenvolvida se enquadra, uma vez que esta visão, em que a fala do outro se faz presente no interior da fala do locutor, é um fenômeno que revela a natureza dialógica da linguagem presente nos enunciados. O discurso citado, uma das principais formas de heterogeneidade mostrada no discurso, configura-se, então, como o princípio norteador de nosso trabalho.

A concepção bakhtiniana vê o sujeito como um ser histórico e social, assim como compreende a linguagem com base na perspectiva da situação concreta, apreciando a enunciação e o contexto. Para Bakhtin, é através do contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma entonação. O significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes – ou seja, os interlocutores –, como também a situação imediata ou o contexto mais amplo.

Guimarães (2005) acrescenta que, para Bakhtin, tanto o signo quanto a enunciação seriam de natureza histórica e social. A autora afirma também que a existência desses dois conceitos dá-se por meio da interação. Com base nesse entendimento, o pensamento de Bakhtin afasta-se das ideias propostas por Saussure e o estruturalismo “por valorizar a fala, a enunciação, enquanto prática social, e não como algo individual como preconizava Saussure. Para Bakhtin, a fala está ligada às condições de comunicação e essas ligadas às estruturas sociais” (GUIMARÃES, 2005, p. 148). A autora ainda acrescenta que:

A enunciação para esse autor é uma réplica do diálogo social, é a base da língua, sua natureza é social, ideológica, não existindo fora de um contexto social. Os locutores, mesmo que virtuais, possuem sempre um horizonte social: o locutor pensa e se exprime para um auditório definido, de acordo com o seu imaginário social. A enunciação é, para a filosofia marxista da linguagem, uma realidade da língua, que está atrelada a uma estrutura sócio-ideológica (GUIMARÃES, 2005, p. 148).

Sobre as unidades da língua, Fiorin (2006) afirma, ancorado no pensamento bakhtiniano, que estas não possuem um autor, uma vez que esses elementos podem ser utilizados nos mais diversos enunciados. Por conta disso, “as relações entre as unidades da língua são relações semânticas ou lógicas” (FIORIN, 2006, p. 22). Diferentemente dos enunciados, as unidades da língua, por mais completas que elas sejam, não permitem uma resposta. Sobre essa propriedade, Fiorin esclarece que:

Cada palavra, cada oração, cada período tem uma completude. Ela, porém, não possibilita uma resposta. [...] O enunciado, entretanto, sendo uma réplica, tem um acabamento específico que permite uma resposta. Quando alguém assume uma palavra, ela se torna um enunciado e, portanto, ganha um acabamento que permite uma resposta. [...] As unidades da língua não são dirigidas a ninguém, ao passo que os enunciados têm um destinatário (FIORIN, 2006, p. 22).

Enquanto as unidades da língua são neutras, ou seja, não carregam nenhum acento valorativo, os enunciados são imbuídos de juízos de valor. Ainda sobre as unidades da língua, Fiorin (2006, p. 23) afirma que estas, “sendo entidades potenciais, têm

significação, que é apreendida da relação com outras unidades da mesma língua ou de outros idiomas”.

Vista enquanto unidades da língua, a linguagem não possui quaisquer relações dialógicas, uma vez que essas são impraticáveis entre os elementos do sistema da língua ou entre os elementos do "texto", considerando um ponto de vista estritamente linguístico. “Elas tampouco podem existir entre as unidades de um nível nem entre as unidades de diversos níveis. Não podem existir, evidentemente, entre as unidades sintáticas” (BAKHTIN, 2010b, p.182).

Considerando essa distinção entre enunciado e unidades da língua, Bakhtin acredita que, apesar de sua grande importância para o estudo da língua, a linguística propriamente dita, isto é, a fonologia, a morfologia ou a sintaxe, não é capaz de, sozinha, definir o funcionamento real da linguagem. De forma a entender plenamente o papel da linguagem na representação semiótica da realidade, o filósofo russo propõe a criação da *translinguística* ou *metalinguística*, disciplina que tem como objeto de estudo os discursos e, conseqüentemente, “as relações dialógicas entre os enunciados e entre suas formas tipológicas” (BAKHTIN, 2010b, p. 21). Assim, Bakhtin tinha como objetivo norteador inaugurar uma ciência que fosse além da Linguística, que observasse o funcionamento real e concreto da linguagem em sua unicidade, e não somente o sistema abstrato que exemplifica tal funcionamento.

No texto *O discurso no romance*, publicado em 1930, Bakhtin (2010a) dedica uma parte da discussão para apresentar a *heteroglossia*, conceito que fundamenta a disciplina inaugurada pelo autor e que leva em conta não somente os aspectos linguísticos para a compreensão do sentido, mas o enunciado como um todo. A respeito disso, Faraco afirma que, para o filósofo russo:

Importa menos a heteroglossia como tal e mais a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante (FARACO, 2003, p. 56-57).

Isso quer dizer que o dialogismo, para a metalinguística bakhtiniana, é o princípio fundador da linguagem. Assim, toda linguagem é dialógica. Todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor, logo toda linguagem é fruto de um acontecimento social. É importante destacar também que as relações dialógicas nem

sempre ocorrerão concordância entre as vozes. Os discursos constituintes também podem se opor.

Assim, compreende-se que o dialogismo não se configura como uma categoria de análise, uma vez que não podemos avaliar um enunciado com base numa realidade constitutiva deste. São essas relações dialógicas, ou seja, a materialidade dessas formas de transmissão de discursos outros que se apresenta como objeto de análise. Bakhtin (2003) sugere que não analisemos, de fato, o dialogismo, mas sim os “fios dialógicos vivos” do discurso. Ele defende que:

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de se relacionar com os *milhares de fios dialógicos vivos*, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno de objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado se origina: ele e como a sua continuação, sua réplica, ele não aborda o objeto chegando de não se sabe de onde (BAKHTIN, 2003, p. 86, grifos nossos).

Entendemos, então, que a ideia central do pensamento bakhtiniano é, portanto, o dialogismo, é a ideia do outro, da interação e do embate entre a palavra de um e de outrem como em uma arena de lutas, da enunciação sendo construída discursivamente. Nesse sentido, em “Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas”, Bakhtin/Volochínov (1995) apresentam uma “tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”. O discurso citado, categoria linguístico-filosófica adotada na presente pesquisa, é um exemplo proposto por Bakhtin/Volochínov que revela as relações dialógicas existentes entre os discursos, relações estas que têm a propriedade de mostrar a natureza concreta e viva da língua, e é este fenômeno que nos interessa no trabalho em questão.

1.4. O dialogismo bakhtiniano como princípio constitutivo da linguagem

Quanto ao funcionamento do enunciado, é importante destacar que este não é dirigido somente a um interlocutor, um destinatário imediato. Todo e qualquer enunciado é direcionado também a um superdestinatário (FIORIN, 2006), a quem cabe sempre uma responsividade ativa a esse enunciado. Essa compreensão responsiva, vista sob a ótica bakhtiniana, tem função determinante no processo discursivo. Por envolver um superdestinatário, cuja identidade é variável “de grupo social para grupo social” (FIORIN, 2006, p. 27), em sua produção, o enunciado é de ordem social. Assim, ao questionar se as

vozes que se fazem presentes nas relações dialógicas são sociais ou individuais, Fiorin argumenta que:

A teoria bakhtiniana leva em conta não somente as vozes sociais, mas também as individuais. Segundo ela, uma vez que o locutor não é Adão – que, segundo o mito bíblico, produziu o primeiro enunciado –, um discurso pode ser tanto o lugar de encontro de pontos de vista de locutores imediatos (por exemplo, num bate-papo, numa admoestação a um filho), como de visões de mundo, de orientações filosóficas, etc. (por exemplo, na literatura, nos editoriais, nos programas partidários). Ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, [...] mas também fenômenos da fala cotidiana (FIORIN, 2006, p. 27).

Fiorin (2006), procurando sistematizar o pensamento bakhtiniano acerca da noção de dialogismo, propõe as seguintes formas de conceituar o termo. O autor esclarece o primeiro conceito de dialogismo como o que se refere ao modo real do funcionamento da linguagem, na qual todos os enunciados são constituídos a partir de outros. Nos enunciados, podemos observar a atuação de forças centrípetas e centrífugas, em que as primeiras buscam trabalhar em favor da unificação e da centralização da linguagem, ao passo que as segundas são aquelas forças que desejam a divisão, a estratificação, a variação e a multiplicação da linguagem, ou seja, são forças que favorecem o plurilinguismo social.

A partir desses conceitos, Bakhtin (2010a) entende que a pluralidade de vozes está intrínseca às relações de poder. As múltiplas vozes presentes no discurso, portanto, não circulam fora da dimensão do poder. O que é dito, assim como o que é entendido, depende dessa relação. Em suma, “o primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (BAKHTIN, 2010a, p. 28).

Ao propor um segundo conceito de dialogismo, Fiorin (2006) afirma que este concerne a maneiras explícitas de mostrar as outras vozes presentes nos discursos. Esse conceito representa, então, a invocação, feita pelo enunciador, de um discurso alheio. Nessa perspectiva, o dialogismo é, conforme Fiorin, uma forma composicional. Sobre as formas de inserção do discurso do outro⁵ no enunciado, Fiorin (2006, p. 33) enumera duas maneiras: 1) na primeira, “discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante” (nesse caso, o discurso direciona-se a somente um objeto); e 2) na

⁵ As diversas formas de citação do discurso alheio serão abordadas com mais detalhes no capítulo seguinte.

segunda, o discurso é bivocal, ou seja, ele é internamente dialogizado. Diferente do primeiro caso, no discurso bivocal, não há fronteiras nítidas entre o discurso citante e o citado.

Ao discurso alheio demarcado – o primeiro caso – pertencem o discurso direto, forma na qual o discurso citado é demarcado por meio de aspas, travessões, verbos introdutórios, e o discurso indireto, que pode ser evocado através, principalmente, de verbos introdutórios, conjugações integrantes, aspas e de negação. Já o segundo caso é exemplificado pelo discurso indireto livre, pela paródia, pela estilização e pela polêmica clara ou velada⁶.

O terceiro conceito de dialogismo discutido por Fiorin diz respeito à essência do sujeito. Para Bakhtin, o sujeito é um ser que pratica suas ações em relação aos outros, ou seja, ele se constitui em relação ao outro. O filósofo critica a concepção de sujeito assujeitado, “submisso às estruturas sociais” (FIORIN, 2006, p. 55), ao defender um sujeito consciente e histórico, que nasce a partir da cadeia comunicativa, isto é, na sociedade. Logo, o dialogismo é o elemento que instaura existência do sujeito bakhtiniano. Fiorin concorda com essa concepção de sujeito em Bakhtin, ao afirmar que:

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai construindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso. [...] O sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. O mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser (FIORIN, 2006, p. 55).

Ao traçar o terceiro conceito de dialogismo, Fiorin destaca que as relações dialógicas vão além do diálogo face a face. Elas estão presentes em um plano muito maior. O dialogismo, para Bakhtin, é o princípio fundador do sujeito, como também da linguagem de um modo geral.

1.5. O dialogismo: uma contrapartida às teorias linguístico-filosóficas vigentes

A respeito do conceito de dialogismo na perspectiva bakhtiniana, Brait (1997, p. 98) afirma que ele pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza

⁶ Os conceitos de discurso indireto livre, paródia, estilização e polêmica clara ou velada serão discutidos de forma mais detalhada no capítulo seguinte.

interdiscursiva da linguagem, na medida em que diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”. Dessa forma, Bakhtin (2003) contrapõe-se ao monologismo, afirmando que este:

nega a existência de fora de si de uma outra consciência, tendo os mesmos direitos e podendo responder em pé de igualdade um outro *eu* igual (tu). Na abordagem monológica (sob sua forma extrema ou pura), o outro permanece inteira ou unicamente objeto da consciência e não pode formar uma consciência outra. O monólogo é completo e surdo à resposta do outro, não o espera e não reconhece nele força decisiva [...] O monólogo pretende ser a *última palavra* (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Na segunda unidade da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1995) discutem os princípios linguísticos de vertente estruturalista, estabelecidos principalmente com base nos estudos de Saussure. O linguista genebrino encarava a língua como um sistema monológico, rígido de sinais, que controla os significados. O autor não considera as interações sociais como fator de peso para determinar o significado de um termo. Em sua pesquisa, descarta a fala como objeto de pesquisa por acreditar que esta não é capaz de ser analisada de forma sistemática. Saussure não vê a natureza dialógica da linguagem, fato esse que, para Bakhtin/Volochínov (1995), irá comprometer a compreensão da linguagem.

A insatisfação dos autores com relação aos estudos linguísticos realizados por Saussure reside, principalmente, na concepção monológica da linguagem defendida por ele. Tal concepção será um dos pilares da segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, o objetivismo abstrato. Essa corrente define-se por uma base sistêmica pautada pela exatidão e imobilidade de seus elementos linguísticos, incapaz de ser alterada por qualquer natureza transformadora. O sistema linguístico em questão vem a se constituir com base nas formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua, distanciando-se de modo independente de uma criação individual realizada pelo próprio sujeito falante.

Para Bakhtin/Volochínov (1995), o objetivismo abstrato separa da língua o conteúdo ideológico ao acreditar que uma mesma palavra usada nos mais diversos contextos será sempre determinada por um mesmo e único significado. A corrente diz ainda que a oração é uma unidade da língua, inteligível, examinada do ponto de vista de sua organização sintática e de sua significação. Os autores criticam essa corrente ao considerar que, para esse pensamento:

o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação do signo para signo no

interior de um sistema fechado, [...] só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos; esse é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas a que se ligam (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 86).

Bakhtin/Volochínov (1995) também contestam o objetivismo abstrato por este incidir em um apagamento do sujeito falante. Os filósofos russos propõem, então, um estudo da linguagem no âmbito sócio-histórico, levando em conta o papel dos sujeitos sociais no processo de produção de significação através das interações verbais e da noção dialógica da linguagem. Sobre a visão dialógica da linguagem, Bakhtin afirma:

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. E precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2010b, p. 183).

1.6. A repercussão do dialogismo bakhtiniano para os estudos do discurso

Ancoradas na visão dialógica da linguagem e em sua composição heterogênea proposta por Bakhtin/Volochinov (1995), encontram-se as perspectivas de Maingueneau e Authier-Revuz, principais representantes da corrente francesa da análise do discurso. Authier-Revuz (1982) fundamenta-se no conceito de dialogismo concebido pelo Círculo de Bakhtin para explicar as formas de heterogeneidade no discurso. Para a autora, “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 136). Maingueneau (1993), por sua vez, defende que o fenômeno da citação – utilizando sua terminologia, o discurso relatado – consiste em um dos casos de heterogeneidade mostrada, que inclui, também, outras estratégias de manipulação da palavra alheia, como a negação, a ironia, a pressuposição, o uso das aspas, entre outros.

Ao propor a teoria da heterogeneidade, a Análise do Discurso de linha francesa fundamentou-se nos pressupostos bakhtinianos acerca da perspectiva dialógica da linguagem. Para a escola francesa, a linguagem é vista como heterogênea, ou seja, “o discurso é tecido a partir do discurso do outro, que é o ‘exterior constitutivo’, o ‘já dito’ sobre o qual qualquer discurso se constrói” (FIORIN, 1996, p. 128).

Com base nessa teoria, as formações discursivas podem ser examinadas em dois planos distintos: a heterogeneidade constitutiva, na qual a presença do discurso do

outro não é marcada na cadeia discursiva, e a heterogeneidade mostrada, caso em que a voz alheia aparece de forma explícita. No caso da heterogeneidade constitutiva, o discurso não explicita a alteridade presente em seu conteúdo, enquanto que na heterogeneidade mostrada a presença do outro é revelada e manifestada no decorrer da enunciação.

O discurso relatado, nesse caso, é um fenômeno que pertence à heterogeneidade mostrada, uma vez que é perceptível a presença de outras vozes no discurso do autor. Authier-Revuz (1982) chama de heterogeneidade mostrada as formas linguísticas de representação do sujeito que apresentam o outro nas formas discursivas (discurso direto, indireto e indireto livre, aspas, ironia). Em consonância com a noção bakhtiniana de dialogismo, a autora defende que o sujeito, enquanto produto do social, interage com diversos discursos.

A concepção de dialogismo se faz sentir também no conceito de intertextualidade que surgiu nos anos 60, formulado por Julia Kristeva como um desdobramento do dialogismo bakhtiniano. Para a autora, "todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação em outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se o de intertextualidade" (KRISTEVA, 1969, *apud* FERRAZ, 2009, p. 2). Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (doravante MFL), mais precisamente no capítulo 9, intitulado "O 'Discurso de Outrem'", Bakhtin/Volochínov (1995) articulam as primeiras reflexões que darão origem à noção de intertextualidade, a partir de seus estudos sobre o discurso citado. Entretanto, é com base na leitura de *A Póética de Dostoiévski* que Kristeva formula a nova categoria. Para os pensadores russos, todo enunciado, seja ele na forma escrita ou falada, é constituído por diversos falantes ou autores, uma vez que é formulado a partir de falantes ou autores anteriores, como também se direciona para falantes ou autores posteriores.

O conceito de intertextualidade, posteriormente, surge a partir de uma perspectiva menos ampla que a encontrada em Kristeva. Nessa nova abordagem, verifica-se como critério para estabelecimento de intertextualidade a presença de fragmentos de texto em outro(s), numa forma específica de dialogismo. Observam-se, inicialmente, estudos do fenômeno restritos ao âmbito literário (GENETTE, 2010; PIÉGAY-GROS, 2010) até que a Linguística de texto passa a dedicar-se à discussão da intertextualidade como recurso de textualização importante na construção de sentido nos textos, conforme verificável nos trabalhos de Koch (1985, 1991, 1997, 2004), Cavalcante (2012) e Koch, Bentes e Cavalcante (2008).

Para que se possa compreender de fato o conceito de intertextualidade, é fundamental que se tenha em mente o papel do discurso de outrem. Em MFL, Bakhtin/Volochínov (1995) entendem ser o discurso citante a própria instância narrativa, ou seja, o discurso do narrador. Por sua vez, o discurso de outrem configura-se através dos fragmentos discursivos oriundos de outras subjetividades, como as falas e os pensamentos das personagens. É a partir dessa visão dialógica da linguagem, percebida através da pluralidade de vozes que se entrelaçam da construção do romance, que Kristeva avança na constituição da noção de intertextualidade.

A Análise do Discurso Crítica também recorre a Bakhtin e à sua reflexão sobre o dialogismo quando afirma que todo texto é constituído por elementos de outros textos. Para essa corrente, os enunciados atualizam e respondem a textos que o antecederam, de forma simultânea em que se orienta e se antecipa a textos que o seguirão. Sobre esse conceito, Fairclough (2008) aponta a sua importância no processo de mudança social, uma vez que a “intertextualidade implica a ‘inserção na história (sociedade) em um texto e deste texto na história’” (KRISTEVA, 1986 *apud* FAIRCLOUGH, 2008, p. 134).

Em *Discurso e mudança social*, Fairclough (2008) utiliza a categorização proposta por Authier-Revuz (1982) e Maingueneau (1993) para as formas de intertextualidade. A intertextualidade manifesta, em que outros textos podem ser identificados facilmente no texto em análise, pois estes estão referidos de forma explícita; e a intertextualidade constitutiva, que permite a identificação dos tipos de discurso que o estão constituindo, por meio da análise das configurações de tipos de texto ou de convenções discursivas. Para esse tipo de intertextualidade, Fairclough (2008) utiliza o termo *interdiscursividade*. Dessa forma, a depender do grau de heterogeneidade do texto sob análise, podemos observar uma “superfície textual desigual e ‘acidentada’ ou relativamente regular” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 137).

Uma das formas de intertextualidade manifesta, a representação de discurso, pode ocorrer de duas formas: na primeira, as fronteiras entre o discurso representador e o discurso representado fazem-se nítidas no texto em questão, de forma a marcar na superfície textual as vozes ali presentes; já a segunda baseia-se no apagamento dessas fronteiras, ou seja, o discurso representado é incorporado pela voz do discurso representador. A partir das considerações acima, consideramos que os pressupostos de Bakhtin e o de seu Círculo, formulados no início do século XX, ainda ecoam nitidamente e se fazem presentes nas atuais pesquisas em Análise de Discurso Crítica.

Com essa concepção dialógica de linguagem, Bakhtin/Volochínov (1995) apontam a necessidade de se estudarem os tipos e graus de alteridade da palavra alheia e das diferentes formas de relação com ela. A alteridade marca o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua constituição. Interessa-nos, em nossa pesquisa, mostrar que uma das principais formas da alteridade presentes no discurso é o fenômeno do discurso citado, que será explicitado com mais detalhes no capítulo seguinte. É com base também na visão sócio-histórica da linguagem que Bakhtin define a noção de gênero discursivo, conceito amplamente utilizado nos estudos linguísticos na atualidade.

1.7. Gêneros discursivos: uma mudança de perspectiva para os estudos da linguagem

Discute-se muito, na atualidade, sobre a importância da conceituação e caracterização dos gêneros discursivos. O conceito de “gênero”, primeiramente, foi mais empregado nos estudos retóricos e literários. Todorov (1980) afirma que essa palavra tem sido usada desde Platão, cujo objetivo era distinguir o lírico, em que apenas o autor falava; o épico, em que o autor e personagem falam; o dramático, em que apenas a personagem falava. Já Machado (2010) assevera que a proposta de Platão era classificar, de forma binária, os gêneros até então conhecidos: a epopeia e a tragédia pertenceriam ao gênero sério, enquanto a comédia e a sátira representariam o gênero burlesco. Entretanto, é a classificação tríade de Platão apresentada em *A República*, em que o filósofo divide os gêneros em dramáticos, narrativos e mistos, que servirá de base para a teoria dos gêneros proposta por Aristóteles. Na obra *Poética*, Aristóteles apresenta uma classificação dos gêneros “como obras da voz tomando como critério o modo de representação mimética. Poesia de primeira voz é a representação da lírica; a poesia de segunda voz, da épica, e a poesia da terceira voz, do drama” (MACHADO, 2010, p. 151). Essa classificação dos gêneros postulada por Aristóteles tornou-se a base dos estudos literários, consolidando-se, principalmente, no campo da Poética e da Retórica. Dessa forma, entendemos que, até então, a teoria dos gêneros que imperava no cenário dos estudos da linguagem, sobretudo nos estudos literários, era a teoria clássica, em que se prevalecia a definição das formas poéticas, no que diz respeito à classificação.

Entretanto, a necessidade de uma (re)classificação dos gêneros tornou-se necessária com o surgimento de uma, até então, desconhecida modalidade comunicativa: a

prosa. Essa nova realidade exigiu que novos parâmetros de análise fossem concebidos, de forma a viabilizar a compreensão das formas interativas que se realizam através do discurso. Com base nisso, Bakhtin desenvolve uma nova proposta de classificação dos gêneros, “considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo” (MACHADO, 2010, p. 152). Dessa forma, os gêneros e os discursos, em que a interação entre os sujeitos participantes do enunciado é um processo produtivo de linguagem, “passam a ser focados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” (MACHADO, 2010, p. 152). Assim, entendemos que, para Bakhtin, a unidade de comunicação utilizada pelos sujeitos não é o texto, mas sim o enunciado.

Na obra *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2003) dedica um capítulo à reflexão sobre uma de suas mais importantes discussões: os gêneros discursivos. No decorrer da obra em questão, o autor comenta a natureza heterogênea desses gêneros produzidos por e em uma sociedade, assim como os diversos fatores, de diferentes naturezas (linguísticas ou não), que exercem influência em sua constituição. Contudo, Sobral (2009) esclarece que, nos estudos bakhtinianos, as reflexões acerca dos gêneros do discurso não se restringem a este ensaio. Esse conceito está presente em grande parte das obras do Círculo. É possível identificar discussões sobre a teoria dos gêneros em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995), em *O método formal dos estudos literários* (MEDVEDIEV, 2012), em *Problemas da poética em Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010b), em alguns ensaios publicados no livro *Questões de literatura e de estética* (BAKHTIN, 2010a), em *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 1993), entre outras publicações.

Conforme podemos observar, a teoria dos gêneros discursivos é uma das reflexões mais importantes dentro dos estudos do Círculo, ocupando grande parte de suas discussões. A visão bakhtiniana sobre esse conceito também será base para outros autores que se ocuparam em entender o funcionamento desse fenômeno, como Marcuschi (2008) e Rodrigues (2001). Diante disso, vamos nos deter, neste tópico, em detalhar a perspectiva bakhtiniana sobre os gêneros do discurso. Para isso, iremos, primeiramente, definir o conceito de gênero, buscando entender a sua relação com a visão de linguagem de Bakhtin e o Círculo. Logo após, mostraremos sua classificação e composição dos gêneros do discurso, de forma a conhecermos as suas propriedades.

1.7.1. Os gêneros do discurso na ótica bakhtiniana

Para Bakhtin (2003), os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas, enquanto participamos de determinado grupo social, como membro de alguma comunidade. Logo, tem-se que gêneros são padrões comunicativos que, socialmente utilizados, funcionam com uma espécie de modelos comunicativos globais que representam um conhecimento social localizado em uma situação concreta. Logo, a noção de gênero discursivo refere-se ao funcionamento da língua em práticas de comunicação, sejam elas reais ou concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. Os gêneros discursivos são elaborados no interior dessas esferas da atividade humana, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, de forma a responderem às necessidades interlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam.

No entender bakhtiniano, o conceito de gênero discursivo refere-se ao funcionamento da língua através de práticas comunicativas, reais e concretas, realizadas por sujeitos que interagem nos campos das relações humanas e da comunicação. Os gêneros discursivos são constituídos, então, no interior desses campos de comunicação humana, de forma a permitir que a interação entre os sujeitos participantes da interação se realize. Em virtude da variedade de esferas de atividade às qual os sujeitos pertencem, é impossível mensurar a quantidade de gêneros discursivos existentes. Sobre isso, Bakhtin comenta:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

A respeito dessa discussão proposta por Bakhtin, Machado (2010) afirma que o filósofo russo permitiu a emergência de uma nova rota dos estudos sobre os gêneros. A autora ainda acrescenta que:

Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre a qual, evidentemente, Bakhtin nada disse mais para o qual suas formulações convergem (MACHADO, 2010, p. 152).

Com relação à conceituação de gêneros, Bakhtin entende que estes são tipos relativamente estáveis de enunciados e que são formulados no interior das diversas esferas

sociais da língua. A utilização desses gêneros se dá em forma de enunciados, os quais, por sua vez, “refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 2003, p. 279). Para o referido autor, os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos, que são constituídos em circunstâncias enunciativas próprias das esferas das relações sociais. Desse modo, cada esfera da atividade humana potencializa os seus próprios gêneros, originando as formas genéricas de manifestação dos discursos, no que diz respeito aos aspectos temático, estilístico e composicional. Acerca dessa propriedade dos gêneros, Faraco afirma que:

Os gêneros do discurso e atividades são mutualmente constitutivos. Em outras palavras, o pressuposto básico da elaboração de Bakhtin é que o agir humano não se dá independente da interação; nem o dizer fora do agir. Numa síntese, podemos afirmar que, nesta teoria, estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade (FARACO, 2003, p. 112).

Rojo (2004) concorda com essa ideia ao afirmar que a definição de um gênero discursivo está relacionada a uma esfera da comunicação. Segundo a autora, o falante, por si só, não teria condições de criar, modificar ou até mesmo alterar um gênero. Rojo baseia-se em Bakhtin (2003), o qual defende que não pode haver conceitos pré-estabelecidos ou modelos precisos que não necessitem de acabamento, tendo em vista que, mesmo fixa a inclusão de um determinado gênero em um domínio discursivo sucinto, esse será sempre inconcluso. Fiorin também entende o gênero discursivo da mesma forma. Para ele, “a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, uma vez que as possibilidades da ação humana são inesgotáveis e cada esfera de ação comporta um repertório significativo de gêneros do discurso” (FIORIN, 2006, p. 63).

Embora se saiba que os sujeitos participantes da cadeia comunicativa também contribuem para a existência e para a continuidade dos gêneros discursivos, estes, assim como as formas da língua, não são criados pelo falante, mas lhe são dados historicamente. O que queremos dizer é que o uso criativo de determinado gênero não denota a criação de um novo gênero. Nas mais diversas esferas sociais da comunicação humana, os gêneros nelas inseridos possuem finalidades específicas. Seu uso de forma criativa o torna ainda mais peculiar e individual, mas isso não significa que o falante está inaugurando um novo gênero. A propriedade de uso destes de forma criativa deve-se, principalmente, à sua natureza menos estável e normativa, na qual os gêneros são menos padronizados e, por conseguinte, permitem esse caráter livre e criativo. Fiorin destaca que:

Bakhtin insiste no fato de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados. O acento deve incidir sobre o termo *relativamente*, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros (FORIN, 2006, p. 64, grifo do autor).

Assim, dada a diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais refletem a diversidade das relações socioculturais dos sujeitos em seus respectivos grupos sociais, os gêneros discursivos são múltiplos, heterogêneos e, se abordados sob um ponto de vista teórico-metodológico, situam-se em um sistema *continuum* de situações discursivas, em cujas extremidades estariam, de um lado, a conversação espontânea e, de outro, os artigos de vulgarização científica (cf. MARCUSCHI, 2008).

A dificuldade para conceituar gênero já foi pensada por Bakhtin devido a vários fatores, dentre eles a questão da enorme diversidade dos gêneros do discurso, como também de suas infinitas possibilidades de existirem, uma vez que estão diretamente ligados à atividade humana. Conforme Fiorin (2006):

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades (FIORIN, 2006, p. 61).

Por conta disso, é impossível mensurar exatamente a quantidade de gêneros discursivos existentes, uma vez que estes, como resultado de situações sociais, são infinitos, devido à enorme variedade de formas da atividade humana. Além disso, é importante destacar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). Dada essa heterogeneidade, Bakhtin salienta que não pode haver somente uma forma para seu estudo (cf. BAKHTIN, 2003).

É preciso ainda lembrar que os gêneros são mutáveis e flexíveis, contudo essa característica não impede de terem certa estabilidade. Os gêneros cumprem sua tarefa de definir o que é dizível, de ter uma composição, estrutura, acabamento e tipo, além de possuir relação com os outros participantes da troca verbal. Os gêneros se exibem e estão presentes em todas as ações comunicativas. Bakhtin nos lembra que, “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez

no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (2003, p. 302). Assim, o gênero é um instrumento que utilizamos para nos comunicar. São infinitos e circulam em esferas sociais específicas.

1.7.2. A relação entre gêneros discursivos e enunciados

Conforme vimos no tópico 1.1 deste trabalho, na teoria bakhtiniana, a língua não é concebida como um produto acabado, transmitido de geração em geração. Pelo contrário, ela está em constante mudança, sempre em um processo de vir a ser. Para o filósofo russo, os indivíduos não recebem a língua materna pronta para ser usada; “eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 108). Para os autores, a compreensão é uma forma de diálogo e:

[...] a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 132).

Sobre a compreensão dos enunciados, Bakhtin/Volochínov acreditam que este ocorre de forma dialógica, uma vez que se dá por meio da interação entre os sujeitos sociais. Além disso, para “cada palavra do enunciado que estamos em processo de compreender, propomos, por assim dizer, um conjunto de palavras nossas como resposta” (BAKHTIN, 2003, p.132). Assim, Bakhtin/Volochínov sustentam a teoria da responsividade ativa do enunciado, em que, para cada palavra, há sempre uma contrapalavra.

Desta maneira, compreendemos que as reflexões de Bakhtin/Volochínov (1995) e de Bakhtin (2003) vão consolidar novas particularidades do enunciado ou gênero do discurso que é delimitado por fronteiras claras: mudanças de locutor e acabamento. O enunciado é acabado quando é percebida a conclusão do que “o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou dadas condições” (BAKHTIN, 2003, p. 280, grifo do autor). O teórico russo refere-se aos enunciados como representações da língua em suas formas oral e escrita em quaisquer atividades humanas. Assim como a natureza dessas atividades de comunicação dos sujeitos, os gêneros também são heterogêneos e infinitos em sua variedade e, devido a essas características, a tentativa de

classificação e identificação dos diferentes gêneros torna-se uma tarefa cada vez mais complexa.

No pensar bakhtiniano, a língua é utilizada por meio dos enunciados. Sobre essa questão, Rodrigues (2001) defende que o enunciado, visto como uma totalidade discursiva, encontra-se no patamar das relações de sentido e que, por isso, não deve ser comparado às relações de nível puramente linguístico. Para a autora, o enunciado é a “unidade concreta e real da comunicação discursiva, dado que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas” (RODRIGUES, 2001, p. 28). Cada enunciado, dessa forma, constitui-se em um novo acontecimento, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva. Assim, um enunciado nunca se repete. Ele pode somente ser citado em outro enunciado, o que constitui um novo acontecimento. Sobre a natureza única do enunciado, Rodrigues (2001, p. 28) ainda diz que ele “representa um elemento inalienável, singular, pois é uma nova unidade da comunicação discursiva contínua, contribuindo para a sua existência e evolução”.

Bakhtin entende que as relações existentes entre linguagem e sociedade são indissociáveis. A interação, realizada por meio da linguagem, tem como consequência a realização de uma atividade discursiva, uma vez que se diz alguma coisa a alguém, em um determinado contexto sócio histórico, levando-se em conta determinadas situações de interlocução. O filósofo defende também que as diferentes esferas da atividade humana⁷, compreendidas como domínios ideológicos, dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados, as quais denomina de gêneros discursivos. Por isso, em sua teoria, afirma que o uso da língua se dá em forma de enunciados – sejam eles orais ou escritos – concretos e únicos, os quais são proferidos pelos vários indivíduos que ocupam os diversos campos da atividade humana. Esses enunciados, por sua vez, tendem a refletir as especificidades e as condições singulares dos referidos campos. Por serem oriundos das relações sociais, eles sofrem, em um processo constante, influência das transformações que ocorrem na sociedade. Assim, de acordo com a teoria bakhtiniana, os

⁷ Inseridas nos estudos de Bakhtin e o Círculo sobre a enunciação e gênero discursivo, a esfera da atividade humana é o primeiro nível em que um enunciado vai sofrer determinadas coerções, imprimindo-se nele as produções ideológicas próprias de cada esfera. Barbosa (2001) estabelece uma relação entre o conceito de esferas de atividade humana, por Bakhtin, e o conceito de campo, por Bourdieu. Igualmente ao campo, as esferas implicariam a “correlação de força entre os agentes que possuem diferentes posições sociais” (BARBOSA, 2001, p. 32). No que diz respeito à relação entre as esferas de atividade humana e o conceito de gênero discursivo, Rodrigues afirma que “cada gênero está vinculado a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário” (RODRIGUES, 2005, p. 165).

gêneros caracterizam-se pela dinamicidade e diversidade. A respeito dessa relação contínua entre linguagem e sociedade, Bakhtin explica que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 2003, p. 248).

Por fim, para Bakhtin, é fundamental que em qualquer corrente especial de estudo haja uma noção precisa da natureza do enunciado e das particularidades dos diversos tipos de enunciados, isto é, dos diversos gêneros discursivos, pois a língua integra a vida dos enunciados concretos. Caso contrário, os estudos na investigação linguística ficarão restritos ao formalismo e a uma análise abstrata da língua, reduzindo, então, o fenômeno da linguagem às formas da língua e deixando de lado a relação desta com a vida. É, então, diante dessa estreita relação entre gêneros discursivos e a realidade concreta das relações sociais que este trabalho ampara-se na perspectiva bakhtiniana, ao propor uma análise linguística de textos que pertencem ao gênero reportagem, buscando, assim, compreender as relações sociais nele representadas.

1.7.3. A constituição do gênero: tema, forma composicional e estilo

Com base na teoria defendida por Bakhtin e o Círculo, Fiorin (2006) define os gêneros como tipo relativamente estáveis de enunciados. Para o autor, os indivíduos se comunicam por meio de gêneros dentro de uma determinada esfera de atividade humana. Logo, para Fiorin, os gêneros são responsáveis por estabelecer uma relação entre a linguagem e a vida social, em que se refletem suas condições específicas e suas finalidades. Levando em conta essa propriedade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2003) explica que estes são construídos com base em três dimensões indissolivelmente ligadas ao todo do enunciado e à especificidade de um campo da comunicação: *conteúdo temático*, *forma composicional* e *estilo*. Todas as dimensões dos gêneros discursivos se configuram em enunciados sócio-históricos, relativamente estáveis e normativos, que estão vinculados as situações sociais de interação humana. No dizer de Rojo (2004), o tema, a forma composicional e o estilo não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos da sua situação de produção.

Conforme Fiorin (2006), o tema⁸ é o domínio de sentido do qual se ocupam os gêneros, e não somente o assunto específico do texto. Para este autor, o tema deve ser único, sendo uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo, desde os elementos verbais até os não verbais. É o que pode tornar-se comunicável por meio dos gêneros. Para Sobral (2009, 2009, p. 118), tema é um “termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com ‘assunto’”. O autor diz que é possível falar de um determinado assunto e ter, contudo, outro tema.

Esse objeto do discurso recebe um acabamento em função de uma abordagem específica do problema, do material, do contexto comunicativo e do intuito do autor. Conforme afirma Brait (2006, p. 21), “o tema não pode ser confundido com ‘conteúdo’, na medida em que resulta das especificidades da enunciação, ligando-se às coerções constitutivas do discurso”. O conteúdo determina o nível de profundidade e os processos de seleção na abordagem da realidade, já o tema constitui a visão de mundo próprio do gênero.

Quanto ao estilo, Fiorin (2006), levando em conta a teoria bakhtiniana, diz-nos que ele pode ser caracterizado como a seleção de meios linguísticos, ou seja, de meios lexicais, fraseológicos e gramaticais, o uso do verbo *dicendi*, em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Se o enunciado requer uma resposta, entendemos que o estilo é constituído a partir das relações dialógicas, visto que é influenciado pelo discurso do outro, seja com o intuito de reproduzi-lo ou de negá-lo. O estilo, então, está relacionado à seleção e opção de vocabulário, preferências gramaticais, estruturas frasais, não só relacionados ao gênero, mas também ao autor. Fiorin (2006, p. 62-63) exemplifica essa seleção das formas de se comunicar com o outro com o estilo oficial, no qual é utilizado um vocabulário mais polido em situações formais; o estilo objetivo neutro, no qual há uma identificação entre os interlocutores que participam das mesmas esferas de atividade e, por isso, partilham determinados jargões; o estilo familiar, em que a informalidade com relação à linguagem se faz presente, deixando as convenções sociais em último plano; e o estilo íntimo, em que há uma proximidade maior entre os interlocutores.

⁸ Com relação ao tema, Bakhtin/Volochínov (1995) explica que “o tema da enunciação é individual e não reiterável, e se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 128). O tema é o sentido completo, correspondente a uma enunciação ligada a uma situação concreta e dialógica.

Para Bakhtin, o estilo está relacionado à intenção do sujeito de se comunicar, e é através dessa intenção verbalizada que é possível compreender quando o outro finalizou seu turno, para que possamos tomar o nosso. Para Bakhtin:

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo de comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 265).

O tema, portanto, não se restringe ao campo do assunto e do sentido, mas compreende também a situação sócio-histórica do interlocutor. Já o estilo está estreitamente relacionado ao tema e à composição, pois ele não se limita a aspectos formais da língua, como a escolha do léxico. Ele também abrange o sentido, o modo de uso da língua.

Finalmente, a forma composicional é o modo de organização da fala, ou seja, o modo como as esferas sociais organizam os enunciados. A forma composicional responde pela organização, como também pela estruturação do gênero, funcionando como uma espécie de “fôrma” que deve levar em conta os modelos da esfera e também as possibilidades de comunicação. Assim, a forma composicional permite não só o reconhecimento do gênero, mas também, de acordo com Bakhtin (2003, p. 261), a assimilação das condições e da finalidade de cada campo da atividade humana.

Bakhtin (2003) assevera ainda que a forma composicional está relacionada à escolha do gênero discursivo pelo sujeito, advinda de sua intenção comunicativa. Tal escolha é determinada em relação à esfera pela qual o discurso transitará, por seu conteúdo temático, pelas condições de produção e pela composição dos participantes. Fiorin (2006) completa esse pensamento ao afirmar que a construção composicional é compreendida como o modo de organizar estruturar os textos, tanto orais como os escritos.

Essas três dimensões têm como parâmetros as condições de produção dos enunciados e, principalmente, a apreciação valorativa empregada pelo locutor a respeito do(s) tema(s) e do(s) interlocutor(es) de seu discurso. Portanto, os gêneros discursivos não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção. E as relações entre os parceiros da enunciação não se dão num vácuo social, mas são, na verdade, estruturadas e determinadas pelas formas de organização e de distribuição dos lugares sociais nas diferentes instituições e situações sociais de produção dos discursos.

Levando em conta esses elementos que constituem o gênero, é possível observar que, a depender do seu tema, forma composicional e estilo, como também da esfera da atividade humana à qual ele pertence, o discurso citado, categoria bakhtiniana que revela os fios dialógicos existentes no discurso, respeita as leis de cada gênero. Isso quer dizer que cada gênero apresenta sua própria “gramática” para receber o discurso de outrem. Assim, os gêneros discursivos utilizam determinadas estratégias de citação da palavra outra de forma mais recorrente, seja essa estratégia baseada em criar contornos nítidos entre os discursos citante e citado, seja em diluir tais contornos, mesclando, assim, os discursos que se fazem presentes naquele enunciado.

Um exemplo são os gêneros pertencentes ao discurso jornalístico – como a reportagem, gênero de que está constituindo o nosso *corpus*. Em certos gêneros pertencentes a essa esfera da atividade humana, podemos perceber a predominância da citação por meio das variantes do discurso de outrem que se fundamentam no *estilo linear*. Isso ocorre devido ao estilo desse gênero, que tem como objetivo expor informações com base, em geral, na palavra daqueles que fizeram parte, direta ou indiretamente, do fato veiculado. Quanto à construção sintática do discurso citado no gênero reportagem, o verbo *dicendi*, por exemplo, é utilizado, geralmente, ao final da oração, logo após a citação da palavra de outrem pelo repórter. Um exemplo desse caso pode ser observado no seguinte trecho extraído do nosso *corpus*: “No entanto, ele se mostrou irritado com uma pichação feita pelos manifestantes no andar superior do prédio. ‘Vocês precisam reordenar o movimento’, **criticou** o parlamentar”. Em decorrência disso, o autor do texto recorre, principalmente, ao discurso direto e ao discurso indireto, esquemas de citação que buscam delimitar o discurso do outro do discurso próprio, característica essa proveniente do *estilo linear*⁹. Já os gêneros que pertencem à esfera literária – romance, conto, crônica, entre outros – primam pelo uso do *estilo pictórico*, orientação de citação da palavra alheia que busca amenizar os limites existentes entre os discursos, permitindo, assim, que a palavra que cita introduza suas réplicas e comentários na palavra citada. A predileção desses gêneros pelo *estilo pictórico* deve-se também ao estilo que os constitui.

Por outro lado, no caso dos gêneros que pertencem às esferas acadêmica e jurídica, por exemplo, o que determina de maneira mais marcante a estratégia de citação a ser adotada é a forma composicional que cada gênero discursivo possui. Isso se deve por essas esferas de atividade humana possuírem um alto grau de formalidade e,

⁹ A definição de estilo linear, como também as diferentes estratégias de citação da palavra outra serão tratadas com mais detalhes no capítulo seguinte, na seção 2.3.

consequentemente, exigirem certa rigidez na linguagem. Por conta disso, a estrutura composicional dos gêneros inseridos nessas esferas trabalha de forma a deixar bem evidente a objetividade desses gêneros, optando, então, por utilizar, principalmente, as variantes de citação do discurso que têm como base o *estilo linear*. Um exemplo disso pode ser visto nos artigos acadêmicos, nos quais a referência à voz do outro é um recurso recorrente devido à estrutura composicional desse gênero, que exige o apoio da voz do acadêmico em outras vozes, de maneira a dar credibilidade ao seu discurso. Para tanto, o narrador introduz a fala de outrem por meio do verbo *dicendi*, este localizado, geralmente, antes da palavra citada.

1.7.4. Gêneros primários e secundários

Em consequência da amplitude do conceito de esfera de comunicação, terreno do qual emerge uma enorme gama de gêneros discursivos, Bakhtin (1997) reforça a impossibilidade de classificar todos os gêneros existentes. Sobral (2009), à luz do pensamento do Círculo, afirma que os gêneros são originados nessas esferas de comunicação humana, durante o processo de interação, e nelas eles se padronizam de forma relativamente estável, característica essa que, mais acima, acentuamos. Sobre essas esferas de atividade, Machado (2010) acredita que elas “não são uma noção abstrata, mas uma referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos” (MACHADO, 2010, p. 156). Assim, devido à heterogeneidade dos gêneros do discurso e à consequente dificuldade de definir-se o caráter genérico do enunciado, Bakhtin também destaca a importância de considerar a diferença existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo).

À luz desse pensamento, Bakhtin (2003) distingue os gêneros discursivos em dois grupos. Os gêneros primários, que correspondem àqueles pertencentes a enunciados próprios da comunicação cotidiana e imediata. A esse grupo pertencem a conversação espontânea, produzida no âmbito familiar, cartas pessoais e íntimas, bilhetes, diário, entre outros. Já os gêneros secundários figuram em situações discursivas construídas em instâncias públicas, ou seja, em esferas cujas atividades socioculturais têm um caráter relativamente mais formal, tais como: conferências, palestras, entrevistas, assembleia, atas de reuniões, relatórios, formulários burocráticos, biografias e documentos. Ainda sobre essa classificação, Sobral (2009) explica que:

Os gêneros que se originam nas esferas cotidianas são os gêneros primários, modalidades menos complexas, advindos de interações verbais espontâneas, quer dizer, não elaboradas no ambiente da cultura letrada. Delas derivam, nas esferas culturais letradas, os “gêneros secundários”, modalidades mais complexas, principalmente escritas (SOBRAL, 2009, p. 121-122).

Dessa forma, entendemos que esses lugares sociais, denominados por Bakhtin como esferas comunicativas, subdividem-se em: esferas do cotidiano (familiares, íntimas, comunitárias etc.), que dão origem aos gêneros primários; e esferas dos sistemas ideológicos constituídos (da moral social, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa etc.), que, por sua vez, dão origem aos gêneros secundários. Os participantes da comunicação ocupam, em cada uma dessas esferas comunicativas, determinados lugares sociais que os levam a adotar gêneros específicos de acordo com suas finalidades ou intenções comunicativas.

Para Bakhtin (2003), os gêneros primários surgem a partir da interação verbal espontânea. Os gêneros secundários, entretanto, não são tão espontâneos, precisam de uma elaboração. No entanto, hoje as diferenças são mais complexas, já que os gêneros primários, que são próprios da oralidade e da vida cotidiana, mesclam-se aos secundários, característicos da escrita e de circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais elaborada. Fiorin (2006) cita a piada, o bate-papo, a conversa telefônica e o bilhete como exemplos de gêneros primários, e as esferas jornalística, religiosa, jurídica, política, entre outras, como pertencentes ao grupo dos gêneros secundários.

Os gêneros secundários têm a capacidade de absorver os gêneros primários, que se transformariam no interior dos primeiros, perdendo, então, propriedade de relação instantânea com o contexto material de produção. No entender bakhtiniano, os gêneros primários podem ser absorvidos pelos gêneros secundários, no momento em que estão sendo elaborados por serem mais passíveis de uma compreensão responsiva. De certa maneira, o produtor do enunciado, no momento de elaboração, já está processando as informações e respondendo ao enunciado, mesmo que silencie a sua resposta, enquanto, nos gêneros secundários, muitas vezes, é mais comum se pensar em compreensão responsiva de ação um pouco mais demorada devido à complexidade daquelas atividades de comunicação. No que tange a nossa pesquisa, a reportagem pode ser categorizada como pertencente ao grupo dos gêneros secundários, uma vez que esse gênero advém de um convívio social mais complexo e são institucionalizados, assim como os romances e os textos acadêmicos, por exemplo. A complexidade da produção de uma reportagem, ao exigir

que este absorva, pelo menos, um gênero primário, como a conversa cotidiana, também o caracteriza como um gênero secundário (cf. GRILLO, 2008; SILVA, 2008).

Para Fiorin (2006), essa propriedade dos gêneros de absorver o outro e transformá-lo ocorrem devido ao gênero primário perder sua relação com o contexto imediato, como também seu vínculo com os enunciados concretos dos outros. A este respeito, Bakhtin acrescenta que:

Os gêneros da complexa comunicação cultural, na maioria dos casos, foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado. Tudo o que aqui dissemos refere-se igualmente, *mutatis mutandis*, ao discurso escrito e ao lido (BAKHTIN, 2003, p. 304, grifos do autor).

Fiorin (2006, p. 70) também acredita na interdependência entre os gêneros primários e secundários. Para ele, os secundários valem-se dos primários, mas os primários também podem absorver os secundários. Ele exemplifica esse último caso ao afirmar que uma conversa informal entre amigos pode adquirir a forma de uma dissertação filosófica.

Com base nos pressupostos expostos acima, compreendemos que Bakhtin prima por valorizar, no que diz respeito à constituição dos gêneros do discurso, “as esferas de usos da linguagem que não estão circunscritas aos limites de um único meio” (MACHADO, 2010, p. 163). Essa perspectiva permitiu, então, que fossem explorados gêneros em domínios que vão além da oralidade, como os meios de comunicação de massa ou as mídias eletrônico-digitais. Sobre isso, Machado afirma:

Ao desenvolver uma teoria sobre gêneros a partir das esferas de uso da linguagem, Bakhtin cria uma metodologia de análise semiótica que se torna um outro argumento muito forte contra Aristóteles, imprimindo mais rigor à propriedade de seu pensamento quando da análise das mensagens em sistemas semióticos, sejam ritos, meios ou as modernas mídias (MACHADO, 2010, p. 163).

Dessa maneira, entendemos que a teoria bakhtiniana não busca adotar somente critérios linguísticos, mas enunciativos. Ela tornou-se referência por introduzir as instâncias reais de uso da língua, determinada em função da especificidade da esfera em que ocorre, da interação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto de sentido) e do conjunto constituído pelos participantes da interação verbal.

2. A NOÇÃO DE DISCURSO DE OUTREM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores.

Mikhail Bakhtin

O discurso citado, ou seja, “a presença explícita da palavra de outrem nos enunciados” (FARACO, 2003, p. 123), evidencia aquilo que é, de fato, um pilar nos estudos do Círculo: a relação – sempre histórica – “eu-outro”. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, por exemplo, quando os autores estudam o recurso ao discurso de outrem, defendem que este se trata de “discurso no discurso, enunciação na enunciação e, ao mesmo tempo, de discurso sobre discurso, enunciação sobre enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150). De forma a justificar essa afirmação, Bakhtin/Volochínov (1995, p. 150-151) utilizam como argumento principal a tese de que, embora a citação seja tema em relação ao que se enuncia, no discurso citado, integra-se à sintaxe do discurso que cita. Diante disso, Bakhtin/Volochínov (1995) preocupam-se em estudar esse fenômeno não somente pelo viés dos estudos sintáticos, mas levando em conta também a perspectiva enunciativa.

A noção de discurso citado também é definida pelo Círculo como correspondente às formas linguísticas de representação do discurso alheio, sendo este entendido como a representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso. É importante salientar também que o trabalho em torno do discurso de outrem e das estratégias de citação não se limita apenas a uma vertente dos estudos da enunciação, uma vez que a citação não se configura apenas como um processo de organização sintática no discurso, mas da própria estruturação do discurso de outrem. De acordo com os autores, “o discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150, grifo do autor). Destarte, para que possa ser compreendido o funcionamento da citação, faz-se necessário manter em mente a formulação do *discurso que cita* e do *discurso citado* de forma simultânea.

Levando-se em conta a concepção da linguagem pensada por Bakhtin e seu Círculo de estudos, que a conceituam, tanto no nível social quanto no individual, como heterogênea, compreende-se que nosso discurso está carregado do discurso do outro, pois

falamos através da palavra alheia. Isso ocorre devido ao fato de sermos sujeitos situados, tanto histórica como ideologicamente, em contextos sociais. Bakhtin/Volochinov (1995) esclarecem que todo discurso é dialógico, que o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, pois se realiza através da linguagem. Eles asseveram que, na verdade, é da natureza dos sujeitos falantes permitir que o outro ocupe um lugar em nosso discurso, que fale em nossas palavras. Este outro é, no pensar de Bakhtin/Volochinov (1995), uma dimensão constitutiva da linguagem, de modo que podemos inferir o caráter constitutivamente dialógico de todo e qualquer enunciado que produzimos. Em consonância com o pensamento bakhtiniano, Cazarin (2005) assevera que “as palavras do ‘outro’ são tratadas de maneiras diversas: fundem-se as vozes; ignora-se a origem; servem para reforçar ideias do ‘um’; servem para contrapor e refutar ideias e, assim por diante” (CAZARIN, 2005, p. 135).

Em seu ensaio sobre a ficcionalidade nas vozes discursivas, Machado (1995) explica que, conforme acreditava Bakhtin, o gênero romanesco deveria ser lido como um *texto entre aspas*. Para a autora, a enunciação reproduzida no romance tem como característica a emissão não somente de uma voz narradora, mas também a transmissão, pelo autor, do discurso de outrem. Machado defende, então, à luz da teoria bakhtiniana, que “a teoria do discurso citado investiga as formas de transmissão a que estão sujeitas a palavra do outro no romance” (MACHADO, 1995, p. 110). A autora acrescenta que:

O texto do romance fala com enunciações articuladas, com o contexto da fala onde se situa o não-dito e com pensamentos, inclusive com memórias de épocas e gêneros. Por isso, o texto do romance é sempre um *discurso citado*, conceito formulado por Bakhtin como forma de apreender a palavra em sua ficcionalidade, onde ela não só representa, mas ela própria é objeto de representação. Como veículo de representação, a palavra se reporta à composição temática; como objeto, ela é discurso dos personagens, do narrador, do gênero, do momento histórico ou, como preferiu Bakhtin, é voz (MACHADO, 1995, p. 109).

Sobre a dinâmica que envolve a recepção ativa do enunciado de outrem e sua respectiva transmissão no interior de um contexto, Bakhtin/Volochinov (1995) destacam que a pessoa à qual os enunciados estão sendo transmitidos deve ser levada em conta no processo de comunicação. Para os autores, orientar a enunciação para uma terceira pessoa é de grande relevância para ratificar a influência das tendências sociais organizadas e estáveis na compreensão dos discursos (cf. Bakhtin/Volochinov, 1995). Ponzio (2008) endossa essa tese ao afirmar que a relação com a voz do outro não é unilateral, pois ela é direcionada para um terceiro interlocutor: o destinatário.

Assim, no processo de interação, há, pelo menos, três participantes: eu, a pessoa a quem eu cito e a pessoa a quem eu me dirijo. Essa concepção assegura que a relação entre interlocutores é, portanto, triangular. Dessa forma, todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos presentes no discurso, como no discurso direto, ou de maneira implícita e menos marcada, como ocorre no discurso indireto e indireto livre.

É preciso destacar também que o funcionamento do discurso citado sofre a influência dos gêneros discursivos e do contexto sócio-histórico, o que infere dizer que as formas do discurso citado não são estáticas, pois sofrem variações. Em face da atitude responsiva ativa¹⁰ do outro perante o enunciador, o enunciado pressupõe sempre, conforme Bakhtin (2010a), uma apreciação valorativa. Por conta disso, o discurso alheio está sujeito a diversas interpretações, (re)considerações, (re)acentuações, enfim, a transformações de sentido (cf. RAMOS, 2010), já que não podemos “separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolivelmente ao outro” (BAKHTIN, 2010a, p. 141).

Os pressupostos de Bakhtin e do Círculo que se fundamentam na natureza dialógica e heterogênea inspiraram, de maneira significativa, as correntes de estudo da Análise do Discurso. Ao propor a teoria da heterogeneidade¹¹, a Análise do Discurso de linha francesa, por exemplo, fundamentou-se nas reflexões bakhtinianas acerca da perspectiva dialógica da linguagem. Para a escola francesa, a linguagem é vista como heterogênea, ou seja, “o discurso é tecido a partir do discurso do outro, que é o ‘exterior constitutivo’, o ‘já dito’ sobre o qual qualquer discurso se constrói” (FIORIN, 1996, p. 128). A noção de intertextualidade, presente na teoria de Norman Fairclough, importante nome da Análise do Discurso Crítica, também tem a sua origem nas reflexões bakhtinianas sobre a multiplicidade de vozes que constituem os discursos, uma vez que o conceito de

¹⁰ Para mais detalhes sobre o conceito bakhtiniano de responsividade ativa, conferir a definição do termo no primeiro capítulo deste trabalho, no tópico 1.1.3.

¹¹ À luz do pensamento bakhtiniano, Authier-Revuz (1982) entende que o discurso citado – em sua terminologia, o discurso relatado – representa uma das formas da heterogeneidade mostrada do discurso, isto é, as formas linguísticas de representação do sujeito que apresentam o outro nas formas discursivas (discurso direto, indireto e indireto livre, aspas, ironia). Em consonância com a noção bakhtiniana de dialogismo, a autora defende que o sujeito, enquanto produto do social, interage com diversos discursos. Além da heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1982) também destaca a existência da heterogeneidade constitutiva. Maingueneau (1993) define a heterogeneidade constitutiva como a presença de outros discursos de maneira “não marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva” (MAINGUENEU, 1993, p. 75). Para o referido autor, a identidade de um discurso se constitui e se alimenta através de outros discursos, ou seja, do interdiscurso.

intertextualidade¹², que lhe endossa a teoria, surgiu nos anos 60, formulado por Julia Kristeva como um desdobramento do dialogismo bakhtiniano. Para a autora, "todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação em outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se o de intertextualidade" (KRISTEVA, 1969, *apud* FERRAZ, 2009, p. 2). É a partir dessa visão dialógica da linguagem, percebida através da pluralidade de vozes que se entrelaçam da construção do romance, que Kristeva avança na constituição da noção de intertextualidade.

A proposta deste capítulo é, então, discutir o conceito proposto por Bakhtin e seu Círculo de estudos acerca do Discurso de Outrem, de forma a entender o funcionamento discursivo dessa categoria linguístico-discursiva no interior das enunciações. Para efeito de organização deste capítulo, iremos, portanto, tratar das reflexões sobre essa categoria e de seus desdobramentos em três importantes obras pertencentes ao Círculo. Em *Questões de literatura e de estética* (2010a), na qual Bakhtin apresenta, com base no gênero romanesco, os conceitos de palavra autoritária e palavra interiormente persuasiva. Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010b), em que o filósofo russo, ao analisar o romance dostoiévskiano, define três tipos de discurso: o diretamente referencial, o objetificado e o orientado para o discurso do outro. E, por fim, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995), em que Bakhtin/Volochínov dedicam-se a analisar as principais complexidades dos problemas sintáticos na linguagem, nas quais a presença da palavra do outro ganha destaque. Assim, os autores apresentam os esquemas de citação da palavra de outrem (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre) e suas respectivas variantes.

2.1. A palavra autoritária e a palavra internamente persuasiva em *Questões de Literatura e de Estética*

Questões de literatura e de estética é uma coletânea de ensaios produzidos por Bakhtin (2010a) entre 1924 e 1941. Dele, interessa-nos o capítulo "A pessoa que fala no romance", no qual o autor russo analisa as formas de introdução da fala de outrem no discurso do autor, sob a forma dissimulada, ou seja, sem indicação da presença de outrem

¹² Em *Discurso e mudança social*, Fairclough (2008) utiliza a categorização proposta por Authier-Revuz (1982) e Maingueneau (1993) para as formas de intertextualidade. A intertextualidade manifesta, na qual outros textos podem ser identificados facilmente no texto em análise, pois estes estão referidos de forma explícita; e a intertextualidade constitutiva, que permite a identificação dos tipos de discurso que o estão constituindo, por meio da análise das configurações de tipos de texto ou de convenções discursivas. Para esse tipo de intertextualidade, Fairclough (2008) utiliza o termo interdiscursividade. Dessa forma, a depender do grau de heterogeneidade do texto sob análise, podemos observar uma "superfície textual desigual e 'acidentada' ou relativamente regular" (FAIRCLOUGH, 2008, p. 137).

em seu discurso; e as construções híbridas, cujos índices gramaticais (sintáticos) e composicionais apontam para um falante, mas contém dois enunciados e duas perspectivas semânticas. Ainda sobre esta parte da obra, é possível observar no discurso bakhtiniano uma preocupação em dar voz a um personagem, ou seja, em permitir que a narratividade seja conduzida por suas palavras, já que ele não carrega em si um dialeto individual, mas sim uma linguagem social. É por este motivo que, apesar de o plurilinguismo ficar no exterior do romance, as diversas línguas que o constituem não podem ser esquecidas.

Em sua concepção sobre o plurilinguismo – ou *raznorechie*, para se utilizar o termo em russo –, Bakhtin explica que este consiste no conjunto de linguagens diferentes que compõem o discurso do narrador/romancista. Para ele, "a linguagem é dada ao romancista estratificada e dividida em linguagens diversas" (BAKHTIN, 2010a, p. 134). No entanto, o plurilinguismo, materializado nas figuras das pessoas que falam no romance, não surge de uma transcrição das línguas sociais, mas de uma representação dessas línguas.

Todas as linguagens do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio básico de seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetivas, semânticas e axiológicas. Como tais, todas elas podem ser confrontadas, podem servir de complemento mútuo entre si, oporem-se umas às outras e se corresponder dialogicamente. Como tais, elas se encontram e coexistem na consciência das pessoas, e antes de tudo na consciência criadora do romancista (BAKHTIN, 2010a, p. 98-99).

O autor russo afirma também que o romance é o lugar propício do plurilinguismo e, por conta disso, aquele não pode esquecer ou ignorar a existência das diversas linguagens que o circundam. Tendo em vista essa presença constante do plurilinguismo no romance, Bakhtin (2010a) acredita que diversas vozes sociais penetram no romance por meio, principalmente, das personagens que o constituem, seja materializando-se nas falas das pessoas, seja como um fundo ao diálogo. Para Bakhtin (2010a), "não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras" (BAKHTIN, 2010a, p. 137). Sobre o homem que fala no romance, uma das grandes questões que norteiam o plurilinguismo, Bakhtin argumenta:

o homem no romance é essencialmente o homem que fala; o romance necessita de falantes que lhe tragam seu discurso original. [...] O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um "dialeto individual". O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideologema* (BAKHTIN, 2010a, p. 134-135).

Bakhtin esclarece, então, que a introdução do plurilinguismo no romance é o discurso de outrem na linguagem de outrem, uma vez que, no todo artístico desse gênero, existe um complexo jogo de linguagens envolvendo diversas línguas sociais, pelo qual o narrador direciona todas as palavras para vozes alheias. Assim, o narrador, liberto de sua própria linguagem, desloca-a para outrem ao mesmo tempo em que se desloca para outra linguagem (BAKHTIN, 2010a, p. 127), ou seja, no romance, o reconhecimento de sua própria linguagem realiza-se numa linguagem do outro, o reconhecimento de sua própria visão na visão de mundo do outro (idem, p. 162).

Com relação ao herói do romance, Bakhtin explica que a ação deste está em constante harmonia com as suas concepções ideológicas. Conforme o autor, o herói romanesco “vive e age em seu próprio mundo ideológico, ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra” (BAKHTIN, 2010a, p. 137). Contudo, conforme o autor, é impossível determinar a posição ideológica das personagens que constituem o romance sem a devida representação de seu discurso. Isso se deve porque, de acordo com Bakhtin, “é impossível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras” (BAKHTIN, 2010a, p. 137). Assim, no romance, as palavras do herói estarão sempre imbricadas às palavras do autor, por meio de suas ressonâncias.

Para o filósofo russo, no interior das relações sociais, nosso discurso está carregado do discurso de outrem, como também de suas transmissões e representações. Para ele, os indivíduos falam sobre o cotidiano a partir da palavra alheia e de suas réplicas acerca desse discurso que ele cita. Bakhtin (2010a) afirma também as palavras de outrem são transmitidas em todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade em todos os domínios da vida e da criação ideológica. Ainda sobre o discurso de outrem na prosa romanesca, Bakhtin assevera que:

Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso (BAKHTIN, 2010a, p. 139).

Acerca da constante presença da voz do outro em nosso discurso cotidiano, Bakhtin acrescenta ainda que “a todo instante se encontra nas conversas ‘uma citação’ ou ‘uma referência’ àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que ‘se diz’ ou àquilo que ‘todos dizem’” (BAKHTIN, 2010a, p. 140). O autor afirma também que:

O romancista pode também não dar ao seu herói um discurso direto, pode limitar-se apenas a descrever suas ações, mas nesta representação do autor, se ela for fundamental e adequada, inevitavelmente ressoará junto com o discurso do autor também o discurso de outrem, o discurso do próprio personagem (BAKHTIN, 2010a, p. 137).

Assim, levando em conta as reflexões bakhtinianas, Campos (2009) distingue três aspectos que caracterizam o homem que fala no romance: 1) sua representação artística do homem que fala e sua palavra, sendo esta representada artisticamente pelo próprio discurso do autor (em decorrência disso, é preciso destacar que esse discurso representado deve ser diferenciado dos outros objetos da palavra, inanimados); 2) seu discurso do sujeito que fala, tendo em vista que este utiliza “uma linguagem social, e não um dialeto individual” (BAKHTIN, 2010a p. 135); 3) sua ideologia, uma vez que a sua palavra, a qual Bakhtin denomina *ideologema*, representa um ponto de vista particular do mundo.

Conforme ainda Campos (2009), tais dimensões do papel do discurso alheio “são perpassados por dois tipos de palavra: a *autoritária* e a *interiormente persuasiva*” (CAMPOS, 2009. p. 126). A autora destaca a profunda diferença entre tais palavras, ressaltando que podem se unir em uma só palavra, entretanto, de forma rara. A palavra autoritária – religiosa, política, moral, a palavra do pai, dos adultos, dos professores etc. – carece de persuasão interior para a consciência, pois já a encontramos atrelada à autoridade. A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, uma vez que ela está ligada ao passado hierárquico. Clark e Holquist (2008) afirmam que “o modo como o discurso é ordenado em dada sociedade é o registro mais sensível e compreensivo de como são ordenadas todas as suas práticas ideológicas, inclusive religião, educação, organização do Estado e política” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 255). Dessa forma, a cultura de uma sociedade pode ser mais aberta ou fechada, a depender do grau de autoridade dos discursos que as formam.

Embora traga para torno de si “massas de outras palavras, que a interpretam, exaltam ou aplicam” (BAKHTIN, 2010a, p. 143), a palavra autoritária pede que haja certo distanciamento em relação a si própria. Isso ocorre por conta da palavra autoritária encontrar-se ligada à autoridade, fato este que pode afetar significativamente sua relação com a palavra outra. Dessa forma, a palavra autoritária isola-se dessas palavras, não se misturando a elas para a construção de novos sentidos. O rigor da palavra autoritária é constituído sócio-historicamente e caracteriza-se por ser incontestável, autoritário e hierárquico, dado que se vincula a situações sócio-históricas hierárquicas. Destaca-se também como características da palavra autoritária o seu poder de definir e circular pelas esferas oficiais da sociedade; de representar as vozes religiosas, morais, científicas,

políticas, dos professores, entre outras. Este estilo de palavra caracteriza-se por ser inerte e resistente às relações dialógicas e, portanto, às reacentuações e à bivocalidade. Bakhtin acredita que:

A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi reconhecida no passado [...] Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão (BAKHTIN, 2010a, p.143).

A palavra interiormente persuasiva, por sua vez, carece de autoridade; revela possibilidades diferentes das provenientes da palavra autoritária. Segundo Bakhtin (2010a), este tipo de palavra “é determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual” (BAKHTIN 2010a, p. 145). Esse estilo de discurso é considerado metade nosso, metade de outrem. Ao contrário da palavra autoritária, a palavra interiormente persuasiva não se submete a qualquer autoridade, sendo muitas vezes desconhecida e até privada de legalidade. A palavra interiormente persuasiva também se diferencia da autoritária na medida em que seu processo de assimilação se dá no entrelace com as palavras próprias do locutor, com as nossas próprias palavras. As possibilidades reveladas pelo discurso interiormente persuasivo também são significativamente diferentes na medida em que este permite que as nossas palavras se entrelacem com as palavras de outrem. Esse entrelaçamento é determinante no processo de transformação da consciência ideológica individual e na busca de uma vida ideológica independente. De acordo com Bakhtin:

Nossa transformação ideológica é justamente um conflito tenso no nosso interior pela supremacia dos diferentes pontos de vista verbais e ideológicos, aproximações, tendências, avaliações. A estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um dos seus novos contextos dialogizados (BAKHTIN, 2010a, p. 146).

Assim, com base na natureza dialógica da linguagem, pode-se concluir que tanto a palavra autoritária quanto a palavra interiormente persuasiva são marcadas por posições ideológicas conflitantes. A diferença entre ambas está, portanto, no fato de que, enquanto a primeira, revestida de um valor dogmático, busca calar essas posições conflitantes e manter-se soberana em relação às outras vozes, ecoando uma verdade absoluta, a segunda reconhece a variedade, a complexidade, o conflito e o caráter histórico dos valores das sociedades, tornando-os objeto de apreciação, discussão, negociação, e possibilitando,

dessa forma, a transformação ideológica dos participantes envolvidos na interação. Tendo em vista tais características, compreende-se que essa categorização das vozes que compõem o discurso proposta do Bakhtin em *Questões de literatura e de estética* será, assim como as outras categorias apresentadas neste capítulo, de grande valia à presente pesquisa, uma vez que esta envolve questões políticas em conflito com o discurso dos menos favorecidos.

2.2. O discurso monovocal e o bivocal em *Problemas da Poética de Dostoiévski*

Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010b), Bakhtin dedica-se a analisar a personagem dialógica dostoiévskiana, enfatizando que o discurso do autor sobre o herói é o discurso sobre o discurso¹³. Ao reintegrar sujeito e linguagem, Bakhtin encontra na personagem de Dostoiévski a corroboração de seus estudos sobre o dialogismo. Esta obra, então, configura-se como uma leitura essencial para a compreensão de diversos conceitos que permeiam o pensamento bakhtiniano, tais como romance polifônico, alteridade, vozes, polifonia, gênero, diferenças entre diálogo e dialogismo (cf. BRAIT, 1997). Neste tópico, debruçar-nos-emos na discussão acerca da visão de Bakhtin em *Problemas da Poética em Dostoiévski* (2010b) sobre o discurso, sobretudo na sua reflexão acerca do discurso *bivocal*, aquele que se utiliza da voz do outro. Para o autor, o *discurso bivocal* é o principal objeto que constitui a comunicação dialógica, uma vez que surge de maneira inevitável nas condições reais de vida da palavra concreta. Compreender essa obra, portanto, é de suma importância para os estudos da linguagem, seja pelo viés artístico ou não.

Bakhtin esclarece também que, apesar de a Linguística **de seu tempo** desconhecer ou até mesmo ignorar os elementos não verbais do discurso – conceito este defendido por ele como “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010b, p. 207) –, ele será o principal enfoque no estudo da metalinguística¹⁴, disciplina criada pelo

¹³ Vimos algumas semelhanças entre essa discussão exposta em *Questões de literatura e de estética* (2010a) e a discussão desenvolvida por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995). Nesta, os autores afirmam que o discurso de outrem é “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 147).

¹⁴ O conceito de *metalinguística* também pode ser denominado de “translinguística”. Tal designação pode ser encontrada, por exemplo, em Todorov (1980) e Clark e Holquist (2008). Essa opção parece ser coerente ao propor, por meio do prefixo “trans”, o movimento de ir “além da” linguística do sistema a partir de uma disciplina

filósofo russo para estudar os aspectos da vida do discurso que surgem no âmbito da comunicação dialógica. A proposta de Bakhtin é ir além de uma análise dos fatos da língua e tomar como objeto a natureza dialógica do homem por meio da linguagem. Entretanto, é importante frisar que Bakhtin não tem interesse em valorizar a metalinguística em detrimento da linguística. Sua proposta consiste em buscar conciliar as duas formas de se observar a linguagem, que veem o seu principal objeto de estudo – o discurso – sob perspectivas diferentes que não se excluem, e sim se complementam.

As pesquisas linguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Na prática, os limites entre elas são violados com frequência (BAKHTIN, 2010b, p. 207).

Segundo Grillo (2006), a epistemologia de uma metalinguística funda-se, então, sobre três aspectos: a complementaridade em relação à linguística de sua época, a delimitação de um objeto de pesquisa e a proposição de um campo de fenômenos a estudar. Bakhtin (2010b) critica a abordagem que se limita ao enfoque linguístico e estilístico. Para ele, essa postura confere ao discurso um contexto monológico, no qual a enunciação é definida em relação ao seu objeto, como também por palavras do seu mesmo contexto. As relações dialógicas, conforme o autor russo, são extralinguísticas, portanto são objetos de estudo da metalinguística. A esse respeito, Bakhtin entende que:

A linguística conhece, evidentemente, a forma composicional do “discurso dialógico” e estuda as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. Mas ela as estuda como fenômenos puramente linguísticos, ou seja, no plano da língua, e não pode abordar, em hipótese alguma, a especificidade das relações dialógicas entre as réplicas. Por isso, ao estudar o “discurso dialógico”, a linguística deve aproveitar os resultados da metalinguística (BAKHTIN, 2010b, p. 209).

É em *Problemas da Poética de Dostoiévski* que Mikhail Bakhtin ocupa-se em estabelecer as diferenças entre monovocalidade, palavra na qual ouvimos somente a voz do autor, expressando a intenção de uma única voz, e bivocalidade, palavra esta que expressa simultaneamente intenções diferentes de dois locutores distintos. Neste caso, a intenção direta da personagem e a intenção refratada do autor. Assim, o filósofo propõe-se distinguir o discurso no qual o herói é coisificado, isto é, no qual o personagem é somente descrito pelo narrador que detém a voz no romance, e o discurso no qual o que se representa não é

de base (linguística), assinalando uma complementação entre ambas. É importante destacar também que o termo *metalinguística* foi substituído por *translinguística* numa de suas primeiras divulgações no Ocidente, via Julia Kristeva, sendo este termo adotado na tradução francesa de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, de 1970.

mais uma personagem caracterológica ou tipicamente determinada (cf. BAKHTIN, 2010b, p. 214), mas a própria inconclusibilidade do homem, de sua consciência. O autor acrescenta que é fundamental a realização de uma classificação completa dos discursos, tendo em vista a existência de “discursos duplamente orientados, que compreendem como momento indispensável à relação com a enunciação de um outro” (BAKHTIN, 2010b, p. 213). As diversas formas de heterogeneidade (estilização, paródia, *skaz*¹⁵ e diálogo) presentes nesses discursos duplamente orientados é que justificam a necessidade de sua diferenciação.

Para tanto, o teórico russo faz uma divisão entre os tipos de discurso em uma narrativa. O discurso do primeiro tipo, que tem como objetivo a compreensão direta do seu objeto¹⁶, é chamado por ele de *discurso referencial direto*, tipo este que está orientado de forma imediata para o seu referente e se configura como a palavra do autor. Nesse discurso, o tratamento estilístico é dado com base em sua significação diretamente referencial, adequando-se ao seu objeto. Bakhtin teoriza que é possível notar no falar bakhtiniano que, no caso do discurso referencial direto, por mais que saibamos da existência de outros discursos no interior deste, este fato não fará diferença no contexto desse primeiro tipo de discurso. Nas palavras de Bakhtin:

O discurso referencial direto conhece apenas a si mesmo e a seu objeto, ao qual procura ser adequado ao máximo. Se nesse caso ele imita alguém, aprende com alguém, isso não muda absolutamente a questão: são aqueles andaimes que não fazem parte do conjunto arquitetônico, embora sejam indispensáveis e levados em conta pelo construtor (BAKHTIN, 2010b, p. 214).

O segundo tipo é o *discurso objetificado*, que é o discurso da personagem (da pessoa representada). Sobre esse tipo de discurso, Bakhtin (2010b) exemplifica como sendo o seu tipo mais difundido o *discurso direto dos heróis*. Neste caso, é possível observar a presença de dois centros do discurso e duas unidades de discurso distintas – a enunciação do autor e a enunciação do herói, esta representada por meio do discurso direto. Contudo, esse tipo de discurso não possui autonomia no processo de produção do sentido, uma vez que ele está subordinado à palavra e, conseqüentemente, à intenção do autor. Com relação à elaboração estilística do discurso objetificado, Bakhtin argumenta que

¹⁵ Para Bakhtin (2010b, p. 218), o conceito de *skaz* “é introduzido precisamente em função da voz do outro, voz socialmente determinada, portadora de uma série de pontos de vista e apreciações, precisamente as necessárias ao autor”.

¹⁶ Para Russo (2009, p. 61), este objeto ao qual Bakhtin se refere “é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz – esse coro de vozes cria o fundo necessário para a voz central, sem a qual não há coro, as vozes ‘não ressoam’”.

este tipo de discurso, por depender do contexto do autor, subordina-se às suas atividades estilísticas. Sobre esta relação entre estilos, Bakhtin explica:

A elaboração estilística do discurso objetificado, ou seja, do discurso da personagem, subordina-se às tarefas estilísticas do contexto do autor – instância suprema e última – do qual esse discurso é um momento objetificado. Decorre daqui uma série de problemas estilísticos, relacionados com a introdução e a inclusão orgânica do discurso direto da personagem no contexto do autor. A última instância do estilo é dada no discurso direto do autor (BAKHTIN, 2010b, p. 214-215).

Bakhtin (2010b), com base nas características acima expostas, considera que os discursos do primeiro e do segundo tipo são *monovocais*, pois neles se inserem apenas a voz do autor e são orientados para o mesmo objeto. Em outras palavras, tanto do discurso referencial direto quanto o discurso objetificado possuem um único objeto em foco e, por conta disso, “ouve-se” apenas a voz do autor nesses dois casos. Entretanto, no discurso objetificado, ocorre a sua orientação para o mesmo objeto do discurso do primeiro tipo, contudo ele mesmo é objeto da orientação do autor. Todavia, apesar de tal fenômeno ocorrer, Bakhtin explica que “o discurso objetificado soa como se fosse um discurso direto de uma só voz” (BAKHTIN, 2010b, p. 216). Tendo em vista tais características, esse tipo de discurso será de grande valia para a análise do corpus proposto em nossa pesquisa, uma vez que este se trata de reportagens que, apesar de se “ouvir” somente a voz do repórter, fica claro que ali existem um emaranhado de outras vozes, que se fazem ouvir por meio do discurso do narrador.

Já o terceiro tipo de discurso é o *bivocal*, que é orientado para o discurso do outro. Diferentemente do segundo tipo, as vozes que constituem o terceiro tipo de discurso são equivalentes no que diz respeito ao seu valor significativo e, por isso, dialogam entre si, seja em concordância ou não. Sobre este tipo de discurso, Bakhtin (2010b, p. 216-217) afirma que “esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como de um outro. Em um só discurso ocorrem duas orientações semânticas, duas vozes. Assim é o discurso parodístico, assim é a estilização, assim é o *skaz* estilizado”. Amparando-se nos pressupostos bakhtinianos, Russo (2009) busca diferenciar esses dois exemplos de discurso bivocal: a paródia e a estilização. Para isso, este autor se apoia nos recursos estilísticos utilizados por ambos os estilos de discursos bivocais. Primeiramente, levando-se em conta os desvios dos textos originais, Russo (2009, p. 67) defende que a paródia, para a sua construção, deve realizar um grande desvio do texto que a inspirou, técnica esta que propicia “uma riqueza intensa na aproximação de contrastes”. A estilização, por sua vez, não nega o texto original. Pelo contrário, inspira-se nele. Russo explica que a estilização que “não provoca rupturas,

confirma o texto original, apenas impondo a voz de um novo autor, com outra leitura” (RUSSO, 2009, p. 68).

Sanches (2009, p. 126) acrescenta que, na estilização, o autor trabalha o ponto de vista do outro, aquele discurso que, em determinada época, já teve significação direta e imediata, "exprimindo a última instância da significação. Esse discurso é colocado pelo autor a serviço de seus planos, ou seja, serve a novos fins, sempre imbuído de seriedade". Outra diferença que podemos perceber entre esses dois estilos é que, na paródia, a voz do autor apresenta-se maior do que a do autor do texto original, produzindo um efeito de quase apagamento do original, ao qual a paródia se sobrepõe. Na estilização, isso não ocorre, pois, neste caso, as vozes têm o mesmo peso, equivalem-se, e o original permanece forte: a estilização lhe dá mais autoridade e notoriedade. Bakhtin (2010b) também nos apresenta como exemplo de discurso bivocal o *skaz*, recurso que o autor situa como uma estilização ou como uma narração. Nas palavras de Bakhtin:

O elemento do *skaz*, ou seja, da orientação para o discurso falado, é obrigatoriamente próprio de toda narração. Mesmo sendo o narrador representado como escrevendo a sua história e dando-lhe um certo acabamento literário, seja como for não é um profissional das letras, não possui um estilo definido, mas tão-somente uma determinada maneira social e individual de narrar, que tende para o *skaz* verbal. Se, contudo, ele possui certo estilo literário, que é reproduzido pelo autor a partir da pessoa do narrador, então estamos diante da estilização e não da narração (a estilização pode ser introduzida e motivada de diversos modos) (BAKHTIN, 2010b, p. 218).

Outro fenômeno pertencente ao terceiro tipo de discurso é a *Icherzählung*, que consiste na narração em primeira pessoa. Contudo, conforme Bakhtin (2010b), é uma forma análoga à narração do narrador. Essa distinção se deve, de acordo com o filósofo, porque “às vezes a *Icherzählung* é determinada pela orientação centrada no discurso do outro. [...] ela pode aproximar-se e, por último, fundir-se com o discurso direto do autor, isto é, pode trabalhar com o discurso monovocal do primeiro tipo” (BAKHTIN, 2010b, p. 221). Canan (2007, p. 34) destaca que, como na estilização e no *skaz*, na *Icherzählung* “prevalecem as intenções do autor, mesmo incluindo o discurso do outro”. Ainda sobre este tema, Bakhtin (2010b) chama a atenção para o fato de que tais formas composicionais são resolvidas a questão do tipo de discurso. Isso quer dizer que, por mais que Bakhtin tenha dividido essas formas composicionais em tipos de discurso, essa definição não é fixa. Para o autor, as formas composicionais, como o *skaz*, a narração do narrador, a *Icherzählung*, entre outras, “tendem para um determinado tipo de discurso, mas não estão forçosamente ligadas a ele” (BAKHTIN, 2010b, p. 221). Ele também afirma que:

A todos os fenômenos do terceiro tipo de discurso que até agora elaboramos – seja a estilização, o *skaz* ou a *Icherzählung* – é inerente um traço comum, graças ao qual eles constituem uma variedade especial (a primeira do terceiro tipo). Esse traço comum consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para as suas próprias intenções. A estilização estiliza o estilo do outro no sentido das próprias metas do autor. O que ela faz é apenas tornar essas metas convencionais. O mesmo ocorre com a narração do narrador, que, refratando em si a ideia do autor, não se desvia de seu caminho direto e se mantém nos tons e entonações que de fato lhe são inerentes. Após penetrar a palavra do outro e nela se instalar, a ideia do autor não entra em choque com a ideia do outro, mas a acompanha no sentido que esta assume, fazendo apenas esse sentido tornar-se convencional (BAKHTIN, 2010b, p. 221).

Por fim, Bakhtin (2010b) apresenta-nos a última variedade do discurso bivocal. A polêmica velada é um recurso no qual o autor mantém a palavra outra fora dos limites do seu discurso, todavia leva-o em conta e se refere a ele. Segundo o autor, na polêmica velada, o discurso do autor é direcionado para o seu objeto, porém ele refuta o discurso do outro sem operar diretamente com ele, deixando-o subentendido, em referência indireta. Na polêmica velada, o discurso do autor se constrói de maneira a responder e atacar de modo polêmico o discurso do outro sobre o mesmo objeto. O choque entre os dois discursos incide sobre o objeto, entretanto o discurso do outro não se mostra explicitamente, só indiretamente é referido.

Nesse caso, a voz do outro apenas é refratada na voz do autor, que é orientada para um objeto qualquer e só indiretamente ataca o discurso do outro, diferentemente da polêmica aberta, em que o discurso do autor tem o discurso do outro como seu objeto e tende a constituir dois discursos do primeiro tipo em diálogo explícito. Canan (2007) também busca diferenciar a polêmica velada da polêmica aberta ao afirmar, amparando-se na proposta de Bakhtin (2010b), que a polêmica velada se dirige para o objeto de discurso e se choca com o discurso do outro, repelindo-o. Na polêmica aberta, por sua vez, o ataque recai sobre o discurso do outro de maneira direta e explícita. A autora acrescenta que, no caso velado, esse ataque "se dá sobre o objeto, só atacando-se o discurso do outro de forma indireta" (CANAN, 2007, p. 35).

Assim, com base no terceiro tipo de discurso, Bakhtin (2010b) traça um esquema de classificação para as variedades de discurso bivocal apresentadas. Na primeira, o autor orienta a voz do outro em um mesmo plano discursivo para suas próprias intenções, havendo, portanto, concordância. Esse tipo, denominado por ele como *discurso bivocal de orientação única*, abrange da estilização à *Icherzählung* (narração da primeira pessoa). Na segunda, por sua vez, há discordância, pois é possível identificar, por maior que seja a

redução da concretude de cada voz, duas visões opostas sobre um mesmo objeto. Esse estilo, chamado por ele de *discurso bivocal de orientação vária*, pode ser visto nas diversas variedades parodísticas, por exemplo. Por fim, tem-se um discurso do *tipo ativo*, apresentado “fora dos limites do discurso do autor” (BAKHTIN, 2010b, p. 217), que vai da polêmica velada ao diálogo velado. Apesar de nele transparecer apenas uma voz, traz consigo uma “sombra” de outro discurso que influencia, mesmo que sutilmente, a formação de sentido de tal enunciado.

O *discurso bivocal* é o principal objeto de estudo da metalinguística bakhtiniana. Entretanto, apesar de seu destaque nessa disciplina, o discurso *bivocal* é desconhecido pela linguística. Devido à tamanha importância que esse conceito carrega, também é conhecido, no olhar bakhtiniano, como *herói principal*. Bakhtin defende que o referido tipo discursivo é um elemento de presença constante nas condições da comunicação dialógica, isto é, “nas condições de vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, 2010b, p. 211). Ainda sobre o discurso *bivocal*, que está presente, por exemplo, na estilização e na paródia, Bakhtin acrescenta:

Aqui a palavra tem duplo sentido, voltado para o discurso como palavra comum e para um *outro discurso, para o discurso de um outro*. Se desconhecemos a existência desse segundo contexto do discurso do outro e começarmos a interpretar a estilização ou a paródia como interpretamos o discurso comum voltado exclusivamente para o seu objeto, não entenderemos verdadeiramente esses fenômenos: a estilização será interpretada como estilo, a paródia, simplesmente, como obra má (BAKHTIN, 2010b, p. 212).

Assim, vemos que, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin propõe a criação da metalinguística, que teria por objeto principal as relações dialógicas, faz uma análise dos tipos de discurso e apresenta uma classificação do *discurso bivocal*. O bivocalismo, palavra a duas vozes, é de fato um dos recursos principais da ironia, instrumento de grande poder na comunicação oral e escrita. Na palavra a duas vozes, há dois pontos de vista, isto é, duas intenções que entram em conflito. A palavra bivocal é a reação à palavra alheia, à palavra de outra pessoa. Bakhtin/Volochínov (1995) se debruçam sobre os diferentes esquemas de transmissão do discurso – *direto, indireto e indireto livre* – e suas variantes. Para eles, as formas sintáticas se aproximam mais das formas concretas do enunciado, o que permite compreender a língua e seu papel na construção do sentido.

Além disso, o estudo das formas de transmissão da fala de outrem reflete tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*, fundamental para o estudo do diálogo. A proposta dos autores russos sobre a transmissão da palavra outra presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995) será vista na próxima seção.

2.3. O estilo linear e o pictórico no discurso citado e suas variantes em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*

A noção de discurso citado corresponde às formas linguísticas de representação do discurso alheio, ou seja, à representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso. Como foi dito outrora, é de fundamental relevância destacar que a citação do discurso do outro não é somente uma questão de estruturação sintática do enunciado e, por conta disso, não é somente aos estudos da enunciação que a teoria proposta por Bakhtin sobre este tema pertence. De acordo com Bakhtin/Volochínov (1995, p. 150, grifo dos autores), “o discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo”. Os autores afirmam também que, no ato da utilização da palavra de outrem, a palavra que cita pode ou não ressignificar a palavra citada, sem que, com isso, apague a sua origem. Por mais que se tente apagar a origem do discurso de outrem, ele reaparece, ainda que sob a forma de estranhamento - ou de “ruído” - na harmonia do texto. Dessa forma,

O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150).

Outro aspecto que Bakhtin/Volochínov questionam é o fato de que o narrador, pensado enquanto instância que detém o controle da organização do enunciado citado, o faz levando em conta uma terceira pessoa que não o próprio enunciador do discurso citado, nem o enunciador que cita: é o receptor do enunciado no qual foi incluso o fragmento citado. Conforme afirma Ponzio (2008), essa concepção assegura que a relação básica entre interlocutores é, portanto, triangular.

Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. [...] Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 152).

Dessa forma, entendemos que todo discurso está carregado do discurso do outro, pois falamos através da palavra alheia. As palavras que utilizamos não são fruto de um sistema isolado, mas sim de enunciações completas, com “determinada direção

ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis” (PONZIO, 2008, p. 101). Os discursos dos sujeitos sociais, portanto, são constituídos por discursos antes proferidos, sendo estes reorganizados dialogicamente nas falas dos sujeitos. Tais discursos podem aparecer marcados superficialmente na estrutura textual, como ocorre no discurso direto, como também de maneira mais implícita e menos marcada, aspecto recorrente no discurso indireto e o indireto livre.

Levando em conta a relação dinâmica que se estabelece entre o discurso do narrador e o discurso citado por este, Bakhtin/Volochínov (1995) descrevem duas orientações de citação da palavra do outro: o *estilo linear* e o *estilo pictórico*. O *estilo linear*, enquanto modalidade de apreensão do discurso de outrem, tem como finalidade a manutenção da integridade e da autenticidade do discurso do mesmo em relação ao discurso citado. Ao se optar por este recurso, os modelos de citação e suas respectivas variantes delimitam o discurso citado, de forma a protegê-los de eventuais entonações que o autor pode utilizar na citação. Tal estratégia permite também a preservação das peculiaridades linguísticas presentes na palavra citada.

Para Bakhtin/Volochínov (1995, p. 159), é importante determinar a hierarquia existente entre a palavra citada e o contexto narrativo interno, pois, “quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário”. Tal orientação de citação é a mais comumente utilizada em textos pertencentes ao discurso midiático, nos quais a distinção da voz do autor e a voz do outro é um fator relevante na constituição dos gêneros que constituem essa esfera. Ainda sobre o *estilo linear*, os autores afirmam que:

A tendência principal do estilo linear é criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual interno. Nos casos em que existe completa homogeneidade estilística de todo o texto (o autor e suas personagens falam a mesma língua), o discurso construído como sendo o de outrem atinge uma sobriedade e uma plasticidade máximas (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 156).

Em contrapartida, na segunda orientação para a citação da palavra outra, a língua elabora meios para adentrar na palavra citada, apagando ou, pelo menos, atenuando as fronteiras que delimitam os dois discursos. O contexto narrativo interno, pertencente ao narrador, desfaz a estrutura compactada do discurso alheio ao incutir nele suas réplicas e comentários. Essa tendência é denominada *estilo pictórico*, pois atinge os efeitos expressivos e descritivos particularmente originais do discurso citado. O estilo pictórico permite que o texto, composto por diversas vozes, torne-se individualizado, ou seja, os

diversos aspectos próprios da enunciação da palavra citada são discretamente diferenciados. A diluição dos limites da enunciação permite que o autor insira no discurso de outrem “suas entonações, seu humor, sua ironia, seu amor e seu ódio, seu entusiasmo ou seu desespero” (BAKHTIN, 2011, p. 79)¹⁷.

Essa postura, um traço do período renascentista (em especial a corrente francesa), caracteriza-se pela posição de autoridade do contexto do narrador em relação ao do herói. Nesse caso, a palavra outra é que tem seu terreno invadido e sua enunciação colorida pelo discurso do autor. Por conta dessa coloração, o discurso do herói perde seu “sentido objetual, tornando-se objeto decorativo” (BAKHTIN, 2011, p. 79). Por outro lado, é possível ocorrer casos em que a palavra outra assume um papel hierárquico de maior relevância do que a palavra citante, o que a torna mais forte que o contexto do autor que, por sua vez, é colorido pelo discurso que cita. Assim, a palavra do autor passa a perder sua objetividade e a ser percebida como tão subjetiva quanto o discurso citado. Essa tendência é vista com maior frequência nos romances russos contemporâneos, como nos contos de Dostoiévski.

Essas dinâmicas de orientação recíproca entre a palavra citante e a palavra citada expressam-se linguisticamente nos diferentes esquemas de citação da palavra do outro e suas respectivas variantes, que podem indicar as relações de hierarquia que se desenvolvem entre o contexto do herói e o contexto do autor. É com base nas duas formas de orientação da citação da palavra do outro, o *estilo linear* e o *estilo pictórico*, que Bakhtin/Volochínov (1995) categorizam as formas de citação em esquemas (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre), que possuem, por sua vez, variantes no uso da citação. Os esquemas de citação da palavra outra, como também suas respectivas variantes, estão representados no quadro abaixo:

¹⁷ A obra citada, *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*, organizada por Valdemir Miotello, é uma nova tradução da terceira parte da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, intitulada “Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas. Tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”.

ESQUEMAS	VARIANTES
➤ Discurso Direto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discurso direto preparado ✓ Discurso direto esvaziado ✓ Discurso direto antecipado e disseminado, oculto ✓ Discurso direto retórico ✓ Discurso direto substituído
➤ Discurso Indireto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discurso indireto analisador de conteúdo ✓ Discurso indireto analisador da expressão
➤ Discurso Indireto Livre	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discurso indireto livre

Quadro 1: Esquemas e variantes do discurso citado

O discurso direto¹⁸, classificação que mais possui variantes, procura apresentar objetividade e fidelidade no discurso de outrem, funcionando de um modo diferente do previsto ao indiciar a subjetividade do citante. Bakhtin/Volochínov (1995) acrescentam que esse esquema de citação pode ser reconhecido por marcas gráficas, como o itálico e por sinais como os parênteses e os pontos de exclamação e interrogação.

Em seu estudo acerca do discurso direto, Bakhtin/Volochínov (1995) identificam variantes em que se constata um estágio recíproco entre o discurso narrativo e o discurso citado. A primeira variante do discurso direto é denominada pelos filósofos russos como *discurso direto preparado*, em que o discurso direto surge dentro do indireto livre, pois a natureza desse último é meio narrativa, apagando, portanto, as marcas do dizer de outrem. Para os autores, “os temas básicos do discurso direto que virá são antecipados pelo contexto e coloridos pelas entoações do autor. Dessa maneira, as fronteiras da enunciação de outrem são bastante enfraquecidas” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 166).

Outra variante do discurso direto é denominada de *discurso direto esvaziado*, na qual o valor semântico das palavras citadas diminui, pois o autor, com suas apreciações, antecipa as palavras do personagem, esvaziando seu conteúdo ideológico. A respeito da terceira variante do discurso direto, identificado como *discurso direto antecipado e*

¹⁸ Conforme afirma Maingueneau (2001, p.140, grifo do autor), o discurso direto “simula *restituir as falas citadas* e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado”.

disseminado, oculto, Bakhtin/Volochínov (1995) afirmam que a preparação da palavra citada é a antecipação. Nesse contexto, essa variante aparece dissimulada no contexto do autor e, em seguida, irrompe na enunciação direta do herói. Nas palavras dos autores:

Toda a narrativa poderia ser posta entre aspas como se fosse de um “narrador”, embora isso não seja marcado temática ou composicionalmente. Mas, no interior da narrativa, praticamente cada epíteto, cada definição ou julgamento de valor poderiam também estar entre aspas, como se tivessem saído da consciência de uma ou outra das personagens (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 167).

Por sua vez, o *discurso direto retórico* “pode ser interpretado como uma pergunta ou exclamação da parte do autor, mas também, ao mesmo tempo, como pergunta ou exclamação da parte da personagem, dirigida a si mesma” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 170). Assim, por estes discursos estabelecerem uma relação limítrofe, o discurso interior do herói também responde à pergunta retórica do autor. Finalmente, o *discurso direto substituído* ocorre “quando há solidariedade total entre autor e herói nos limites de um contexto retoricamente construído, no que concerne às apreciações e entoações” (idem, p. 172). Sobre essa variante, os autores acrescentam que:

a retórica do autor e a do herói podem eventualmente sobrepor-se uma à outra; suas vozes, então, fundem-se e criam-se longos períodos que pertencem simultaneamente à narrativa do autor e ao discurso interior (por vezes mesmo exterior) do herói. Resulta disso um fenômeno que não se pode praticamente mais distinguir do discurso indireto livre. Nele, só falta a interferência (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 172).

O discurso indireto e suas variantes são a versão analítica do discurso de outrem, ou seja, implicam uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele. A tendência analítica do discurso indireto, entretanto, é imprecisa, principalmente pelo fato de que os elementos emocionais do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, uma vez que não são expressos no conteúdo, mas sim nas formas de enunciação. Sobre esse esquema de citação da palavra outra, Bakhtin/Volochínov (1995, p. 165) acreditam que:

O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado. Por isso transposição literal, palavra por palavra, da enunciação construída segundo um outro esquema só é possível nos casos em que a enunciação direta já se apresenta na origem como uma forma algo analítica – isso, naturalmente, dentro dos limites das possibilidades analíticas do discurso direto. A análise é a alma do discurso indireto.

Diferente do discurso direto, “o discurso indireto tem apenas um meio para a introdução do discurso citado, tanto no discurso oral quanto no escrito: o verbo introdutor” (FIORIN, 1999, p. 78). Dessa forma, quando se fala em discurso indireto, o verbo introdutor assume um papel de grande relevância, uma vez que “a escolha do verbo introdutor condiciona a interpretação, dando certo direcionamento ao discurso citado” (MAINGUENEAU, 2001, p. 150).

O discurso indireto apresenta duas variantes de citação da palavra alheia. A primeira, chamada de *discurso indireto analisador de conteúdo*, tematiza o discurso de outrem, colocando uma distância entre o sujeito que cita e o sujeito citado e apoiando-se no estilo linear, que apresenta um grau mais elevado de racionalidade e objetividade, além de ter como objetivo “marcar os limites do discurso citado” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 165). No discurso indireto analisador de conteúdo, a enunciação de outrem é apreendida no plano meramente temático, como uma tomada de posição com conteúdo semântico preciso por parte do falante (o que disse o falante). O discurso indireto analisador de conteúdo abre-se à réplica e ao comentário, mas conserva distância entre o que diz o narrador e as palavras citadas.

Já no *discurso indireto analisador de expressão*, segunda variante do discurso indireto, as maneiras de dizer as palavras de outrem são introduzidas de tal forma que sua subjetividade é claramente percebida. Essa variante apresenta um maior grau de subjetividade no discurso. Ancorado no estilo pictórico, o discurso indireto analisador de expressão apaga as fronteiras entre o discurso citante e do discurso citado.

Por fim, o discurso indireto livre, para Bakhtin/Volochínov (1995, p. 176), constitui “o caso mais importante e sintaticamente mais bem fixado de convergência interferente de dois discursos com diversas orientações do ponto de vista da entoação”. Ao discurso indireto livre, eles dedicam um capítulo inteiro, analisando o comportamento discursivo desse fenômeno na língua francesa, alemã e russa. Com base em Lerch, alemão a quem eles se apropriam do termo “discurso indireto livre”, Bakhtin/Volochínov se utilizam do discurso indireto livre para elucidar como diferentes vozes podem povoar os mesmos enunciados sem estarem formalmente marcadas. Para os autores, o que faz do discurso indireto livre uma forma específica é “o fato de o herói e o autor exprimirem-se conjuntamente, de, nos limites de uma mesma construção, ouvirem-se ressoar as entoações de duas vozes diferentes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 177). Ainda sobre esse esquema de citação da palavra outra, eles acrescentam que:

No discurso indireto livre, identificamos a palavra citada não tanto graças ao sentido, considerado isoladamente, mas, antes de mais nada, graças às entoações e acentuações próprias do herói, graças à orientação apreciativa do discurso. Nós percebemos que os acentos e as entoações do autor estão senão interrompidos por esses julgamentos de valor de outra pessoa (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 191).

Com base no estudo detalhado sobre o discurso citado e suas formas de citação, constatamos que o sujeito é constituído histórico e ideologicamente e formula o seu discurso a partir do outro. Entretanto, ao representar de forma ativa suas considerações sobre o discurso que cita, o discurso citante se configura como construtor do seu discurso. Essa característica permite que aquele que cita tenha o poder de se aproximar ou de se afastar da ideia inserida no discurso por ele citado. No caso da presente pesquisa, supomos que as variantes mais recorrentes são as do discurso indireto. Isso se deve principalmente pelo fato de o corpus ser constituído por reportagens jornalísticas, gênero discursivo que pertence ao discurso midiático. Para Bakhtin/Volochínov (1995), a variante discurso direto analisador de conteúdo, por exemplo, é encontrada essencialmente nos contextos epistemológicos ou retóricos, como os de natureza midiática.

2.4. Convergências entre os pontos teóricos sobre o discurso citado na obra do Círculo bakhtiniano: em busca de uma síntese

Compreender o funcionamento da citação da palavra outra sempre foi um ponto de discussão na teoria dialógica do Círculo bakhtiniano. Conforme Bakhtin, “o problema da palavra própria e palavra outra é fundamental para a linguística da enunciação” (BAKHTIN, 2011, p. 21). Na busca por respostas acerca dos modos de transmissão do discurso de outrem, o autor ocupa-se em discorrer sobre este tema em várias de suas obras, como se pode observar no decorrer deste capítulo. Embora, a cada obra, Bakhtin nos apresente categorias de diferentes denominações para explicar as diversas formas de citação, é possível enxergar alguns pontos de convergência entre elas. Contudo, antes de iniciarmos esta discussão, é importante resgatar alguns pressupostos da teoria bakhtiniana.

A priori, faz-se necessário ter claro que todas as perspectivas sobre a palavra citada tratadas por Bakhtin e seu Círculo de estudos levam em conta o caráter dialógico da linguagem, o qual entende que os discursos proferidos pelos sujeitos sociais possuem mais de uma voz. Bakhtin reafirma essa natureza multivocal de todo e qualquer discurso,

definindo as diversas vozes alheias na forma de visões de mundo, tendências, teorias. Ele afirma que:

O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias etc. (na esfera da comunicação social) (BAKHTIN, 2003, p. 319-320).

Outro fator de grande relevância para os estudos bakhtinianos acerca do discurso citado é a relação *eu-outro*, na qual todo sujeito só se designa como tal por meio da interação com o outro. É essa relação que permite a existência dos sujeitos, relação esta que se materializa no discurso. Dessa forma, os falantes, em constante interação, sempre carregam em sua fala a voz do outro, seja esta voz marcada de forma explícita ou implícita. É essa inter-relação ininterrupta entre os sujeitos falantes através do discurso que confere à linguagem sua natureza concreta, viva e histórica. É, então, a relação dialógica com a palavra do outro que tem o poder de nos revelar novos aspectos dessa palavra, porque ela não é tratada de um modo neutro; fala-se com a palavra, e não apenas refere-se a ela, penetrando-se, assim, no seu sentido ideológico, que, de acordo com Bakhtin (2010a, p.151), está acessível apenas a uma cognição dialógica. Sobre esta questão, Bakhtin também defende que:

Sabendo ler o discurso reportado, ele nos informa não sobre processos psicológicos subjetivos fortuitos e passageiros, mas sobre estáveis tendências sociais sedimentadas nas formas previstas por uma dada língua para reportar o discurso do outro (BAKHTIN, 2011, p. 32).

Dessa forma, entendemos que o sujeito que fala e o seu discurso são objetos de transmissão interessada, cujo objetivo é a construção de uma orientação valorativa, com a finalidade de discutir o já dito, dirigindo-se para outra direção. A apreensão do discurso do outro no enunciado cria para este discurso um “pano de fundo” dialógico. Por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado. O contexto que recebe a palavra de outrem origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande. Recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, podem-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata.

Levando em conta os pressupostos acima expostos, achamos por bem buscar realçar os pontos em comum das categorias defendidas por Bakhtin em *Questões de Literatura e de Estética* (doravante QLE), em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (doravante PPD) e em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (doravante MFL). O objetivo de

tal discussão é mostrar a coerência no trabalho do filósofo russo nos diversos enfoques dado ao tratamento do discurso de outrem. Para isso, primeiramente, devemos levar em conta a ideia da monovocalidade e a da bivocalidade propostas por Bakhtin em PPD. Sobre o primeiro tipo, Bakhtin (2010b) esclarece que neles ouvimos somente uma voz orientada para um objeto. São exemplos de discurso monovocais o discurso referencial direto e o discurso objetificado, os quais apresentam como principal característica o afastamento entre o discurso citante e o citado. Bakhtin (2010b) diz que o *discurso dos heróis*, tipo de discurso objetificado, “tem significação objetiva imediata, mas não se situa no mesmo plano ao lado do discurso do autor, e sim numa espécie de distância perspectiva em relação a ele” (BAKHTIN, 2010b, p. 213-214). Tais características aproximam este tipo de discurso de uma das orientações para a transmissão do discurso de outrem propostas por Bakhtin/Volochínov em MFL, o *estilo linear*. Esta primeira orientação, conforme Bakhtin/Volochínov (1995), traça fronteiras nítidas entre o discurso citado e aquele que o cita, buscando amenizar a mescla das vozes envolvidas no discurso. Conforme Clark e Holquist (2008, p. 253), o estilo linear tem como principal objetivo “guardar a integridade e a autenticidade da fala que está sendo relatada”.

Se observarmos as considerações bakhtinianas em QLE acerca da palavra autoritária, poderemos observar um nítido horizonte entre esta categoria, a monovocalidade e o estilo linear. Isso ocorre porque, assim como estes dois últimos, a palavra autoritária, segundo o filósofo russo, também tem o poder de afastar o discurso do outro, isolando-se em sua verdade impenetrável. Sobre a palavra autoritária, Bakhtin assevera:

A vinculação da palavra com a autoridade – reconhecida por nós ou não – distingue e isola a palavra de maneira específica; ela exige a distância em relação a si mesma. [...] A palavra autoritária pode organizar em si massas de outras pessoas (que a interpretam, que a exaltam, que a aplicam desta ou de outra maneira), mas ela não se confunde com elas, permanecendo nitidamente isolada, compactada e inerte (BAKHTIN, 2010a, p. 143).

Para que a palavra autoritária assuma o seu papel de autoridade e mantenha-se monológica, faz-se necessário que forças centralizadoras operem neste discurso. Para tanto, Bakhtin (2003) defende a ideia da força centrípeta, aquelas forças que, dentro do discurso, tentam fazer com que ele se torne homogêneo, unificado e monológico. Pinheiro acrescenta à fala bakhtiniana ao afirmar que as forças centrípetas:

buscam fazer com que os diversos discursos naturalmente existentes na sociedade se tornem um só. Muitas vezes relacionadas a processos de centralização sócio-políticos e culturais, as forças centrípetas não só perpetuam idéias como a de uma língua única e seguidora fiel dos preceitos gramaticais em ternos de forma como também buscam cristalizar discursos

que atendam as necessidades do grupo detentor do poder hegemônico (PINHEIRO, 2008, p. 3-4).

Em oposição ao discurso monovocal – e, conseqüentemente, às categorias relacionadas a ele – tem-se o discurso bivocal, no qual, segundo Bakhtin (2010b), existe mais de uma voz direcionada para um mesmo objeto, ou seja, duas orientações para o mesmo objeto. Trata-se, então, de um discurso duplamente orientado, uma vez que ele se orienta para o objeto e para o discurso do outro. Este fenômeno gera a destituição do contexto monológico e a convergência de duas enunciações diretamente orientadas para o mesmo objeto. Esta característica também pode ser conferida ao *estilo pictórico*, segunda orientação para a transmissão da fala de outrem proposta por Bakhtin/Volochínov em MFL. Para os autores, diferentemente do *estilo linear*, o *estilo pictórico* apaga as fronteiras entre o discurso citante e o citado, de forma a permitir uma maior mescla entre as vozes do discurso. Bakhtin afirma que, na segunda orientação, “o contexto do autor busca desfazer a estrutura fechada e compacta da palavra outra” (BAKHTIN, 2011, p. 78).

Essa abertura do discurso citante àquele que ele cita graças ao que Bakhtin denominou de forças centrífugas, que é descentralizadora. Na direção oposta às forças centrípetas, forças centrífugas buscam afastar o(s) discurso(s) desse centro comum unificado. Elas fazem com que o discurso hegemônico que busca consolidar-se possa ser contestado por outros discursos. Diante disso, a existência de diversos discursos diferentes já é resultado da existência delas. Conforme Pinheiro (2008, p. 4):

A existência das forças centrífugas é também diretamente responsável pelo plurilinguismo e pela plurivocidade, na medida em que, ao fazer com que os discursos se afastem do efeito monologizador das forças centrípetas, permitem o surgimento das diversas línguas e o aparecimento de diferentes vozes em um enunciado.

Essa plurivocalidade, identificada no estilo pictórico e ocasionado pelas forças centrífugas, também pode ser observada no que Bakhtin chama em QLE de *discurso interiormente persuasivo*. Bakhtin (2010a) afirma que esta palavra é “interior no processo de sua assimilação positiva e se entrelaça estreitamente com a ‘nossa palavra’” (BAKHTIN, 2010a, p. 145). A palavra interiormente persuasiva é, por princípio, dialógica, constitui-se no encontro entre duas consciências, é metade nossa, metade de outrem. Diferente da palavra autoritária, cuja força centrípeta tem pretensões unívocas, a palavra interiormente persuasiva gera um movimento centrífugo a partir mesmo de sua força centrípeta, porque sua estrutura semântica permanece aberta, revelando novas possibilidades de sentido de acordo com os novos contextos dialogizados.

De modo a sintetizar de forma organizada a discussão acima exposta, a figura abaixo apresenta os pontos nodais encontrados nas obras pertencentes ao Círculo de Bakhtin a respeito da concepção de discurso citado. Ele organiza também as categorias bakhtinianas que nortearão a análise do *corpus* proposto em nossa pesquisa, sendo algumas delas mais recorrentes.

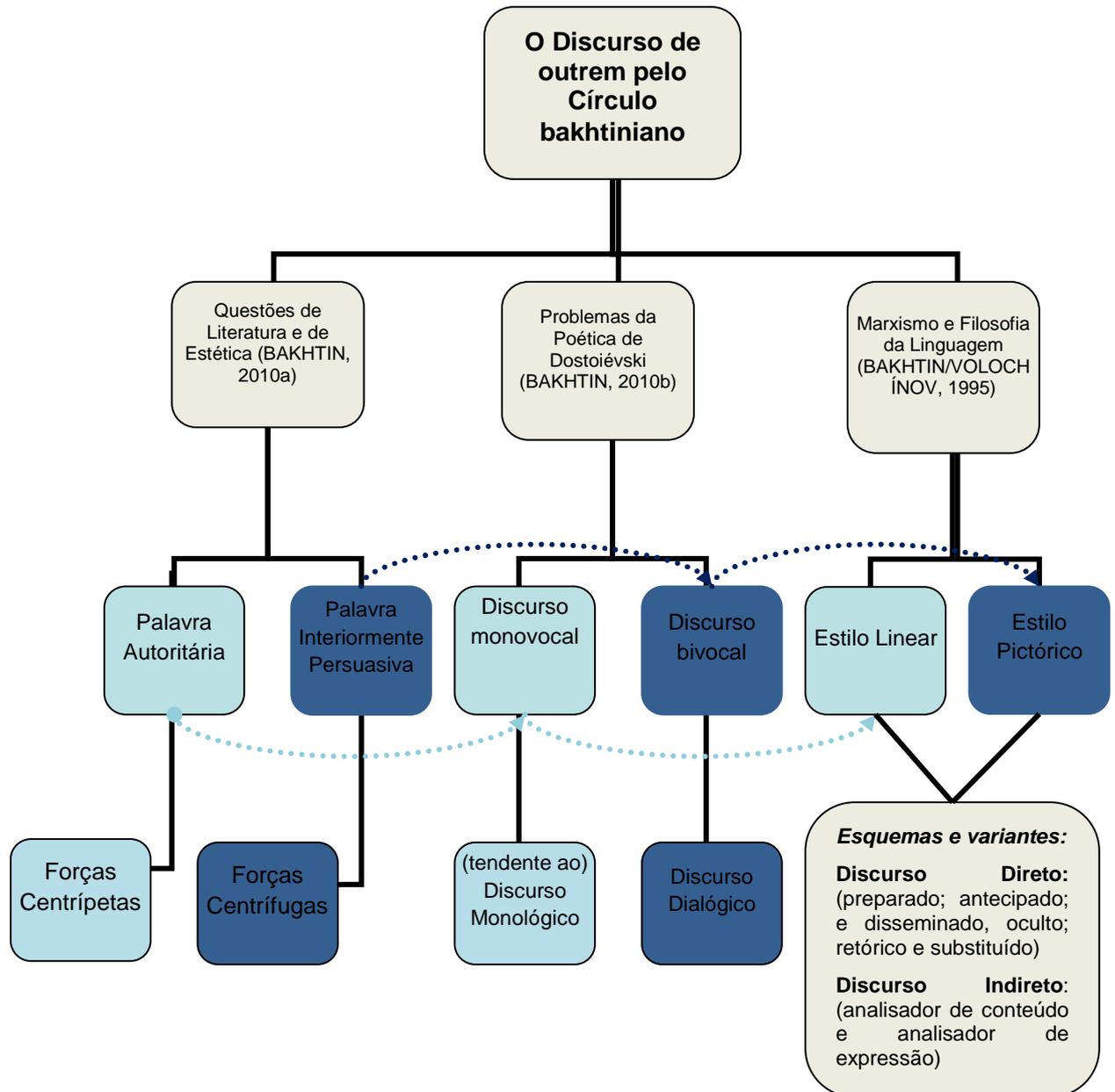


Figura 1: Pontos de convergências entre as categorias propostas por Bakhtin e o Círculo acerca da palavra citada¹⁹²⁰

¹⁹ No que diz respeito ao discurso monológico, Bakhtin (2010b) esclarece que, apesar de se ouvir uma única voz no enunciado, nele se fazem presentes outras vozes. Nas palavras do autor: “Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o

Tendo em vista o exposto, entendemos que, apesar de a presente pesquisa se concentrar em observar as categorias propostas por Bakhtin/Volochínov em MFL, será possível encontrar os princípios das estratégias de citação de outras obras do Círculo.

mesmo problema. [...] As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos até o fim o estilo do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 317, grifos do autor).

²⁰ Devido a sua natureza própria dos textos literários, o discurso indireto livre, esquema de citação do discurso de outrem formulada por Bakhtin/Volochínov em MFL (1995), optamos por não incluí-lo em nosso quadro de categorias, uma vez que este não é encontrado de maneira recorrente em reportagens jornalísticas.

3. OS MOVIMENTOS SOCIAIS, AS GREVES E A MÍDIA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E DISCURSIVAS

Não existe sujeito sem engajamento social; não existe movimento social sem apelo direto à liberdade e à responsabilidade do sujeito.

Alain Touraine

3.1. Paradigmas clássicos e contemporâneos dos movimentos sociais

Sabemos que a sociedade civil é o principal palco para os mais diversos conflitos, sejam eles de natureza econômica, social, ideológica ou religiosa. Tais conflitos geralmente são reprimidos pelas instituições do Estado por meio da força e da opressão, mas também existem casos nos quais esses choques são mediados pacificamente. É neste cenário que surgiram os primeiros movimentos sociais, datados do século XIX e com o papel de expandir a atividade política e de buscar defender os interesses daqueles que os constituem, provocando mudanças institucionais, utilizando-se de formas de organização e atuação não convencionais, ou seja, passeatas, atos de violências, entre outras maneiras²¹ (TARROW, *apud* SIQUEIRA, 2013).

A definição deste termo é um verdadeiro desafio para os estudiosos da área. De acordo com Goss e Prudêncio (2004), diferentemente de outras definições, este, em particular, apresenta significados distintos, conforme a concepção a partir da qual se desenvolve. Lima (2008) reforça essa ideia ao argumentar que qualquer discussão travada sobre movimentos sociais recai na formulação de um conceito, pois, segundo a autora, "apesar de todo desenvolvimento alcançado pelos pesquisadores para traçar uma definição, não há consenso entre os estudiosos do tema" (LIMA, 2008, p. 8). Isso ocorre, principalmente, devido à classificação dos mais variados tipos de ação coletiva como movimentos sociais, o que dificulta a sua conceituação e a sua consequente categorização. A respeito da definição desse conceito, Goss e Prudêncio acrescentam que:

Com a progressiva delimitação desse campo de estudo pelas Ciências Sociais, principalmente a partir da década de 60, as definições, embora ainda permanecessem imprecisas, assumiram uma consistência teórica, principalmente na obra de Alain Touraine, para quem os movimentos sociais

²¹ É importante frisar que é de conhecimento nosso a existência de diversos movimentos sociais ocorridos na Europa em sua história antiga, a exemplo as Cruzadas, guerras religiosas ocorridas em Roma e as guerras camponesas na Alemanha do século XVI, além dos movimentos motivados por questões étnico-raciais em todo o território europeu. Contudo, prender-nos-emos aos movimentos sociais que datam a partir do século XIX, uma vez que estes pertencem à fase na qual estão enquadrados os movimentos abordados na presente pesquisa, possuindo, dessa forma, características semelhantes.

seriam o próprio objeto da Sociologia. Apesar do desenvolvimento que o conceito teve nos últimos anos, não há consenso ainda hoje entre os pesquisadores sobre seu significado. Outros estudiosos do tema, como Alberto Melucci, por exemplo, questionam o conceito de movimentos sociais por considerá-lo reducionista, e empregam preferencialmente o de ações coletivas. Isso sinaliza para a necessidade de uma maior discussão acerca da validade conceitual do termo, mesmo porque ele vem sendo utilizado indiscriminadamente para classificar qualquer tipo de associação civil (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004, p. 75-76).

Conforme afirma Alexander (1998), o termo *movimentos sociais* consiste nos processos não institucionalizados e nos grupos que os desencadeiam. Além disso, incluem-se também à definição do termo as lutas políticas travadas por estes atores sociais, como também as organizações e discursos dos líderes e seguidores que se formaram com o intuito de modificar radicalmente o que Alexander denomina de “distribuição vigente das recompensas e sanções sociais, as formas de interação individual e os grandes ideais culturais” (ALEXANDER, 1998, p. 5). Esses movimentos, que surgiram significativamente a partir do século XIX, nascem com o objetivo de “substituir uma forma opressora de poder estatal por outra voltada para um fim distinto, mas que se utiliza de meios semelhantes” (ALEXANDER, 1998, p. 5).

Sob enfoque das Ciências Sociais, esses movimentos foram concebidos com base no modelo dos movimentos revolucionários, vistos como "mobilizações de massa que visam a apossar-se do poder de um Estado antagônico" (LIMA, 2008, p. 5). Nessa perspectiva, o objetivo dos revolucionários é substituir a força opressora do Estado por outra força que, apesar de possuir objetivos diferentes, utiliza-se de meios semelhantes aos usados pelo Estado para alcançá-los. Para Touraine (1994), estes movimentos estão intimamente ligados à ideia da revolução, tendo em vista a sua orientação tática em busca do poder e do controle por meio da violência. Sobre este tipo de movimentos sociais, denominados por Touraine como *clássicos*, Alexander afirma que:

Em um sentido empírico, os movimentos revolucionários não deixavam de ter efetivamente uma forma cultural ou um conteúdo ético. Na realidade, as referências teóricas acessíveis aos seus líderes é que limitaram sua autoconsciência. Os líderes revolucionários concebiam seus movimentos como meios instrumentais cuja eficácia dependia do uso da coerção e da força. Ideias e aspectos práticos pareciam-lhes totalmente interligados, saber e poder eram uma coisa só. Touraine (1997, p. 323) chamou a atenção para uma “confusão” intelectual que restringiu o foco dos atores revolucionários ao campo da economia. A “garantia metassocial” desses primeiros movimentos, acredita Touraine, foi definida pelo “modelo cultural” gerado pela “sociedade industrial”, que aparentemente sugeria que qualquer mudança social significativa teria de “coincidir com o campo das relações econômicas”. Em consequência disso, a narrativa revolucionária declarou que só depois do estabelecimento de novas formas de estrutura, somente

depois que as transformações técnicas permitissem a redistribuição equitativa de bens e serviços, é que a consideração de ordem ética, moral e cultural seriam levadas em conta (ALEXANDER, 1998, p. 6).

Nas ciências sociais, a noção de movimento social não é consensual. Trabalhos que trataram dessa temática apontam a existência de paradigmas divergentes. Alexander (1998) faz alusão a uma polarização de concepções entre o que chama de modelo clássico (europeu), que privilegia as interpretações históricas das revoluções (remetendo às determinações estruturais dos movimentos sociais), e uma interpretação norte-americana, que valoriza a organização e mobilização de recursos por atores sociais. Primeiramente, considera-se o modelo clássico, seus principais elementos teóricos e algumas das críticas dirigidas a este modelo. Posteriormente, trata-se das novas interpretações sobre os movimentos sociais, notadamente a abordagem “neomarxista” e o “paradigma dos novos movimentos sociais”. Apresentam-se as contribuições teóricas de alguns dos principais autores que trabalham com a temática na contemporaneidade e, por fim, ainda busca-se confrontar as abordagens, apontando as interfaces e as divergências entre elas. No que diz respeito às concepções clássicas, a maioria delas bebem de fontes marxistas, conforme afirma Gohn (2000). Em decorrência disso, é grande a influência das teorias marxistas nesta fase dos movimentos sociais, na qual a luta social confunde-se com a luta de classes.

Karl Marx, em sua concepção acerca dos movimentos sociais, prioriza os interesses econômicos e materiais. Gohn (2008) esclarece que, nas perspectivas teóricas que têm como pano de fundo o paradigma marxista, “o conceito de movimento social sempre esteve associado à luta de classes e subordinado ao próprio conceito de classe” (GOHN, 2008, p. 28). Para a autora, grande parte da produção da corrente marxista concentra-se no estudo do movimento operário, ou seja, da luta de classes. Ainda sobre a concepção marxista, Alexander (1998) afirma que, tendo em vista a perspectiva adotada por Marx que propunha a criação de um líder revolucionário, este se convenceu de que toda luta e liderança, para ser eficaz em um sentido prático, teriam de abandonar o humanismo e a subjetividade, priorizando, assim, a objetividade na realidade social. Para Picoletto (2007), uma das grandes contribuições de Marx foi estabelecer a relação entre a teorização e ação política dos movimentos sociais através do conceito de *práxis social*, entendida como a transformação do social “que se realiza em conexão com a realidade teórica, por meio da atividade produtiva e/ou da atividade política” (GOHN, 2000, p. 176).

De acordo com Laclau (1991), os teóricos marxistas muito debatiam acerca do conceito de classe, sempre partindo, contudo, do pressuposto de que tal conceito era suficientemente óbvio e transparente. Em outras palavras, não era questionado o conceito

de classes sociais, mas sim diferentes aspectos, a saber: as classes realmente seriam os agentes das mudanças históricas? Estaria a classe trabalhadora em extinção? Assim, pode-se afirmar que a análise das ações coletivas por meio do conceito de movimentos sociais veio preencher uma lacuna deixada por certo esgotamento do conceito marxista de classe social, predominante nas Ciências Sociais até o final da década de 1970. Tal análise pressupunha que a posição de um sujeito coletivo na estrutura do sistema capitalista seria uma das principais chaves para o entendimento dos conflitos sociais.

Entende-se, então, que o estudo dos movimentos sociais sob a perspectiva marxista centra-se na análise dos processos históricos globais, nas contradições materiais existentes e nas lutas entre as principais classes sociais presentes no processo de produção. O processo de mudança ocorre como consequência das contradições geradas pela oposição entre capital e trabalho, que contrapõem respectivamente a burguesia e o proletariado em uma luta ininterrupta: a luta de classes. Esta luta é compreendida como o “motor da história”, cujo resultado apoia-se na suposição de que as contradições geradas por ela colaboram para a organização política do proletariado, permitindo, assim, a criação das condições necessárias para a superação da ordem econômica capitalista. Goss e Prudêncio (2004) asseveram que, no modelo clássico dos movimentos sociais, destaca-se o papel da violência e da coerção como estratégias de luta, sendo as referências empíricas mais comuns a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Russa (1917). O uso da força e da violência é percebido, também, como forma de garantir aos revolucionários que conquistaram o poder o controle das instituições, buscando também impedir possíveis ofensivas contra-revolucionárias. Em síntese, os movimentos sociais, no que diz respeito ao modelo clássico, são concebidos de maneira puramente instrumental, ou seja, “como meios mais eficientes para alcançar a distribuição radical dos bens” (ALEXANDER, 1998, p. 5).

A concepção marxista, que enfatizava a importância do papel das classes sociais como chave para o entendimento da sociedade, começou a ser alterada no século XX, em meados da década de 70. Nesse período, foram introduzidas questões diferenciadas na análise da realidade social, como a ênfase na microestrutura e não somente na macro, a percepção de uma multiplicidade de fatores de análise, além do econômico, o deslocamento da atenção da sociedade política para a sociedade civil e da luta de classes para os movimentos sociais. Para Gohn (2010), este período representa uma inovação ao pôr em cena atores e temáticas que não faziam parte do cenário público, como índios, mulheres, negros, entre outros, dando a eles um espaço, tanto social quanto cultural. Ao final do percurso pelas teorias sobre os movimentos sociais, Gohn (2000) estabelece sua

conceituação que caracteriza os movimentos sociais como “ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil” (GOHN, 2000, p. 251). Segundo a autora, as ações desenvolvem um processo de criação de identidades em espaços coletivos não institucionalizados, gerando transformações na sociedade, sejam elas de caráter conservador ou progressista. Sobre este processo de mudança na conjuntura dos movimentos sociais, Gohn ainda diz que:

Partindo da inadequação do paradigma tradicional marxista, denominado por alguns clássico ou ortodoxo, para a análise dos movimentos sociais que passaram a ocorrer na Europa a partir dos anos 60 deste século, assim como fazendo a crítica aos esquemas utilitaristas e às teorias baseadas na lógica racional e estratégica dos atores (que analisavam os movimentos como negócios, cálculos estratégicos etc.), Touraine, Offe, Melucci, Laclau e Mouffe, entre outros, partiram da criação de esquemas interpretativos que enfatizavam a cultura, a ideologia, as lutas sociais cotidianas, a solidariedade entre as pessoas de um grupo ou movimento social e o processo de identidade criado (GOHN, 2000, p. 121).

O sociólogo francês Alain Touraine foi um dos autores que desenvolveu novas perspectivas para a interpretação e compreensão dos movimentos sociais. Em meados da década de 70, este autor definiu movimento social como “a ação conflitante de agentes de classes sociais lutando pelo controle do sistema de ação histórica” (TOURAINÉ, 1977, p. 336). Para este sociólogo, o conceito de sistema de ação histórica é definido como um campo social e cultural que dá a direção para o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, os movimentos sociais se definem pelo “confronto de interesses opostos para controlar forças de desenvolvimento e do campo de experiência histórica de uma sociedade” (TOURAINÉ, 1977, p. 344). Essa revisão do conceito de movimentos sociais foi realizada principalmente por Touraine (2003), com base em uma distinção que ele propõe para evitar chamar de movimentos sociais todo e qualquer tipo de ação coletiva, de grupos de interesse ou de instrumentos de pressão política. Nessa perspectiva, Touraine procura diferenciar os movimentos sociais, culturais e históricos, atitude que representa uma consequência da dificuldade de relacionar os fenômenos que se apresentam como ação coletiva e a sua apreensão pela teoria.

Para o autor, movimentos sociais são os que aliam um conflito social a um projeto cultural. Some-se a este objetivo a defesa de um modo diferente de uso dos valores morais, baseando-se, portanto, “na consciência de um conflito com um adversário social (TOURAINÉ, 2003, p. 119). Touraine diz que esse tipo de movimento é muito difícil de ser formado, uma vez que os atores sociais os quais o constitui são muito difíceis de identificar.

Por sua vez, os movimentos culturais são aqueles que apresentam ações voltadas para a afirmação de direitos culturais mais que para o conflito com o adversário. Já os movimentos históricos definem-se por colocar em cheque a elite dominante e apelam a povo contra o Estado. Para Goss e Prudêncio (2004), os movimentos sociais caracterizam-se "por estarem ligados não a uma situação revolucionária, mas à capacidade do ator de elaborar uma práxis" (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004, p. 79). Para eles, num movimento societal, a contestação é um elemento de presença recorrente.

De acordo com Laclau (1986), foi com o surgimento de movimentos centrados em questões identitárias, também conhecidos como *novos movimentos sociais*²², em que a problemática do sujeito passou a ser tratada de forma diferenciada na teoria sociológica. O autor relaciona a transição para os novos movimentos sociais ao "caráter de mudança, acima de tudo, com a forma pela qual as novas lutas ocasionam uma crise de um paradigma tradicional das Ciências Sociais, referente ao tipo de unidade que caracteriza os agentes sociais e às formas assumidas pelo conflito entre eles" (LACLAU, 1986, p. 1).

Esses movimentos, segundo o autor, tendem a criar e politizar espaços alternativos de lutas. Para Laclau (1986), as organizações tradicionais, a exemplo dos sindicatos, partidos políticos e movimentos de trabalhadores, eram definidas por meio da conjugação de três características: a identidade dos atores determinada por categorias relacionadas à estrutura social – camponeses, burgueses e trabalhadores –; o tipo de conflito definido por um paradigma evolucionário, ou seja, a existência ou não de um esquema objetivo que guiaria as lutas (o socialismo); e, por fim, os espaços dos conflitos reduzidos a uma dimensão política fechada e unificada (representação de interesses, institucionalidade política). Os novos movimentos sociais surgiram para diluir a unidade desses três aspectos. Em relação ao primeiro, a posição que o sujeito assume nas relações de produção não determina necessariamente suas demais posições. No que se refere ao segundo aspecto, não é mais possível determinar a realidade por meio de estágios que apareceriam em sucessivas fases do desenvolvimento da sociedade. Por fim, o político é uma dimensão presente em toda prática social e não um espaço específico.

²² A corrente dos Novos Movimentos Sociais apresenta três grandes frentes, conforme define Gohn (2000, p. 119): "A histórico-política de Claus Offe, a psicossocial de Alberto Melucci, Laclau e Mouffe, e a acionista de Alain Touraine". Ainda de acordo com a autora, estes autores costumam ser agrupados sob o rótulo de neomarxistas. Contudo, Gohn salienta que é incorreto tal agrupamento, uma vez que "uma coisa é utilizar-se de algumas premissas e outra é retrabalhar a teoria sem abandonar seus fundamentos básicos" (GOHN, 2000, p. 119). Assim, é importante deixar claro que, apesar desse aproximação entre as perspectivas dos autores acima citados, pode existir uma nítida aproximação entre as correntes pertencentes à abordagem neomarxista, como também há uma grande diferenciação entre as correntes que constituem os Novos Movimentos Sociais. Apesar dessas diferenças, todos utilizam essa terminologia.

Segundo afirma Goss e Prudêncio (2004), os movimentos sociais de cunho identitário são exemplos emblemáticos nos quais os atores coletivos assumem a função de revelar os problemas existentes na sociedade, apesar de lutarem pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões específicas. A forma de debate que eles provocam na sociedade acaba tocando em temáticas muito importantes que afetam a estrutura social e a própria constituição da sociedade. Assim foi o movimento feminista, que provocou profundas mudanças na conjuntura socioeconômica da época, permitindo uma revisão na hierarquização entre os gêneros. No Brasil, um exemplo atual desse tipo de movimento é o que envolve a reivindicação por parte do movimento negro de cotas para estudantes afrodescendentes em universidades públicas e nas lutas das comunidades remanescentes de quilombos pelo reconhecimento de suas terras.

Portanto, os novos movimentos sociais têm em vista desenvolver atividades particularizadas relacionadas às dimensões da identidade humana. Isso, de acordo com a concepção de Touraine, pode ser estabelecido como resistência ao poder apoiada na defesa do sujeito a partir da reconstrução da identidade pessoal.

As novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, mas “mudar a vida”, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais (TOURAINÉ, 1994, p. 262).

O entendimento do percurso histórico dos movimentos sociais, portanto, é de grande importância para o nosso estudo, uma vez que este se propõe a analisar a luta da classe dos professores estaduais do Ceará para defender seus direitos como tal, afirmando, assim, conforme teoriza Castells (2002), sua *identidade coletiva*. Este autor investiga a formação das identidades coletivas e sugere que a construção delas ocorre em função da centralidade das identidades na produção do social contemporâneo, que ocorre, geralmente, em contextos marcados por relações de poder.

Com base nisso, Castells (2002) afirma que pode desenvolver-se de três formas distintas de identidades coletivas, a saber: 1) *identidade legitimadora*, a qual é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade com o intuito de expandir e racionalizar sua dominação, aplicando-se a diversas teorias de nacionalismo; 2) *identidade de resistência*, criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, focos de resistência e sobrevivência com base em princípios diferenciados dos que permeiam as instituições da sociedade; 3) *identidade de projeto*, as quais ocorrem quando os atores sociais, utilizando-

se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Finalmente, como resultado de todo esse processo articulatório, surge o conceito teórico de *rede de movimentos sociais*. Este pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas. Em outras palavras, o Movimento Social, em sentido mais amplo, constitui-se em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção, e resulta das múltiplas articulações acima mencionadas. A ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos.

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados, sejam eles dos níveis locais aos mais globais, sejam de diferentes tipos de organizações, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo os movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural.

3.2. Os Movimentos Sociais no Brasil: um panorama histórico

A realidade dos movimentos sociais é bastante dinâmica, mas nem sempre as teorizações têm acompanhado esse dinamismo. Com a globalização e a informatização da sociedade, os movimentos sociais em muitos países, inclusive no Brasil e em outros países da América Latina, tenderam a se diversificar e se complexificar. Foi a partir da década de 1970, até o início dos anos 1980, que se iniciou a busca pelo desenvolvimento de um novo panorama que pudesse interpretar com maior especificidade os movimentos sociais urbanos emergentes na sociedade brasileira e que permitisse um entendimento ampliado do “novo sindicalismo” nascente.

Até então, as ações coletivas civis eram especialmente analisadas com base na perspectiva marxista clássica das lutas de classe, com ênfase nos trabalhos que abordavam

os movimentos sindicais, operários ou nacional-populares. Com o advento do projeto de redemocratização do Estado e da sociedade, iniciado no período pós-ditadura militar, a questão da autonomia dos atores coletivos na sua relação com governos ainda autoritários, por um lado, e a multiplicidade de identidades coletivas (trabalhador, morador, mulher, etc.) de organizações emergentes, por outro, tornaram-se focos de atenção privilegiada desses atores e de seus analistas.

As rápidas e bruscas mudanças sobre as quais o universo trabalhista foi submetido tiveram fortes impactos sobre as formas de atuação dos sindicatos. Por conta disso, os efeitos desse processo histórico inspiraram diversos estudos sobre a crise atual do sindicalismo, em suas mais diversas linhas (ABRAMOWICZ, 1986; CARDOSO, 2003; NASCIMENTO, 2010). No caso do Brasil, que, diferentemente de outros países, viveu esse cenário mais tardiamente, a redefinição de formas de atuação sindical foi mais dura e mais sentida naqueles setores que, desde a virada dos anos 70 para os anos 80, propugnavam por práticas mais “combativas” e “radicais” de ação.

Com tais práticas, esses setores, que conformaram o chamado “novo sindicalismo”, pretendiam romper não apenas com as posições então correntes no sindicalismo nacional, mas também, e sobretudo, com aquelas que julgavam caracterizar o passado de sua classe. O tópico seguinte propõe-se a discutir o movimento sindical brasileiro, em seu apogeu e seu declínio, de forma a compreender as diferentes formas de luta que constituem a história do sindicalismo em nosso país, particularmente as que se referem ao cenário educacional.

3.3. A crise no sindicalismo brasileiro

Os últimos anos da década de 70 e os primeiros da década de 80 foram marcantes na história do sindicalismo brasileiro, ao representarem o período de maior efervescência desse movimento. Cardoso (2003) indica que, durante esse período, o número de sindicatos cresceu consideravelmente, divididos em um cenário de quatro centrais sindicais: Central Única de Trabalhadores (CUT), Central Geral de Trabalhadores (CGT), Confederação Geral dos Trabalhadores (CGTB) e União Sindical Independente (USI), o que diz muito sobre a capacidade de organização do trabalhador. As grandes e fortes greves dos anos 1978 e 1979, essencialmente no setor metalúrgico, levaram o

movimento sindical ao então chamado de *novo sindicalismo*²³. Este não se limitava apenas a representar trabalhadores em relação a questões salariais, mas também era protagonista na batalha social e política ao pressionar a ditadura militar com as lutas travadas na época, tais como a luta pela democratização do país e pela implementação da reforma agrária, posicionando-se contra o pagamento da dívida externa, contra a intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI) na economia brasileira etc.(CARDOSO, 2003).

3.3.1. O “novo sindicalismo” em um contexto geral

O movimento operário e sindical brasileiro viveu em fins dos anos 70 um momento de fundamental importância para sua história. Após o duro impacto do golpe militar de 1964, que lhe havia deixado pouco ou quase nenhum espaço de ação, o sindicalismo voltava à cena cobrando a ampliação dos espaços para a representação dos interesses da classe trabalhadora. No cenário político mais amplo, o ressurgimento do movimento dos trabalhadores logo após a abertura política estremeceu os arranjos políticos da transição para o regime democrático que iam sendo articulados sem levá-lo em consideração.

Santana (1999) afirma que o ressurgimento do sindicalismo nacional foi marcado pela concorrência de projetos políticos e sindicais entre setores da esquerda, mais especificamente entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Para o autor, a definição das formas de organização e atuação do movimento sindical brasileiro, neste momento, encontrava-se em uma fase de definição das formas de organização e atuação. Levando em conta esse momento histórico, ressalta-se que o movimento que despontava era formado por “sindicalistas ‘puros’, trabalhadores ‘genuínos’, a partir das lutas da base por eles organizadas” (SANTANA, 1999, p. 104, grifos do autor). Acerca do novo sindicalismo, o autor ainda ressalta que:

A distinção do passado tinha também como lastro a indicação da existência de uma classe trabalhadora jovem, nova no tempo e no espaço e, portanto, livre das “fraquezas” dos velhos operários que, por livre e espontânea vontade ou pelos “equivocos” do PCB, capitularam ao enlace com o “pacto populista”. Mais do que uma superação, o “novo” movimento sindical deveria ser a negação pura e simples do que o PCB realizava no presente e do que, junto ao “sindicalismo populista”, havia realizado antes de 1964. A luta do presente trazia, assim, o passado como referência e instrumento na disputa (SANTANA, 1999, p. 104-105, grifos do autor).

²³ De forma a contextualizar o momento histórico no qual se instaurou o movimento grevista tratado na presente pesquisa, limitar-nos-emos a discorrer somente o período da história do sindicalismo brasileiro conhecido como Novo Sindicalismo.

Weffort (1978), em sua teoria acerca das orientações da classe operária pré-1964, atribui à prática sindical dos comunistas certa centralidade, prática esta vista como agente fundamental na constituição do que o autor denomina como “sindicalismo populista”. Conforme o autor, o sindicalismo praticado pelos comunistas teria sido pautado pelo reformismo nacionalista; pelo controle das massas, com vistas a dar continuidade ao “populismo”; pelo privilegiamento do Estado, e não da sociedade civil, como espaço de intervenção; pela orientação dirigida para a atuação nos setores decadentes da economia (indústria tradicional) e junto ao setor público; pela prioridade dada aos objetivos políticos em detrimento dos econômicos.

Weffort (1978) também diz que, sob essa orientação de vertente populista, o sindicalismo do período entre 1945 e 1964 mostrou-se incapaz de assumir o controle da classe operária dos setores privados modernos, setores estes potencialmente decisivos do movimento operário. Além disso, esta prática, em seu conjunto, teve como consequência a dependência do movimento sindical em relação ao Estado e no distanciamento das bases operárias. Este último aspecto apresentava os limites fundamentais da orientação comunista, que não priorizava as “organizações das bases operárias nas empresas, único fundamento sólido de qualquer perspectiva de reorganização do conjunto do movimento operário em um sentido democrático e independente” (WEFFORT, 1978, p. 3).

Segundo Nogueira (1999), as bases do novo sindicalismo no Brasil surgiram no final da década de 70, com o Movimento "Braços Cruzados e Máquinas Paradas". Ainda conforme o autor, é nesse momento que o movimento sindical brasileiro ressurge revigorado, ambicionando o projeto de um novo sindicalismo, "centrado nos operários do ABC, consumado e ampliado nos anos seguintes" (NOGUEIRA, 1999, p. 52). Nogueira (1999) também destaca a importância de um outro momento histórico para o surgimento do sindicalismo, dessa vez no segmento público: a greve dos professores da rede pública estadual de São Paulo, em 1978. Ao atingir o setor público, o movimento sindical ganha força e também, o que amplia a base social das práticas do novo sindicalismo no Brasil. Sobre o sindicalismo no setor público, Nogueira completa:

A expansão do sindicalismo no setor público indicava, em contrapartida, a crise do Estado, tanto nas esferas sociais e públicas em geral quanto na esfera econômica e empresarial. O Estado público e social no Brasil, desenhado pela Constituição de 1988, essencial para a mediação estratégica entre o trabalho e o capital em geral, não daria conta da ampliação de suas funções típicas dos países industrializados, caracterizadas pela garantia de direitos sociais básicos, com qualidade, para a maioria da população, por exemplo, na educação ou na saúde (NOGUEIRA, 1999, p. 52).

Ocorrida em 1978, a greve dos professores da rede estadual de ensino de São Paulo abre um novo período na luta e organização dos trabalhadores do setor público, conforme Nogueira (1999). No mesmo contexto, desencadearam-se greves dos professores no Paraná e em Brasília. No ano seguinte, foram os professores do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. O autor ainda afirma:

Os professores atuaram como uma espécie de “vanguarda” do movimento dos servidores públicos e das classes médias em geral, semelhante ao papel desempenhado pelos metalúrgicos do ABC e da Oposição metalúrgica de São Paulo com relação ao conjunto do movimento operário e sindical (NOGUEIRA, 1999, p. 53).

Outro marco político-econômico a ser levado em conta no período de apogeu e declínio do novo sindicalismo é o surgimento da ideologia neoliberal no Brasil. Ao realizar um levantamento sobre o impacto desse momento na vida do trabalhador, propomos uma reflexão sobre a eficácia e os desdobramentos da ideologia neoliberal no Brasil, que, conforme Boito Jr. (1999), representa, essencialmente, um liberalismo econômico que exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa empresarial, rejeitando a intervenção do Estado na economia. Nos governos neoliberais, faz-se presente uma reformulação da intervenção estatal na economia, salários não são reajustados conforme o índice econômico. O discurso neoliberal, portanto, procura mostrar a superioridade do mercado frente à ação estatal. Boito Jr. (1999) explica que esta teoria postula que, ao possuir independência econômica, o sujeito alcança a superioridade política e moral, já que a soberania do consumidor, inerente a um ambiente de concorrência, permitiria o desenvolvimento moral e intelectual dos cidadãos, por meio da liberdade de escolher o que e onde comprar. Isto significa que a liberdade para o consumo conferiria, no ponto de vista neoliberal, a autonomia cidadã. O que agrada muito àqueles sujeitos que abrem mão do ideal de coletividade e solidariedade pelo ideal da individualidade.

Cardoso (2003) enxerga que as práticas neoliberais no Brasil atuam sobre o trabalho da seguinte maneira: os sindicatos e a legislação trabalhista são considerados o entrave ao emprego. Já o desemprego, na concepção do autor, é visto como um efeito colateral daqueles elementos. O trabalhador, por sua vez, é pensado como sujeito que investe em si mesmo para maximizar retornos monetários do trabalho, ou seja, o desemprego ocorre em função do não investimento profissional como outros o fizeram. O resultado, então, da adoção das práticas neoliberais em nosso país foi um aumento brutal do desemprego, aumento da exclusão social, seguidas pela desregulamentação de leis trabalhistas e flexibilização da utilização da força de trabalho; e a principal medida

implementada por Collor, então presidente, revogada por Itamar e reimplementada por Fernando Henrique: a desindexação dos salários (BOITO JR., 1999).

Cardoso (2003) explica resumidamente os efeitos da década neoliberal para o mundo do trabalho:

O desemprego aberto explode de 4% (1990) para 8% (1999). Este período caracteriza-se por uma reestruturação industrial mais ou menos profunda, baseada em novas tecnologias informacionais. [...] Com a consequente terceirização, a privatização de estatais, o crescimento do desemprego e do trabalho informal introduzindo a insegurança no trabalho, a estabilização da economia com o fim da inflação além do aprofundamento da democratização, o que reduziu o efeito expressivo dos discursos contestatórios – potencial político dos movimentos sociais –, limita-se, pois, a propensão dos trabalhadores à ação coletiva e o crescimento sindical. Assim os anos 1990 reverterem todo o avanço da década de 1980 (CARDOSO, 2003, p. 42).

Assim, no que diz respeito ao movimento sindical, ao não impedir a destruição de 2 milhões de empregos, a degradação do serviço público e as privatizações, os sindicatos perdem, de acordo com Cardoso (2003), a sua capacidade de luta. Instaura-se, a partir de então, uma crise nos movimentos sindicais que pendem a um sindicalismo propositivo ou a um sindicalismo de oposição. O primeiro assinala que os movimentos devem ir além da postura exclusivamente reivindicativa e de valorização da ação grevista na tentativa de negociação e acordos, enquanto o segundo (que se posiciona radicalmente contra o pagamento da dívida externa e privatizações, defendendo a reforma agrária, a estatização dos sistemas financeiros, serviços de saúde, educação e transporte) configura-se em uma tendência que busca extrair o máximo de vantagens durante o enfrentamento político de uma greve, sem negociar direitos adquiridos do trabalhador.

3.3.2. As greves deflagradas no sistema educacional brasileiro

Na história do sindicalismo brasileiro, o atrelamento dos sindicatos à estrutura do Estado foi um traço marcante. Embora, em alguns períodos da história brasileira, os sindicatos tenham gozado de autonomia relativa, durante muito tempo o Estado brasileiro manteve alguma forma de regulamentação que garantia seu controle sobre os sindicatos. Segundo Nogueira:

Desde 1931, com exceção do curto período entre 1934 e 1935, o sindicalismo perde o estatuto de organização livre e autônoma dos trabalhadores, e passa a ser controlado pelo Estado, chegando a ser uma organização de natureza pública entre 1935 e 1946. De 1946 em diante, a vida sindical oscila entre menor e maior controle e repressão do Estado,

menor e maior autonomia do movimento sindical, dependendo das conjunturas econômicas e políticas. Analisando pelo lado da situação do mercado de trabalho, entre 1935 e 1946 e desde 1964 esse é submetido ao controle pleno do Estado, sendo que nas décadas de 80/90 há, em diversos setores, experiências de confronto via negociações diretas que indicam tendências de mudanças nesse padrão (NOGUEIRA, 1996, p. 46).

Podemos diferenciar o sindicalismo do setor público para o sindicalismo do setor privado de acordo com alguns aspectos, mas principalmente porque a primeira forma de sindicalismo nasce desatrelado da estrutura do Estado, toma a feição de entidade independente e combativa – pois vai ganhando força num período histórico em que o modelo econômico da ditadura militar de 1964 vai perdendo fôlego e as camadas médias da população, da qual os servidores públicos fazem parte, sofreram uma degradação das suas condições de vida material e do seu status. É nesse contexto, no ano de 1978, que surgem as primeiras greves de servidores públicos no Brasil, mesmo que nessa época ainda não fosse garantido por lei o direito de greve aos servidores públicos. É válido destacar ainda que é apenas com a constituição brasileira de 1988 que finalmente são reconhecidos os direitos de greve e de livre sindicalização dos funcionários do setor público. Na vanguarda desse movimento, esteve a grande greve em 1978 dos professores da rede pública estadual de ensino de São Paulo, a qual contou com grande adesão.

Outro movimento grevista que teve grande destaque na história das greves docentes no País foi o ocorrido em plena ditadura militar, no Rio de Janeiro. A paralisação dos professores municipais da capital carioca deu origem ao atual Sindicato Estadual de Profissionais de Ensino do Rio de Janeiro (Sepe-RJ), inaugurado após a greve de março de 1979 (cf. SOBREIRA, 2001).

Sobreira (2001) afirma que os motivos da onda de greves de professores nos finais da década de 1970 estão entre as reivindicações mais recorrentes nas mobilizações realizadas pela categoria, tais como os baixos salários dos docentes, as precárias condições de trabalho, o oscilar das políticas públicas – além das de caráter duvidoso. Talvez a modificação mais importante que esse movimento produziu seja a compreensão cada vez maior de que o debate a respeito do papel das organizações sindicais na construção de novas formas de se perceber a profissão docente não pode mais ser ignorado. É no interior dessa perspectiva que o tópico em questão se insere.

3.4. A greve dos professores estaduais do Ceará de 2011: a configuração sócio-histórica da pesquisa

Considerado como uma forma de luta que o conjunto da classe trabalhadora consolidou no século XX, o movimento grevista configura-se como um instrumento legítimo de defesa dos interesses da classe, como também da melhoria dos serviços por eles prestados, o que beneficia a população. Na busca pela legitimação de seus direitos enquanto servidores públicos, os professores da rede estadual de ensino do Ceará decidiram pela paralisação de suas atividades no dia 5 de agosto de 2011, tendo a sua suspensão decretada em assembleia no dia 7 de outubro do mesmo ano. A classe alega como motivo da greve a proposta de piso salarial e plano de cargos e carreiras, lançada pelo governador, Cid Gomes. De acordo com o Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), tal proposta beneficiaria somente 30% dos professores da rede estadual de ensino, ficando mais de 10 mil docentes prejudicados com essa medida.

A greve configura-se como uma instância política de poder. Van Dijk (2008), de forma explicar o que tal afirmação representa, afirma que poder social seria uma característica da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais e, apenas, manifesta-se na interação. Conforme Van Dijk (2008), para que haja uma relação de poder, um grupo, por meio de suas ações reais ou potenciais, deve controlar o outro. Contudo, para que este controle se efetive, precisa dispor de recursos socialmente disponíveis. Na visão do autor, controlar significa conhecer o controlado, e isso inclui conhecer as suas vontades, preferências, crenças e valores.

Assim, práticas de poder são, sobretudo, intencionais, sendo seu exercício estritamente ideológico e por esta estratégia de manipulação mantida e reestruturada. Em nossa análise, a ser discutida com mais detalhes no capítulo a seguir, podemos observar que a greve coloca em cena a luta hegemônica, a luta entre classes sociais (dominantes vs. dominados, estado vs. professores) em posições antagônicas. Dessa maneira, podemos dizer que a instituição que mais impõe poder é a do órgão governamental sobre os professores.

Para Nogueira (1996), os professores estão entre os trabalhadores de classe média que obtiveram o maior nível de organização sindical. São casos deste tipo o grande crescimento da sindicalização de professores da rede privada dos EUA entre os anos 1960 e 1970. Na França, o caso dos professores é de uma categoria das mais politizadas e combativas do sindicalismo dos setores de classe média. “Os professores constituem

sindicatos com maior desenvoltura que outras categorias sendo que a expansão da educação pública significou expansão do seu sindicalismo” (NOGUEIRA, 1996, p. 31).

As greves de professores são acontecimentos que atingem a sociedade de um modo geral, como também o governo vigente. Conforme afirma Bourdieu (2003, p. 270), “a greve é o instrumento principal de luta porque uma das únicas armas de que dispõem é justamente a paralisação do trabalho [...]”. A greve é também uma forma de reivindicação que deixa em evidência uma sociedade dividida em classes e a luta travada entre elas. Além disso, o movimento grevista é um elemento que contribui para a construção identitária, pois é “um elemento que permite ao grupo dos trabalhadores, que participam da Greve, se reconhecerem como classe em oposição a uma outra [...] e é um recurso importante também no conflito político” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 561).

Neste contexto, é importante destacar que, a cada dia, o conhecimento fomentado nas escolas públicas volta-se mais para o mercado, num processo que tende a transformar a educação em uma mera fonte lucrativa. Tal posicionamento insere-se num discurso neoliberal²⁴, o qual o atual Governo do Estado do Ceará defende, ao acentuar cada vez mais a precarização do Ensino Público no referido estado. Segundo Marrach (1996), este conceito define-se como uma ideologia que procura responder à crise do estado nacional ocasionada de interligação crescente das economias das nações industrializadas por meio do comércio e das novas tecnologias. De acordo com a autora, enquanto o liberalismo clássico, da época da burguesia nascente, propôs os direitos do homem e do cidadão, entre os quais, o direito à educação, o neoliberalismo enfatiza mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas e contesta a participação do estado no amparo aos direitos sociais. Acerca do discurso neoliberal presente na educação, Marrach (1996, p. 46) diz que:

Enquanto o liberalismo político clássico colocou a educação entre os direitos do homem e do cidadão, o neoliberalismo, segundo Tomás Tadeu da Silva, promove uma regressão da esfera pública, na medida em que aborda a escola no âmbito do mercado e das técnicas de gerenciamento, esvaziando, assim, o conteúdo político da cidadania, substituindo-o pelos direitos do consumidor. É como consumidores que o neoliberalismo vê alunos e pais de alunos.

Dessa forma, ao negligenciar o seu compromisso em promover uma educação pública, gratuita e de qualidade, o poder executivo do Ceará mostra-se indiferente para com a população cearense. Contudo, ao deflagrar uma greve, a categoria, em muitos casos,

²⁴ O neoliberalismo parte do pressuposto de que a economia internacional é autorregulável, capaz de vencer as crises e, progressivamente, de distribuir benefícios pela aldeia global, sem a necessidade de intervenção do Estado.

sofre a acusação de ser a responsável por todos os transtornos causados à população. Entretanto, os padrões (no caso, o Governo do estado do Ceará) não sofrem as mesmas acusações, mesmo não facilitando as negociações com a categoria. Isso ocorre principalmente por conta da tentativa de criminalização desse instrumento legítimo de reivindicação dos direitos dos trabalhadores, pois “o Governo, ao invés de apostar na negociação, pede intervenção do Poder Judiciário”²⁵.

Em uma greve de professores da rede pública de ensino, seja estadual ou municipal, faz-se presente não somente uma questão econômica e social, mas também uma luta política, em que convicções ideológicas defendidas pelos trabalhadores e seu sindicato entram em conflito com os ideais que sustentam o poder executivo do governo. Dessa forma, podemos perceber o embate discursivo e social que se trava entre esses atores sociais, que buscam a mobilização de outros sujeitos a defenderem a sua causa. Para compreender tal luta pela hegemonia²⁶ do discurso, é necessário compreender, primeiramente, as vozes que compõem esse cenário discursivo.

Sobre a relação estado vs. sindicato, podemos dizer que esta se configura em função das relações sociais, políticas e econômicas de uma greve que coloca em pauta o conflito histórico capital vs. trabalho e instaura uma luta de interesses, em busca da legitimação das identidades institucionais. Embora a greve constitua-se em um regular

²⁵ Fragmento da matéria “Sindicalistas dizem que a luta também é para melhorar serviço” (O POVO, 16/10/2011).

²⁶ Conforme Alves (2010), a noção de hegemonia foi criada no seio da tradição marxista para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço. Nesse contexto, Gramsci apresenta uma noção de hegemonia mais elaborada e adequada para pensar as relações sociais, sem cair no materialismo vulgar e no idealismo encontrados na tradição. O pensador italiano inova e dá contribuição ao pensamento revolucionário ao criar o conceito de hegemonia, sendo que esta é fundamental para qualquer processo de tomada de poder. A noção de hegemonia, portanto, propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nessa perspectiva, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais. Deste modo, uma possível tomada do poder e construção de um novo bloco histórico passa pela consideração da centralidade dessas categorias que, até então, eram ignoradas. Gramsci (1978) afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional. Dessa adoção acrítica de uma concepção do mundo de outro grupo social, resulta um contraste entre o pensar e o agir e a coexistência de duas concepções do mundo, que se manifestam nas palavras e na ação efetiva. Gramsci conclui, portanto, que “não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos” (GRAMSCI, 1978, p. 15). O conceito de hegemonia proposto por Gramsci será adotado na presente pesquisa, pois este é o que melhor representa o contexto sociohistórico aqui abordado. No caso da greve dos professores estaduais do Ceará, ocorrida em 2011, as relações hegemônicas são mantidas em decorrência do papel da mídia na veiculação da greve. Contudo, a teoria gramsciana sobre a hegemonia é somente um aporte teórico secundário, não se configurando como uma categoria de análise, mas sim como um reflexo das diversas estratégias de manipulação da palavra outra aqui analisadas.

exercício de direito constitucionalmente atribuído, adquire a aparência de infração às regras do jogo que regulam a ordem jurídica e política. Esta sensação que movimenta o imaginário brasileiro vem sendo alimentada e reproduzida ao longo dos anos; e o interesse pelo estudo de como esse imaginário se consolida e de como a mídia escrita se comporta diante dessa constituição encontra, neste estudo, uma das problematizações que o justifica.

No nosso caso em análise, é o governo do Estado do Ceará que possui o controle dos recursos sociais: poder de negociar, o maior acesso à mídia e o de aplicar sanções e retaliações aos grevistas (o corte de salários e as mais diversas punições). Isso porque essa instância do poder ampara-se em um discurso jurídico para legitimar a sua fala e, conseqüentemente, manter o quadro hegemônico existente. De acordo com os grevistas, o governo do estado também apoia-se no discurso neoliberal, o qual defende a privatização dos serviços, inclusive a educação. O sindicato representa os professores, a força de trabalho, a parte dominada da relação que opta pela greve quando as decisões da classe dominante fundam-se na exploração da sua força e em práticas ilegítimas ou desiguais. A classe²⁷ docente refuta, então, o discurso neoliberal, que defende a ideia de a educação deixar de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar à sua semelhança. O movimento grevista, por outro lado, apoia-se na lei, que defende a greve, conforme dissemos no início deste capítulo, como um instrumento legítimo de luta. Mas, se os dois lados dessa luta amparam seu discurso em vozes autoritárias, qual será o lado que ganhará esse embate de vozes sociais? É este o cenário no qual o poder se instala, cuja análise, a ser desenvolvida no próximo capítulo, pretende desvelar.

Assim, através da análise do *corpus* selecionado para a presente pesquisa, a ser exposto no capítulo seguinte, buscaremos esclarecer de que maneira a invocação do discurso de outrem é determinante na construção do sentido nas práticas discursivas de uma sociedade e na manutenção – ou até mesmo na mudança – das relações hegemônicas nela presentes, pois, como pressupõe Fairclough (2008), dialeticamente, práticas discursivas também podem alterar estruturas sociais e demarcá-las a longo ou médio prazo.

²⁷ O conceito de classe aqui adotado refere-se ao proposto por Louis Althusser, pensador marxista que, ao retomar a teoria de Marx, defende a ideia de que o sistema capitalista divide a sociedade essencialmente em duas classes: a classe burguesa, detentora dos meios de produção (fábricas, indústrias, propriedades privadas, capital financeiro, etc.) e a classe proletária ou trabalhadora, a qual, não detendo os meios de produção, precisa vender a sua força de trabalho para se manter, para se sustentar. Essa relação é mantida ou assegurada pela exploração da força de trabalho, geralmente mão-de-obra barata do proletário. Althusser cita Marx ao tratar da reprodução das condições de produção da classe dominante dentro do processo de formação das classes sociais. Para o autor, "como Marx dizia, até uma criança sabe que se uma formação social não reproduz as condições da produção ao mesmo tempo em que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja. A condição última da produção é, portanto a reprodução das condições da produção (ALTHUSSER, 1985, p. 9).

3.5. A mídia e seu papel na reprodução dos significados

Segundo Freitas (2006), denominam-se mídia todos os meios de comunicação que expressam, transmitem e reproduzem informações. Jornais escritos e falados, televisão, rádio e Internet são alguns exemplos de meios de comunicação que constituem a mídia. Para este autor, é característica da mídia reproduzir uma determinada realidade de uma pequena minoria e consagrá-la como se fosse a realidade de toda a população, ou seja, uma realidade invertida. Considerada como o quarto poder²⁸, a imprensa tem o poder de eleger e derrubar presidentes, condenar e absolver indivíduos. Portanto, a mídia, como meio de difusão de ideologia, é um mecanismo fundamentalmente promotor da classe dominante. Contudo, a mídia, aparentemente, também se encontra fora do poder dominante; e, igualmente, interessa-se, sobremaneira, pela instância cidadã. Os atores da instância midiática têm, como denomina Charaudeau, “o papel de informar, mas também buscam credibilidade, que lhe é conferida pelos cidadãos” (CHARAUDEAU, 2009, p. 62).

A preocupação com o desenvolvimento dos meios de comunicação tem sua origem na Escola de Frankfurt²⁹, por meio, principalmente, de Horkheimer e Adorno, a partir da década de 40, quando a Escola foi a pioneira em orientar e relacionar teoricamente a questão econômica e política com a questão cultural, denominando esse fenômeno, então, de “indústria cultural”. Este movimento foi o pioneiro por dedicar-se ao questionamento no que diz respeito ao processo de industrialização da cultura. Segundo este pensamento, a mídia passa a ser um veículo de transmissão de uma ideologia das elites. Por sua vez, a cultura, conforme é analisada pelos autores de vertente frankfurtiana, passa a ser transformada em mercadoria. Sob essa perspectiva, os meios de comunicação estão a serviço da ideologia do grupo econômico mais forte, que exerce a dominação, produzindo, por meio do trabalho, a alienação dos sujeitos sociais e tendo por objetivo a manutenção das classes sociais.

Essa manutenção das classes é de interesse daqueles que pertencem à classe dominante, que busca retransmitir sua “verdade” ideológica por meio da chamada grande

²⁸ É comum encontramos referências sobre a mídia como quarto poder, partindo do pressuposto de que os três outros são o executivo, o legislativo e o judiciário.

²⁹ Fundada em 1924 por iniciativa de Félix Weil e chamada originariamente de “Instituto para a Pesquisa Social”, a Escola de Frankfurt é considerada o berço dos estudos de teoria crítica e surgiu para suprir as lacunas das universidades alemãs, que eram indiferentes aos estudos dos movimentos trabalhistas de inspiração socialista. Horkheimer e Adorno, da primeira geração, e Jürgen Habermas, da segunda, tinham como principal objeto de estudo, notadamente, a crítica ao positivismo, a discussão da indústria cultural, a questão do Estado e suas formas de legitimidade. Os estudos de teoria crítica são considerados como tal, isto é, críticos, por se diferenciarem dos estudos tradicionais de sociologia e filosofia, tudo em função do método próprio e da especificidade dos temas abordados (cf. BRAY, 2010).

mídia, fazendo que hoje vivamos uma “encruzilhada” mediante os desafios de uma cultura midiática, uma vez que a comunicação se apresenta progressivamente como elemento que tem o poder de articular e comover a sociedade. Adorno e Horkheimer (1985) caracterizam os meios de comunicação de massa como meios que invadem o espaço privado do indivíduo, ação esta que diminui a distância entre o produto e o telespectador, confundindo aquilo que é passado com a realidade que se apresenta.

Aranha (1993), por sua vez, chama esta atividade de propaganda ideológica, em que as informações aparecem como se a realidade fosse tal qual ela é transmitida e como se houvesse absoluta neutralidade na sua apresentação. O que, muitas vezes, nós não percebemos é que existe uma seleção prévia dos aspectos da realidade e que estes são apresentados a partir de um ponto de vista que serve a determinados interesses. Dessa forma, entendemos que mídia, esta considerada um ator privilegiado no que diz respeito ao processo de (re)produção dos significados, insiste em ocultar deliberadamente aqueles aspectos da realidade que podem permitir ao cidadão apreender a totalidade dos fatos de forma a poder emitir um juízo livre, pessoal, completo e não dirigido em relação aos fatos em questão – neste estudo, especificamente os movimentos sociais.

Considerando-se os movimentos sociais no Brasil, estes sempre foram alvos da chamada “grande mídia brasileira”. Os meios de comunicação de massa, que geralmente se encontram sob o domínio das classes dominantes, transmitem com sua força de opressão ideológica à sociedade, já que as organizações sociais são movimentos que desagregam o sistema social, político e econômico do país. Em *Discurso das mídias*, Charaudeau (2009) reflete sobre a dificuldade de se analisar o discurso de informação, tendo em vista que tal campo discursivo, apesar de ser nitidamente uma ferramenta de manipulação da opinião pública, “tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 17). O autor ainda esclarece:

As mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública – ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação (CHARAUDEAU, 2009, p. 17).

Para Volanin (2013), a criminalização dos movimentos sociais na mídia é histórica. O autor dá como exemplo o caso da Revista *Veja* de 26 de junho de 1985, que traz em uma de suas manchetes “Férias ameaçadas – a supergreve nas escolas altera calendário”, apresentando negativamente a greve de professores para a população e

omitindo, no entanto, dados fundamentais que os levaram à greve, tais como a desvalorização salarial do professor, o desgaste humano devido à quantidade de atividades que o professor se vê na contingência de realizar, entre outros. Volanin assevera também que notícias, transmitidas em um período correspondente a cinquenta anos de diferença entre uma e outra, mostra o mesmo objetivo dos de muitos órgãos de comunicação: criminalizar os movimentos sociais ou manifestações populares que vão além dos interesses de grupos que detêm a concentração do poder e dos veículos de comunicação.

Retomando então a proposta de Aranha (1993), ao definir a propaganda ideológica contra os movimentos sociais, devemos ter em mente que as mensagens veiculadas pela grande mídia apresentam uma versão da realidade a partir da qual se propõe a necessidade de manter a sociedade nas condições em que se encontra ou transformá-la estrutura econômica, regime político ou sistema cultural próprios daqueles que detêm o poder. A mídia induz ao seu receptor, ao analisar conjuntamente a sociedade, não somente a seleção dos acontecimentos e atores a serem analisados, como atribuirá a estes acontecimentos um sentido afinado com os interesses das classes dominantes, com sentido atribuído, não a um puro fato, mas um fato lido e visto por interesses específicos.

É por meio, principalmente, da manipulação da palavra outra, que a minoria dominante, através da veiculação da “sua verdade” nos meios de comunicação, atinge o seu principal objetivo: comover o povo e trazê-lo para o seu lado, convencendo-o de que a verdade exposta na mídia também é a verdade deles e que, por isso, eles devem defendê-la. No caso da greve dos professores do estado do Ceará de 2011, os jornais de grande circulação local utilizaram largamente o recurso da citação a favor daqueles que o sustentam, criminalizando o movimento grevista ao colocar a população, principalmente aqueles que dependem da educação pública, como principais vítimas da paralização das atividades docentes nas escolas da rede pública estadual de ensino. É o que discutiremos com mais detalhes no capítulo a seguir.

4. O DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE A GREVE DOS PROFESSORES ESTADUAIS DO CEARÁ EM 2011

A opinião pública não é autônoma. Não se forma por si mesma diante dos fatos. Depende sempre da natureza, da qualidade e do volume de informações oferecidas sobre o objeto em julgamento.

Jânio de Freitas

4.1. Aspectos metodológicos da pesquisa

4.1.1. Sobre o tipo de pesquisa

De acordo com Costa (2001), a metodologia consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não no âmbito das implicações de suas aplicações. É a melhor maneira de abordar determinados problemas, tendo em vista o estado atual de nossos conhecimentos. Ou seja, é a ferramenta que traz a explicação minuciosa, rigorosa, detalhada e exata de toda a ação desenvolvida no método do trabalho de pesquisa. Com base nesse conceito, a presente pesquisa encontra-se relacionada à concepção descritiva e investigativa da Linguística Aplicada, definida por Vieira (2002) e Malhotra (2001). Para esses autores, tal método de pesquisa tem como principal objetivo conhecer e interpretar a realidade, por meio da observação, descrição, classificação e interpretação de fenômenos, sem nela interferir para modificá-la.

A abordagem como orientação para o desenvolvimento da pesquisa será a exploratória, uma vez que a pesquisa traz como objetivo proporcionar uma maior aproximação com o problema, como também familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de modo que a pesquisa subsequente possa ser concebida com uma maior compreensão e precisão. O percurso metodológico adotado por essa pesquisa, com o intuito de alcançar os objetivos acima expostos, encontra-se pautado em um enfoque de natureza qualitativa de investigação, posto que esse recurso metodológico permite observar e descrever fenômenos, buscando compreendê-los, como também interpretá-los.

4.1.2. Sobre as categorias de análise

No que diz respeito ao quadro teórico da pesquisa, este está embasado na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Bakhtin (2003, 2010b) e Bakhtin/Volochínov (1995), a qual entende a interação realizada por meio da linguagem

como o pilar do princípio dialógico como um fenômeno geral de todo e qualquer uso da língua, tanto na oralidade quanto na escrita. É a partir dessa visão dialógica da linguagem, percebida através da pluralidade de vozes que se entrelaçam da construção do discurso, que se embasa a categoria principal usada nesta proposta de trabalho: o discurso de outrem. O conceito, definido por Bakhtin/Volochínov, é discutido com detalhes na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1995), em sua terceira unidade.

Bakhtin/Volochínov (1995) asseveram que, no ato da utilização da palavra de outrem, a palavra que cita pode ou não ressignificar a palavra citada, sem que, com isso, apague a sua origem. Por mais que se tente apagar a origem do discurso de outrem, ele reaparece, ainda que sob a forma de estranhamento – ou de “ruído” – na harmonia do texto. Dessa forma:

O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150).

Assim, ao integrar o discurso do outro no discurso do eu, ou melhor, ao integrar o discurso citado no discurso narrativo, haverá a conservação do discurso citado em maior ou menor escala. O jogo com as preposições “no” e “sobre”³⁰ revela dois aspectos constitutivos do discurso citado na perspectiva de Bakhtin/Volochínov: há uma fala alheia presente no discurso citado, mas há também um diálogo sobre essa fala, uma vez que, por meio dos verbos *dicendi*, por exemplo, essa fala será interpretada de uma ou outra maneira pelo leitor.

No que diz respeito a presente pesquisa, optamos por utilizar como categorias de análise algumas das propostas por Bakhtin e seu Círculo de estudos, abordadas de maneira detalhada em suas obras aqui discutidas, no capítulo 2. A escolha de tais categorias se deve, principalmente, por estas serem mais recorrentes em textos que pertencem ao discurso jornalístico, sobretudo ao gênero reportagem. Assim, de forma a apresentar didaticamente as categorias aqui utilizadas, organizamos um quadro que representa com nitidez as variantes nas quais nos apoiaremos para a análise do *corpus* selecionado, o qual pode ser observado no tópico 2.4 do capítulo 2 da presente pesquisa.

³⁰ O jogo com as preposições a que nos referimos é o que se encontra presente no trecho de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995), no qual os autores afirmam ser o discurso de outrem o “discurso no discurso, enunciação na enunciação e, ao mesmo tempo, de discurso sobre discurso, enunciação sobre enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 150).

4.1.3. Sobre a constituição do *corpus*

A elaboração de *corpus* deve ser feita, conforme Maingueneau (1997, *apud* GRILLO, 2003), de diferentes níveis: 1) o **corpus máximo**, que engloba todos os enunciados que pertencem a um gênero discursivo (na maioria das vezes, o *corpus* máximo não é delimitável); 2) o **corpus delimitado**, que é definido a partir do *corpus* máximo, no qual o pesquisador circunscreve um conjunto de enunciados, em função do objetivo proposto em sua pesquisa; 3) o **corpus elaborado**, o qual, com base nas hipóteses de trabalho constituído pelo pesquisador, define um programa de análise e deve extrair do *corpus* delimitado um ou vários *corpora* elaborados (certos episódios narrativos, enunciados de tal estrutura sintática, um conjunto de passagens organizadas em torno de um conector argumentativo etc).

Baseando-nos nesta forma de constituição de um *corpus*, adotamos, para a nossa pesquisa, como *corpus* máximo, o jornal Diário do Nordeste. Com relação ao *corpus* delimitado, optamos por utilizar as reportagens veiculadas por essa empresa de comunicação que trataram a greve dos professores estaduais do Ceará, ocorrida em 2011. Por fim, o *corpus* elaborado corresponde às reportagens que mostram com maior clareza e riqueza a presença de diversas vozes na composição do discurso do produtor do texto. Dessa maneira, com o objetivo de focalizar de que forma o discurso citado materializa-se no gênero reportagem, gerando diversos efeitos de sentido, foram realizadas a coleta, a delimitação e a elaboração do *corpus*, contendo este 5 (cinco) reportagens jornalísticas veiculadas em jornal impresso Diário do Nordeste, veículo de comunicação que, apesar de ser produzido no Ceará, possui circulação nacional, ou seja, abrangendo assim uma grande variedade de leitores. Ainda sobre o *corpus* da nossa pesquisa, este foi construído, então, com base em três critérios: 1) o gênero escolhido para a análise são as reportagens; 2) essas reportagens têm como tema a greve dos professores deflagrada no Ceará em 2011; 3) a seleção das reportagens foi feita organizada segundo a data de publicação.

Para a construção de nosso *corpus*, consideramos que, dentre as publicações disponíveis sobre a greve dos professores estaduais do Ceará, em 2011, o jornal impresso Diário do Nordeste foi o que mais noticiou o fato. Em decorrência disso, optamos por analisar as reportagens publicadas por esse veículo midiático. A escolha desse jornal se deu também por outros motivos. Um deles é que o Diário do Nordeste é um dos jornais de maior

circulação no estado do Ceará, sendo um dos principais representantes da chamada "grande mídia"³¹.

As reportagens coletadas mostram os diversos fatos que constituíram o cenário da greve dos professores do estado do Ceará, como as divergentes opiniões sobre o caso, as ações tomadas a respeito, os efeitos do movimento grevista na sociedade e o desenrolar da manifestação. Os textos foram divulgados no período em que a greve foi deflagrada, em 5 de agosto de 2011, até a data de sua suspensão, noticiada no dia 7 de outubro do mesmo ano. Ainda sobre as reportagens selecionadas, é importante destacar que a presente pesquisa se ocupará em analisar somente os textos verbais que constituem o corpo da reportagem. Isso quer dizer que tanto as imagens como os quadros que compõem os textos jornalísticos não serão de nosso interesse e, em decorrência disso, não nos deteremos em analisar os elementos verbo-visuais³² presentes.

4.1.4 Sobre os procedimentos de análise

Durante a pesquisa, os textos que constituem *corpus* foram organizados respeitando a ordem cronológica de suas publicações, a fim de compreender, levando em conta o desenrolar dos acontecimentos que marcaram o fato, o contexto geral do evento noticiado. Abaixo, temos um quadro que expõe essas reportagens:

TEXTO Nº	TÍTULO DA REPORTAGEM	DATA DE PUBLICAÇÃO
Texto 1	"Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito"	20 de agosto de 2011
Texto 2	"Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a polícia"	2 de setembro de 2011
Texto 3	"Professores continuam greve"	24 de setembro de 2011

³¹ Peruzzo (2003) afirma que "grande mídia" é uma expressão utilizada em larga escala para se referir – geralmente de forma depreciativa – aos principais veículos de um determinado sistema de comunicação social, considerando os setores tradicionais – emissoras de rádio e TV, jornais e revistas. Segundo Peruzzo (2003), a grande mídia é suscetível a corresponder a interesses políticos e econômicos de empresas, lideranças, grupos políticos partidários da região, entre outros segmentos.

³² Como foi dito, não é foco de nossa pesquisa analisar a multiplicidades de vozes e o fenômeno da citação em textos verbo-visuais. Contudo, podemos encontrar trabalhos acadêmicos que tratam de analisar o discurso citado em textos que conjugam o verbal e o visual. Dentre eles, podemos citar o artigo de Brait (2011), intitulado "Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual", disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5397/5091>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

Texto 4	“Manifestantes passam a noite em vigília na AL”	30 de setembro de 2011
Texto 5	“Greve dos professores é suspensa por 30 dias”	8 de outubro de 2011

Quadro 2: Reportagens selecionadas para análise³³

Após esse procedimento, foi realizado o estudo detalhado de cada texto, de forma a identificar as diferentes vozes que os constituem e as respectivas estratégias discursivas de citação encontradas nas reportagens. Nesse processo, buscou-se mostrar as categorias bakhtinianas referentes ao discurso de outrem – estas discutidas no segundo capítulo desse trabalho – que se fazem presentes na superfície textual do *corpus* selecionado. Para realizarmos a análise proposta, utilizamos, sobretudo, as variantes do discurso citado discutidas em *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995) que se encontram nos fios discursivos do referido *corpus*. Contudo, também nos amparamos nos conceitos propostos em *Questões de literatura e de estética* (BAKHTIN, 2010a) e em *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010b). Esse processo objetiva definir os diferentes acentos valorativos presentes da representação da voz do outro e os efeitos de sentido construídos a partir deles, tais como tomadas de posicionamento e efeitos ideológicos. Assim, levando em conta os procedimentos metodológicos aqui destacados, essa pesquisa tem intenção de colaborar como referência para futuros estudos, levando em conta o resultado das análises evidenciado pelo problema do trabalho.

Por fim, é importante deixar claro que o propósito da nossa pesquisa não é fazer uma descrição do gênero, mas sim analisar o funcionamento do discurso citado no interior desse gênero³⁴. Contudo, cabe uma breve exposição, à luz dos pressupostos bakhtinianos sobre gênero discursivo, já tratado no tópico 1.2 do primeiro capítulo deste trabalho, do gênero reportagem. Conforme dissemos no referido tópico, para Bakhtin, os gêneros discursivos são definidos a partir de três dimensões, o estilo, o conteúdo temático e a forma composicional. Com relação ao estilo do gênero reportagem na sua forma canônica, observamos que este prima pelo uso da norma padrão da língua, uma vez que se destina a

³³ As reportagens coletadas que constituem o nosso *corpus* estão disponíveis na íntegra na sessão ANEXOS desta pesquisa, dispostas na mesma ordem a qual foram organizadas no quadro acima.

³⁴ Apesar de não ser o nosso foco na presente pesquisa, é importante ressaltar a influência que o gênero reportagem pode exercer nas formas de citação, uma vez que este pode trazer implicações na maneira como o discurso de outrem é recebido pelo texto, como também como ele é compreendido pelo leitor. Isso se deve, conforme já foi dito anteriormente, principalmente em decorrência do estilo e da forma composicional do gênero em questão. Dessa forma, podemos perceber que, assim como o discurso citado, as características eminentes do gênero reportagem também são de grande relevância para a construção dos efeitos de sentido presentes no textos.

um público letrado e que tem interesse na informação. Benites (2002) afirma que este gênero possui linguagem e estilo menos rígidos do que os da notícia, “variando conforme o público e o assunto, e a autoria é importante, já que sempre se admite nela alguma interpretação” (BENITES, 2002, p. 49). Ainda sobre esse gênero, Benites ressalta que:

Embora possa demandar, às vezes, semanas ou até meses de dedicação a uma só matéria, a reportagem apresenta a vantagem de ser capaz de reavivar assuntos, atualizando-os, e de prender a atenção do leitor, mesmo que ele já tenha conhecimento de pormenores divulgados (BENITES, 2002, p. 49).

A forma composicional da reportagem resume-se basicamente nos seguintes elementos: a) *manchete*, que tem o objetivo de resumir a reportagem e, ao mesmo tempo, de atrair a atenção do leitor para o texto; b) *olho*, que é constituído de um texto mais explicativo que o título principal e garante a leitura da reportagem, pois seu texto é sempre interessante e chamativo; c) *lead*, que é um resumo, em geral presente no início da reportagem; d) *corpo do texto*, que é a parte da reportagem em que se desenvolve o assunto, apresentando detalhes do fato principal. É o corpo da reportagem que acrescenta informações, trazendo desdobramentos da história. O tema do gênero reportagem, por sua vez, é caracterizado, geralmente, por fatos de natureza polêmica, de caráter mais informativo e objetivo. Abaixo, podemos identificar, em uma das reportagens que compõem o nosso *corpus*, os elementos que formam a estrutura composicional da reportagem³⁵:

Manchete

Olho

Lead

Manifestantes passam a noite em vigília na AL

● O objetivo da categoria é que o governador, Cid Gomes, não sancione o projeto que trata a tabela de vencimento

Os professores estaduais em greve e os policiais do Batalhão de Choque passaram a noite nos corredores da Assembleia Legislativa. Isso aconteceu devido a um acordo realizado entre o Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc) e o presidente da Casa, deputado Roberto Cláudio (PSB), quando foi permitido que a categoria ficasse no local.

Hoje, os docentes realizam assembleia, em frente à Casa Legislativa, às 8 horas, para definir os rumos da greve.

No início da tarde de ontem, o clima continuava tenso na Assembleia Legislativa, após toda a confusão. Antes de o acordo ser feito, o Sindicato Apeoc esperava ter uma reunião com Roberto Cláudio. Mas, devido a um desencontro de informações, o encontro não aconteceu. Por isso a conversa teve que ser feita rapidamente, por telefone.

Segundo o presidente da Apeoc, Antônio Melo, o acordo é importante para que os professores possam levar alimentos para os acampados e também coordenar a entrada e saída dos grevistas. “O sindicato quer negociar e para isso precisamos de uma proposta do Governo”, afirmou. Ele acrescentou que, após a situação se acalmar, resta à categoria esperar pela assembleia desta sexta-feira para decidir o que será feito. “Esperamos que tudo seja resolvido”, torce.

De acordo com Cássia Gomes, membro do comando da greve, o objetivo da categoria é evitar que o governador, Cid Gomes, sancione o projeto votado, onem, pelos parlamentares, que trata a tabela de vencimentos para os profissionais de nível médio.

“Vamos pressionar o Governo, pois ninguém acredita mais neles. O governador enviou, para a Assembleia, a proposta que a categoria não concordou, apesar de os professores terem pedido para que ele não o fizesse”.

Ela afirmou que a greve deve acabar somente depois que o governo atender as propostas dos professores. “Essa é a única solução aceita pela categoria”.

No fim da tarde, Ronaldo Rogério, um dos feridos durante a confusão voltou à Assembleia Legislativa para apoiar a comunidade da greve. Já o professor Arivaldo Freitas Alves, atingido na cabeça durante o confronto, foi encaminhado ao Instituto Dr. José Frota (IJF) e continua em observação.

O representante do setor jurídico do sindicato, Sérgio Bezerra, assegurou que Alves estava apenas oferecendo água aos seus companheiros quando foi agredido pela Polícia. “O sindicato vai apoiar os dois em tudo que for possível”, garante.

O integrante da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-CE), Percival Palmeira, comentou que o delegado do 4º Distrito Policial, José Manguba Neto, determinou a elaboração de um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO) para avaliar a acusação feita pelos policiais contra os docentes.

Além disso, ele destacou que os professores vão abrir uma ação criminal contra o governador Cid Gomes, o presidente da AL, Roberto Cláudio, e o comandante da Polícia, Werisleik Pontes e que uma pessoa foi ferida por objetos arremessados pelos próprios professores.

A Secretária da Educação do Estado (Seduc) também se manifestou, por meio de uma nota oficial, em que disse esperar que os profissionais retornem às suas atividades nas escolas para que os estudantes da rede estadual retomem os estudos o mais breve possível. ●

Além disso, o comunicado informa que foi apreendida, pelos policiais, uma faca que estava na posse de um dos manifestan-



OCUPAÇÃO 60

PROFESSORES passaram a noite na Assembleia Legislativa devido a greve. Os Policiais do Batalhão de Choque também acamparam no local

● **PÊDIDO DE CALMA**. manifestante ergue os braços aos policiais do Batalhão de Choque, durante o confronto no hall da Casa Legislativa, onde os ânimos estiveram acirrados. FOTÓGRAFO: JUNGHER

COMENTE
ci.cidadegdp.br/donordocente.com.br

Figura 2: Elementos da estrutura composicional do gênero reportagem

³⁵ O *corpo do texto* corresponde ao restante da reportagem. No caso do texto do exemplo, o *lead* encontra-se no segundo parágrafo, mas, geralmente, esse elemento inicia o texto. Além disso, a reportagem do exemplo contém elementos visuais compondo seu conteúdo, o que não é uma regra no gênero reportagem. Dessa forma, a reportagem em questão comprova a máxima dita por Bakhtin (2003), segundo a qual “os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 280).

4.2. Análise do discurso citado em reportagens sobre a greve dos professores estaduais do Ceará em 2011

4.2.1. Texto 1: *Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito*

A primeira reportagem a ser analisada foi divulgada pelo Diário do Nordeste no dia 20 de agosto de 2011, 15 dias após o início da greve dos professores da rede estadual de ensino. Na ocasião divulgada, ocorrera uma manifestação dos professores em frente ao Palácio Abolição, buscando respostas do governador Cid Gomes acerca das negociações iniciadas. A reportagem, a iniciar pela manchete, intitulada “Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito”, utiliza o seu lugar privilegiado na formação da opinião pública para pôr em destaque o movimento grevista como um elemento que traz prejuízos ao bom funcionamento da sociedade, em especial – no caso da reportagem – ao trânsito da capital cearense. A intenção de concentrar a culpa do bloqueio do tráfego nos professores em manifesto pode ser observada também logo abaixo da manchete. No olho³⁶ do texto, “*Polícia e AMC cercaram o entorno da sede do governo para proteger o prédio de um protesto de professores*”, a repórter dá a entender que o motivo do transtorno no local deve-se à presença da categoria grevista e que, por esse motivo, se fez necessária a intervenção da força policial para proteger o prédio.

Observemos o primeiro parágrafo do texto:

Exemplo 1: Fragmento do texto 1. *Diário do Nordeste*, 20.08.2011, p. 13. Grifos nossos.

Quem **precisou** passar, ontem, pelas proximidades do Palácio Abolição, enfrentou grandes congestionamentos. É que todo o entorno do equipamento foi bloqueado pela Polícia Militar e pela Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e de Cidadania (AMC) **com objetivo de proteger o prédio de uma manifestação que era realizada por professores da rede estadual. Até quem não estava no ato foi impedido de passar, mesmo a pé.**

Nessa passagem do texto, a repórter faz uso do *discurso referencial direto*, categoria própria do discurso monovocal apresentado por Bakhtin (2010b). Para este autor, no discurso monovocal do primeiro tipo, apenas o discurso do autor nomeia, comunica, enuncia, representa; é dele o direito à interpretação referencial e direta do objeto. O que conta é o que está no seu campo de visão. Para Bakhtin:

³⁶ O olho da reportagem é constituído de um texto mais explicativo que o título principal e garante a leitura da reportagem, pois seu texto é sempre interessante e chamativo.

O discurso referencial direto conhece apenas a si mesmo e ao seu objeto, ao qual procura se adequar ao máximo. Se nesse caso ele imita alguém, aprende com alguém, isso não muda absolutamente a questão. [...] e fazem parte, ou seja, se no próprio discurso há implícita uma alusão deliberada ao discurso de um outro, verifica-se novamente um discurso do terceiro, e não do primeiro tipo (BAKHTIN, 2010b, p. 214).

No caso do trecho em análise, percebemos que, apesar de o discurso da repórter aparentar ser proferido a uma só voz, ali se fazem presentes outras vozes, nas quais, inclusive, a narradora se apoia para construir o seu discurso. Dentre as vozes identificadas, podemos destacar a voz da Autarquia Municipal de Trânsito - AMC, da Polícia Militar e das pessoas que ali passavam no momento em que ocorrera o fato noticiado. A existência desses discursos nesse enunciado é perceptível, mesmo que não estejam revelados de maneira explícita na superfície textual. Afinal, para que existisse este enunciado, foi preciso que, anteriormente, a repórter tivesse acesso a essa informação com os outros atores sociais presentes no momento do fato, proferindo, posteriormente, as outras vozes constituintes do enunciado no interior da sua própria voz. Por meio dessa estratégia de citação, a narradora reforça o sentido de que o congestionamento ocorrido naquele local é de responsabilidade dos docentes que participaram a manifestação, e de que tal ato prejudica não só aqueles que estão sendo protegidos pela PM e pela AMC, mas a população de um modo geral.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1995) comentam sobre a variante *discurso indireto analisador da expressão*. Essa variante é construída com base no *estilo pictórico*. Isso quer dizer que os limites que separam o discurso do narrador do discurso citado são diluídos, o que permite que a fala do narrador se sobressaia com relação à fala citada e vice-versa. No caso exemplificado, é possível verificar que é a voz da repórter que é evidenciada no texto, esta aplicando suas réplicas e entonações próprias nos discursos por ela “abafados”. Sobre este fenômeno, os autores escrevem que:

Pode-se também apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem enquanto expressão que caracteriza não só o objeto do discurso (que é, de fato, menor) mas ainda o *próprio falante*: sua maneira de falar (individual, ou tipológica, ou ambas); seu estado de espírito, expresso não no conteúdo mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entoação expressiva, etc.); sua capacidade ou incapacidade de exprimir-se bem, etc. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 164, grifo dos autores).

Em um outro trecho da reportagem, temos a seguinte passagem:

Exemplo 2: Fragmento do texto 1. *Diário do Nordeste*, 20.08.2011, p. 13. Grifos nossos.

“O Brasil é um País democrático, o cidadão tem direito de ir e vir”, reclamou a pedagoga do Ministério da Educação Tatiane Lima, 46 anos. Segundo ela, o que mais revoltou foi a justificativa dada pelos policiais. “Eles disseram que eu não poderia passar da barreira, por questões de segurança, mas quando perguntei se seria a segurança da população, eles responderam que não, que é a segurança das autoridades”, relatou.

Aqui há a mescla de duas variantes do discurso citado: o discurso direto esvaziado e o discurso indireto analisador de conteúdo. No primeiro caso, observamos, nos trechos em negrito, que a produtora do texto utiliza como estratégia de citação da palavra da entrevistada o discurso direto, mais especificamente a variante denominada *discurso direto esvaziado*. O enquadramento desses trechos nessa categoria pode ser justificado pelo fato de a palavra da narradora se sobressair à palavra citada entre aspas. A voz citada, no pensar bakhtiniano, é ofuscada pela “sombra” da palavra que cita. Para Bakhtin/Volochínov (1995, p. 166), “as apreciações e o valor emocional de que sua representação objetiva está carregada transmitem-se às palavras do herói”. Fica evidente que, por meio dos verbos *dicendi* “relatar” e “reclamar”, a autora investe ao discurso citado suas réplicas, “colorindo”, então, a palavra da referida pedagoga. Fica claro também que o discurso da autora busca caracterizar a professora com um tom negativo ao afirmar que esta se sentiu revoltada com a justificativa dada pelos policiais à ação da PM.

Já no segundo caso, presente no trecho sublinhado, a variante de citação adotada é a do *discurso indireto analisador de conteúdo*. Diferentemente do primeiro caso, no qual a variante usada tem como orientação o *estilo pictórico*, a variante utilizada no segundo caso é construída com base no *estilo linear*. Dessa forma, a autora do texto constrói nítidas barreiras entre sua palavra e a palavra que ela cita. A opção por essa estratégia deve-se à intenção de a repórter tentar afastar-se do discurso da pedagoga, como estratégia para se isentar da responsabilidade sobre a palavra proferida. Acerca dessa forma de citação, Benites (2002) explica que:

Em algumas situações, o locutor citante procura manter um considerável distanciamento em relação à fala citada, de forma a não se envolver e, conseqüentemente, não ser dado como responsável por ela, mas apenas como seu retransmissor. A citação com função de isenção de responsabilidade é encontrada com maior frequência em textos que poderiam vir a ser alvo de uma possível polêmica, da qual o locutor citante deseja preservar-se (BENITES, 2002, p. 102).

Acreditamos, portanto, que essa estratégia foi empregada no trecho em questão porque a repórter e, conseqüentemente, o jornal não queriam se responsabilizar pela crítica feita pela pedagoga à operação da polícia e da AMC.

Em outra passagem do mesmo texto, podemos observar a presença de outra variante de citação do discurso direto. Vejamos o trecho:

Exemplo 3: Fragmento do texto 1. *Diário do Nordeste*, 20.08.2011, p. 13. Grifos nossos.

Anísio Melo, presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), diz que, em vez da repressão, os professores querem negociação. “Queremos garantir que a nossa carreira não seja atacada, que os nossos direitos sejam respeitados e que o professor tenha valor”, destacou.

Nesse caso, a autora faz uso da variante *discurso direto preparado*, sobre a qual Bakhtin/Volochínov (1995, p. 166) esclarecem que “os temas básicos do discurso direto que virá são antecipados pelo contexto e coloridos pelas entoações do autor. Dessa maneira, as fronteiras da enunciação de outrem são bastante enfraquecidas”. Podemos identificar que tal estratégia de citação utilizando a palavra da repórter – esta carregada pela voz de Anísio Neto, por meio do discurso *indireto analisador de conteúdo* – prepara o leitor para a palavra direta do presidente da Apeoc, antecipando, assim, o seu conteúdo. Percebemos, portanto, que, apesar de a narradora buscar afastar-se do discurso do outro, por meio do uso das aspas, ela também se aproxima, ao inculcar na palavra citada as suas entoações enquanto antecipa a voz citada. Assim, compreendemos que o esquema de citação discurso indireto, mesmo quando cria fronteiras rígidas entre os discursos citante e citado, pode ter o poder de aplicar neste seus tons, havendo, então, certo apagamento dessas fronteiras.

Assim, levando em conta a reportagem na íntegra, entendemos que os efeitos de sentido gerados pelo texto, por meio, principalmente, dos recursos de citação da palavra de outrem, reforçam a ideia já empregada na manchete do texto, ou seja, que o movimento grevista protagonizado pelos professores estaduais do Ceará é o responsável pelo transtorno causado no entorno do Palácio Abolição, o que prejudica a população cearense de modo geral. Esta foi uma das diversas reportagens veiculadas pelo jornal em questão, que trata a greve dos professores de forma subversiva e transgressora, buscando colocar a sociedade contra o movimento. Como pudemos observar, as diferentes formas de citar a palavra alheia serviram como uma poderosa ferramenta para alcançar esse objetivo. O

quadro abaixo reforça a tese aqui defendida, apresentando as citações presentes na reportagem analisada.

Vozes que apoiam o discurso do Governo do Estado	Vozes que se posicionam a favor da manifestação
<p>1. É que todo o entorno do equipamento foi bloqueado pela Polícia Militar e pela Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e de Cidadania (AMC) com objetivo de proteger o prédio de uma manifestação que era realizada por professores da rede estadual. Até quem não estava no ato foi impedido de passar, mesmo a pé.</p> <p>2. O Governo do Estado, através da assessoria de comunicação, informou que o bloqueio foi organizado por causa do protesto e que o objetivo era garantir a proteção tanto do Palácio da Abolição, que é um prédio tombado, quanto da população e dos manifestantes.</p>	<p>1. “Isso é um absurdo, fui impedida de andar em vias públicas. Não me deixaram ir nem no prédio e nem na loja. O Brasil é um País democrático, o cidadão tem direito de ir e vir”, reclamou a pedagoga do Ministério da Educação Tatiane Lima, 46 anos.</p> <p>2. Claudete Carvalho, professora do Estado há dez anos, avalia que era muita segurança para uma manifestação. “Agora tem rua própria para o governador, a gente não pode nem andar a pé. A via, que é pública, agora é dele”, ironizou.</p> <p>3. Anísio Melo, presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), diz que, em vez da repressão, os professores querem negociação. “Queremos garantir que a nossa carreira não seja atacada, que os nossos direitos sejam respeitados e que o professor tenha valor”, destacou.</p>

Quadro 3: O discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 1.

4.2.2. Texto 2: “Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a Polícia”

Na segunda reportagem que constitui o nosso *corpus*, o jornal Diário do Nordeste, no dia 2 de setembro de 2011, noticia o confronto entre a Polícia e os professores em greve, ocorrido na Assembleia Legislativa e com a adesão não só de centenas de estudantes da rede pública de ensino, como também de alunos do ensino superior. Os professores locomoveram-se até a Assembleia na tentativa de chegar a um acordo para o fim da paralisação, buscando respostas para as suas reivindicações. Foi nesse momento, então, que a Polícia decidiu intervir, atitude essa que culminou em violência no local. Na ocasião, alguns professores foram agredidos e outros foram até detidos.

No primeiro parágrafo do texto, temos o seguinte trecho:

Exemplo 4: Fragmento do texto 2. *Diário do Nordeste*, 02.09.2011, p. 12. Grifos nossos.

O clima ficou tenso ontem, na Assembleia Legislativa. Professores da rede estadual de

ensino em greve entraram em confronto com a Polícia Militar. Os manifestantes invadiram as dependências da Casa Legislativa, galerias e tentaram entrar no plenário, mas foram contidos por policiais do Batalhão de Choque, que fez cordão de isolamento na entrada do plenário.

Com base na leitura do trecho, percebemos que a narradora busca estabilizar o enunciado ao tentar monologizar o discurso acima. Identificamos, portanto, que a autora recorre às *forças centrípetas* no enunciado em questão, conceito que, conforme Bakhtin (2010a), atua com vistas a normatizar, unificar e tornar homogênea a língua, ao passo que as *forças centrífugas*, ao contrário, atuam no sentido de estratificar e tornar heterogênea a língua. Outro fator importante é a escolha léxico-sintática empregada pela repórter, que tem como objetivo criminalizar o movimento grevista. Tal estratégia fica evidente tanto na manchete da reportagem – *Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a Polícia* –, ao afirmar que os professores entraram em confronto com os policiais – colocando a categoria docente como agente da ação –, quanto no trecho do exemplo acima, no qual a autora do texto prioriza deixar evidentes as ações supostamente cometidas pela classe grevista, que, em decorrência disso, precisaram ser “contidos” pela polícia. Sobre esse tipo de estratégia, Costa (1995, p. 589) explica que:

A técnica jornalística de titulação exerce influência na percepção fragmentada dos fatos, cuja síntese arbitrária de se selecionar a informação "mais importante" como manchete direciona a leitura, propicia a formulação de preconceitos e cristaliza no particular o conhecimento da realidade. Esta prática despotencializa a objetividade que os jornais liberais a si atribuem.

A mesma estratégia pode ser observada em outro trecho da reportagem:

Exemplo 5: Fragmento do texto 2. *Diário do Nordeste*, 02.09.2011, p. 12. Grifos nossos.

Transtornos

*Após realizar manifestação na Praça da Imprensa, professores, pais e alunos seguiram em caminhada rumo ao Legislativo estadual. **Quem passava pela Avenida Desembargador Moreira teve de enfrentar enormes congestionamentos, agravados pelo horário de saída de estudantes de escolas particulares próximas.***

No exemplo acima, extraído da área em destaque intitulada “transtornos”, a qual tem como função chamar a atenção do leitor para a informação dita abaixo, observamos claramente a intenção da produtora do texto em evidenciar os prejuízos causados à população cearense ao trazer, em primeiro plano, a informação que colocamos em destaque no Exemplo 5, deixando em segundo plano o motivo pelo qual os professores dirigiram-se à

Assembleia. Antes de informar sobre a reivindicação das perdas salariais, o jornal sintetiza no trecho em destaque a informação que considera mais importante no texto, antecipando ao leitor que a greve causará prejuízos aos alunos e à população em geral e que, portanto, ela é ineficaz, pois o governo atual e o movimento não chegam a um acordo.

Mais adiante, temos a passagem:

Exemplo 6: Fragmento do texto 2. *Diário do Nordeste*, 02.09.2011, p. 12. Grifos nossos.

O deputado Tim Gomes, que estava presidindo as atividades, destacou que a Assembleia é parceira e que sempre esteve pronta para receber os professores. No entanto, ele se mostrou irritado com uma pichação feita pelos manifestantes no andar superior do prédio. “Vocês precisam reordenar o movimento”, criticou o parlamentar.

Acreditamos que o excerto acima revela uma série de estratégias de uso da citação da palavra outra. Primeiramente, no trecho sublinhado, podemos identificar, levando em conta as categorias propostas por Bakhtin/Volochínov (1995), a presença do discurso indireto analisador de conteúdo. Nesse exemplo, fica evidente que o objetivo da autora do texto é, de fato, afastar-se da palavra do deputado, dando a ele total responsabilidade sobre o conteúdo de sua fala. Por conseguinte, ao se amparar nas categorias discutidas em PPD, podemos enquadrar esse trecho como um exemplo de discurso *bivocal do tipo ativo*, o qual Bakhtin (2010b) define como todo e qualquer discurso que seja refletido do outro. No caso do trecho da reportagem acima em destaque, a voz da narradora surge nitidamente a partir da opinião do deputado, voz a qual ela cita literalmente. Ainda sobre esse tipo de discurso, Bakhtin (2010b, p. 229) explica que nele “o discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de inter-relação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante”.

Levando em conta, também, as reflexões bakhtinianas expostas em QLE, observamos que o trecho em destaque faz uso da *palavra autoritária*, uma vez que a autora ampara-se na voz de uma autoridade política – a do deputado Tim Gomes – para legitimar³⁷ o seu discurso. Ou seja, sua intenção é fazer que, com base na palavra do deputado, o público leitor creia que a Assembleia sempre recebeu de maneira solícita a classe docente. Em uma outra passagem, esta em negrito, temos um outro exemplo de palavra autoritária. A

³⁷ Thompson (2007) caracteriza a legitimação como um modo de operacionalização ideológico em que relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas. Uma estratégia típica da legitimação é a racionalização, através da qual o produtor constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar suas ações.

repórter opta por destacar, por meio das aspas, a voz do deputado, pela qual ele afirma que o movimento grevista *precisa* se organizar.

Observamos, em trecho do texto 2, outro exemplo do uso da palavra autoritária:

Exemplo 7: Fragmento do texto 2. *Diário do Nordeste*, 02.09.2011, p. 12. Grifos nossos.

*Na última sexta-feira, 26, o Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) **determinou a suspensão da greve. De acordo com a decisão, a categoria deveria retomar às atividades em até 48 horas, sob pena de pagar R\$ 10 mil por cada dia de descumprimento.** A greve completa um mês na próxima segunda-feira, 5. O líder do governo na Assembleia Legislativa, deputado Antônio Carlos, diz que foi avisado pelo movimento grevista, ainda na quarta-feira, 24, sobre o pedido de ilegalidade da greve.*

Nessa página, a escolha do verbo “determinar” indica que a decisão pela ilegalidade (e por que não dizer criminalidade?) da greve está instituída, não havendo margem para contestação. A utilização desse verbo para introduzir o discurso citado, este representado pelo Tribunal de Justiça, atesta que o autor do texto recorre à palavra autoritária (no caso, a voz da justiça), para legitimar seu discurso. Bakhtin (2010a) explica que a palavra autoritária necessita de um afastamento da palavra outra para instituir nelas uma relação de poder.

Por esse motivo, o discurso do desembargador é trazido ao texto na forma de discurso indireto. Sobre esse esquema de citação, percebemos que a repórter utiliza, se levamos em conta a teoria bakhtiniana, o *discurso direto analisador de conteúdo*, variante do discurso indireto que tem como base o *estilo linear*. Tal variante cria barreiras nítidas entre o discurso citante e o discurso citado, de forma a tematizar o discurso citado e estabelecer uma distância entre o sujeito que cita e o sujeito citado, conforme visto no tópico 2.3 do capítulo 2 da presente pesquisa. Assim, esta parece ser a variante de citação mais recorrente em textos que pertencem ao discurso jornalístico. Nesse caso, o discurso alheio é preservado na sua integridade semântica, despersonalizado no estilo e conservado à distância. Em decorrência disso, Bakhtin/Volochínov (1995) descrevem essa variante como a mais encontrada nos contextos epistemológicos ou retóricos (ciência, filosofia, política etc), nos quais o autor expõe a opinião do outro sobre determinado assunto, a fim de delimitá-la e opô-la a outras.

Devemos destacar, portanto, que o recurso à citação da palavra outra que se faz mais recorrente no texto 2 é o da palavra autoritária. Se, por um lado, temos a voz que emana autoridade, formada pelo deputado Tim Gomes, a Polícia Militar e o Tribunal de Justiça, por outro lado, temos a voz que carece de autoridade, esta constituída pelos membros do movimento grevista. Acreditamos que o apelo constante à palavra autoritária se deve, principalmente, à estratégia do jornal para comover o público leitor do periódico sobre os males da paralisação e, dessa maneira, corroborar a decisão do TJ em decretar a ilegalidade do movimento, o que colabora para a sua criminalização e, conseqüentemente, para a propagação da ideologia dominante. Sobre essa polêmica relação, Volanin explica que:

Este elo da classe dominante, em retransmitir sua “verdade” ideológica, fica a cargo atualmente da grande mídia, fazendo que hoje vivamos uma “encruzilhada” mediante os desafios de uma cultura midiática, pois a comunicação se apresenta progressivamente como elemento articulador da sociedade. [...] A mídia induz ao seu receptor ao analisar conjuntamente a sociedade, não somente a seleção dos acontecimentos e atores a serem analisados, como atribuirá a estes acontecimentos um sentido afinado com os interesses das classes dominantes, com sentido atribuído, não a um puro fato, mas um fato lido e visto por interesses específicos (VOLANIN, 2013, p. 8-9).

Assim, a partir da análise do texto 2, podemos concluir que a chamada “grande mídia” continua operando em nossa sociedade de forma camuflada e tendenciosa. Contudo, o foco dessa importante ferramenta de formação da opinião pública não é apenas o de reproduzir a ideologia política do Estado, mas também defender a ideologia dominante e subordinada à lógica do mercado, o que fortalece e torna cada vez mais hegemônico do discurso neoliberal. A partir da observação do quadro abaixo, podemos constatar esse pensamento, uma vez que as vozes que buscam criminalizar o movimento são bem mais “audíveis” que aquelas que defendem a greve.

Vozes que “criminalizam” o movimento grevista	Vozes que defendem o movimento grevista
<p>1. Professores da rede estadual de ensino em greve entraram em confronto com a Polícia Militar. Os manifestantes invadiram as dependências da Casa Legislativa, galerias e tentaram entrar no plenário, mas foram contidos por policiais do Batalhão de Choque, que fez cordão de isolamento na entrada do plenário.</p> <p>2. Durante o protesto, os grevistas picharam paredes e quebraram um banheiro do prédio.</p>	<p>1. “Condenamos qualquer tipo de atitude que gere violência ou pichação do patrimônio público. Pelo contrário, temos a preocupação de orientar os nossos alunos a preservar o que é do povo”, disse Anísio Melo.</p> <p>2. “Achamos importante alguns compromissos verbais, escritos em ata, mas, devido à ilegalidade e a forma como as coisas estão acontecendo, queremos que haja um documento oficial colocando princípios e diretrizes que</p>

<p>Preocupada com a segurança dos deputados, a presidência do Poder orientou o fechamento dos gabinetes e a sessão plenária foi suspensa.</p> <p>3. O deputado Tim Gomes, que estava presidindo as atividades, destacou que a Assembleia é parceira e que sempre esteve pronta para receber os professores. No entanto, ele se mostrou irritado com uma pichação feita pelos manifestantes no andar superior do prédio. “Vocês precisam reordenar o movimento”, criticou o parlamentar.</p> <p>4. Na última sexta-feira, 26, o Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) determinou a suspensão da greve.</p>	<p>possam ser acordados entre a categoria e o governo”, destaca Anízio Melo.</p>
--	--

Quadro 4: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 2.

4.2.3. Texto 3: “Professores continuam greve”

No terceiro texto a ser analisado do nosso *corpus*, divulgado no dia 24 de setembro de 2011, após 48 dias de greve, é abordado o andamento das negociações entre o sindicato e o governo estadual, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC. Em decorrência das duas partes não chegarem a um acordo, os professores que aderiram à greve decidem pela manutenção desta. O governo, por sua vez, busca garantir que a classe volte às atividades o mais breve possível, ameaçando a categoria a pagar multa de dez mil reais por dia de descumprimento das atividades docentes.

Levando em conta a contextualização acima exposta, observemos o seguinte trecho da reportagem em questão:

Exemplo 8: Fragmento do texto 3. *Diário do Nordeste*, 24.09.2011, p. 11. Grifos nossos.

*Durante a conversa, com os educadores, o governador **afirmou que, se a greve não fosse encerrada a partir da próxima segunda, ele iria determinar a abertura de processo administrativo por abandono de cargo para professores que continuarem paralisados.***

No fragmento acima, o trecho em negrito apresenta-se como um exemplo do recurso do produtor do texto à palavra autoritária. Nesse caso, uma das primeiras informações contidas na reportagem é a ameaça feita pelo governador aos professores em

greve em caso do não retorno às atividades. Entretanto, se nenhum acordo foi estabelecido, por qual motivo a categoria terminaria a greve? Assim como ocorreu no texto 2 do nosso *corpus*, observamos o uso do verbo “determinar” para introduzir a palavra do governador, o que corrobora a força e a autoridade próprias da constituição discursiva de sua voz. Sobre a palavra autoritária, Benites (2002) afirma que esta se faz presente em textos da esfera jornalística com o intuito de imprimir maior credibilidade a seu argumento do locutor. Assim, o jornalista se ancora na respeitabilidade e na autoridade incontestável de uma instância de poder. A autora acrescenta que:

A citação empregada nessa função constitui-se também num recurso utilizado pelo locutor citante para demonstrar distanciamento em relação à fala citada, ao pretender passar-se apenas como retransmissor das palavras de outrem. Nesse caso, o locutor marca, através da citação, sua isenção ante as palavras relatadas, deixando por conta da autoridade invocada a responsabilidade pelo dito (BENITES, 2002, p. 96).

O que ocorre, portanto, no fragmento em destaque, é exatamente o que Benites assevera acima. O autor da reportagem utiliza-se do *discurso indireto analisador de conteúdo*, optando pelo verbo *dicendi* “afirmar”, para citar a palavra do governador. Essa estratégia de citação, por conseguinte, é o suficiente para que o autor da reportagem crie um efeito de sentido de isenção da responsabilidade do conteúdo ameaçador do discurso de Cid Gomes.

Uma questão importante a ser destacada é que, em nenhum momento da reportagem, o produtor do texto destaca o caráter legal e legítimo da greve dos professores estaduais, o que reforça ainda mais a autoridade e, conseqüentemente, a incontestabilidade das palavras do governador. Como a greve se trata de evento de cunho social e ideológico, em que práticas de poder e dominação são desenvolvidas, assim, tanto sindicato como governo do estado do Ceará precisam satisfazer critérios pessoais e sociais que os permitam influenciar a opinião pública. Os discursos veiculados em uma circunstância de greve são decisivos nas orientações tomadas pelas instâncias envolvidas, visto que a opinião pública exerce o poder de pressão ao aderir um ou outro discurso. Nesse sentido, é natural aos discursos políticos de ambos os lados dessa luta política a utilização de estratégias de persuasão. Os atores sociais se utilizam de vários mecanismos discursivos, dentre eles, o discurso citado, para atingir seus objetivos, dentre os quais o principal é o apoio da população, sendo esta usada como instrumento a serviço da manipulação, como também para manter e fortalecer os laços hegemônicos já existentes.

A grande mídia, a serviço da classe dominante que a sustenta, opta, pois, por destacar a voz autoritária emanada das classes dominantes, estratégia que pode prejudicar o caráter político do movimento grevista. Os meios de comunicação, na forma em que existem hoje, dificilmente darão espaço para a expressão ou a constituição de interesses que ameacem as estruturas básicas do capitalismo. Com isso, a situação é delicada para os movimentos sociais, cada vez mais criminalizados pelo pensamento único da grande mídia. Sobre essa disparidade existente, Souza (1984, p. 15) enfatiza que:

Existem duas leituras possíveis dos acontecimentos e dois modos diferentes de ler a conjuntura: a partir da situação ou do ponto de vista do poder dominante (a lógica do poder), e a partir da situação ou do ponto de vista dos movimentos populares, das classes subordinadas ou da oposição do poder dominante.

Todavia, ao tentar incriminar os movimentos sociais, a classe dominante, através da mídia, enquadra os fatos como pensamentos da sociedade como um todo. A ideologia dominante, por sua vez, é colocada como um conjunto de ideias consensuais de todos os indivíduos da sociedade. Essa classe objetiva, portanto, ganhar o apoio, principalmente de setores da classe média, utilizando os meios de comunicação de forma a incriminar os movimentos sociais e seus líderes. A sociedade acaba por se convencer e levar em consideração que o ato de lutar por um direito torna-se um crime contra a ordem.

De forma a comover a população para trazê-la para o seu lado e, desta forma, se mostrar contra a greve, o governo, com a ajuda da mídia, põe em destaque que quem mais sofre com a paralisação é a sociedade. Essa realidade pode ser observada no fragmento abaixo:

Exemplo 9: Fragmento do texto 3. *Diário do Nordeste*, 24.09.2011, p. 11. Grifos nossos.

A assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado (Seduc) informou que a expectativa da secretaria é de que os professores retornem as suas atividades nas escolas, evitando assim, mais prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes da rede estadual. A Seduc afirmou que durante as negociações já garantiu à categoria a progressão especial de carreira, referente a 2009 e 2010; ampliação do Vale-Alimentação; apoio financeiro para a aquisição de computadores pessoais e elevação do salário dos temporários em 13%.

No que tange às categorias bakhtinianas, podemos identificar no trecho em destaque acima faz uso da variante *discurso indireto analisador de conteúdo*. No exemplo em destaque, é perceptível que o autor do texto, por meio dessa variante, mantém-se

afastado do discurso que cita. Elichirigoity (2008), à luz do pensamento bakhtiniano, afirma que o *discurso indireto analisador de conteúdo* abre-se à réplica e ao comentário, mas conserva distância entre o que diz o narrador e as palavras citadas. Dessa forma, essa estratégia de citação parece preservar a integridade e autonomia da enunciação, embora haja certa despersonalização do discurso citado.

No quadro abaixo, organizamos as vozes trazidas na reportagem analisada, buscando distinguir aquelas que reforçam o discurso do governo das que defendem o discurso do sindicato:

Vozes que defendem o discurso do governo	Vozes que defendem o discurso do sindicato
<p>1. A maioria dos cerca de 1.500 professores estaduais (...) decidiu dar continuidade à greve da categoria, que já dura 48 dias. Mesmo após reunião realizada com o governador, Cid Gomes, na última quinta.</p> <p>2. o governador afirmou que, se a greve não fosse encerrada a partir da próxima segunda, ele iria determinar a abertura de processo administrativo por abandono de cargo para professores que continuarem paralisados.</p> <p>3. A assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado (Seduc) informou que a expectativa da secretaria é de que os professores retornem as suas atividades nas escolas, evitando assim, mais prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes da rede estadual.</p> <p>4. A Seduc afirmou que durante as negociações já garantiu à categoria a progressão especial de carreira, referente a 2009 e 2010; ampliação do Vale-Alimentação; apoio financeiro para a aquisição de computadores pessoais e elevação do salário dos temporários em 13%.</p>	<p>1. “Espero que no fim da semana a gente consiga chegar a um acordo e a greve seja suspensa e que ninguém seja punido”, afirmou (Anísio Neto, presidente da Apeoc).</p> <p>2. O principal motivo para que a paralisação continue, segundo Melo, são algumas questões colocadas pelo governo. “Antes, a promessa era de que, se faltasse verba na educação para o reajuste, o dinheiro seria retirado de outro local. Mas, agora, Cid Gomes disse que isso acontecerá somente se houver verba suplementar”, explicou o presidente da Apeoc.</p>

Quadro 5: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 3.

4.2.4. Texto 4: “Manifestantes passam a noite em vigília na AL”

A reportagem intitulada “Manifestantes passam a noite em vigília na AL” foi publicada no jornal Diário do Nordeste no dia 30 de setembro de 2011. Na ocasião noticiada, a categoria grevista permaneceu na Assembleia Legislativa para evitar que o

governador Cid Gomes sancionasse o projeto que estabelecia a tabela de vencimento da classe docente. O então presidente da casa, deputado Roberto Cláudio, entrou em acordo com a Apeoc e permitiu a permanência dos professores no local. Vale salientar que, assim como os professores mantiveram-se na Assembleia Legislativa - AL, policiais do Batalhão de Choque também passaram a noite nos corredores do local.

No primeiro fragmento selecionado do texto 4, temos o seguinte:

Exemplo 10: Fragmento do texto 4. *Diário do Nordeste*, 30.09.2011, p. 13. Grifos nossos.

De acordo com Cássia Gomes, membro do comando da greve, o objetivo da categoria é evitar que o governador, Cid Gomes, sancione o projeto votado, ontem, pelos parlamentares, que trata a tabela de vencimento para os profissionais de nível médio.

“Vamos pressionar o Governo, pois ninguém acredita mais neles. O governador enviou, para a Assembleia, a proposta que a categoria não concorda, apesar de os professores terem pedido para que ele não o fizesse”.

Na passagem destacada acima, observamos a presença do *discurso direto preparado*. Neste tipo de variante, conforme já foi dito anteriormente, o narrador antecipa temas básicos do discurso direto e os avalia, antes de introduzir as palavras do outro. Segundo Bakhtin/Volochínov (1995, p. 167), essa variante "supõe um alto grau de individualização da enunciação citada na consciência linguística, e a capacidade de perceber com discriminação as representações linguísticas da enunciação, delas extraindo o seu sentido objetivo". No fragmento em questão, o autor da reportagem, fazendo uso do discurso direto analisador de conteúdo (trecho sublinhado), antecipa a fala a ser citada (trecho em negrito) – no caso, a de Cássia Gomes, integrante do comando da greve – já incorporando a elas a suas impressões, réplicas e comentários. Essa “coloração” dada ao discurso citado é possível em decorrência do “apagamento” das fronteiras existentes entre os discursos do autor do texto e da integrante do movimento grevista, o que configura, portanto, a presença do *estilo pictórico* nessa variante de citação.

Acreditamos, assim, que o autor faz uso dessa variante com o objetivo de evidenciar que a categoria não está colaborando para que haja um acordo entre sindicato e governo, uma vez que a presença do grupo na AL tem como intuito impedir que a proposta do governo, já votada e aprovada entre os parlamentares – estes detentores de um discurso

autoritário –, não seja levada adiante e que o governador não a sancione. Ainda sobre essa estratégia de citação, Benites esclarece que:

Nem sempre o jornalista deseja mascarar seu ponto de vista. Há situações em que ele deseja, efetivamente, trazer à evidência sua postura ante os discursos que relata, enfatizando explicitamente a opinião. Ao citar, nesse tipo de texto, o locutor não sintetiza ou transcreve as afirmações de outrem, simplesmente, mas comenta-as, analisa-as, avalia-as e lhes acrescenta detalhes que podem não ter chegado ao público. Transmite, ao fazê-lo, uma sensação de profundo conhecimento das personagens citadas e das causas e consequências dos fatos. Evidencia-se, em tais casos, o estilo pictórico de se citar, de que trata Bakhtin (BENITES, 2002, p. 127).

Já em outra passagem, temos o seguinte fragmento:

Exemplo 10: Fragmento do texto 4. *Diário do Nordeste*, 30.09.2011, p. 13. Grifos nossos.

Ela afirmou que a greve deve acabar somente depois que o governo atender as propostas dos professores. “Essa é a única solução aceita pela categoria”.

Mais uma vez, temos a variante *discurso direto preparado*. Contudo, nesse caso, percebemos que, de forma a deixar clara a inflexibilidade do movimento no que diz respeito a uma possível negociação, o produtor da reportagem manipula a voz da integrante do movimento dentro de seu próprio discurso, inserindo-o de maneira descontextualizada e recortada. Tal atitude, conforme já foi assinalado, tem como objetivo utilizar a palavra do outro a seu favor, tirando-a do contexto original de enunciação e dando a ela a sua própria contextualização, em uma outra situação de enunciação. Assim, tem-se como efeito de sentido a falta de interesse da categoria grevista em entrar em acordo com o governo e dar fim à paralisação.

Leal (2005), em sua pesquisa acerca do discurso jornalístico, privatizações e protestos de rua, os efeitos de sentido apontados junto à opinião pública são os de uma identidade negativa em relação a movimentos sociais organizados, apresentados, pela mídia, como pessoas violentas e desordeiras. Além disso, este estudo destaca a falsidade dos argumentos apresentados pelos textos jornalísticos e atesta que a imprensa, muitas vezes, alia-se a interesses hegemônicos que são assegurados na medida em que as manifestações sociais são silenciadas. Dessa maneira, ao privilegiar os interesses da classe dominante e manipular, ou até mesmo silenciar, a voz do sindicato, a reportagem em questão endossa o comportamento manipulador e opressivo da grande mídia, de forma a manter as relações de dominação e a criminalizar o movimento grevista. Este efeito de

sentido é obtido por meio das forças centrípetas, forças que a repórter utiliza para dar homogeneidade e estabilidade ao seu discurso, fechando o espaço para a contrapalavra.

Vejamos então outro fragmento da reportagem:

Exemplo 11: Fragmento do texto 4. *Diário do Nordeste*, 30.09.2011, p. 13. Grifos nossos.

O integrante da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OABCE), Percival Palmeira, comentou que o delegado do 4º Distrito Policial, José Munguba Neto, determinou a elaboração de um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO) para avaliar a acusação feita pelos policiais contra os docentes.

*Além disso, ele destacou que os professores vão abrir uma ação criminal contra o governador Cid Gomes, o presidente da AL, Roberto Cláudio, e o comandante da Polícia, Werisleik Ponte Matias. **“Vamos fazer isso devido à repressão, lesão corporal e spray de pimenta lançado gratuitamente contra os manifestantes”**, frisou Palmeira.*

No exemplo acima, observamos que a as vozes relatadas pela autora do texto são introduzidas em sua voz por meio do *discurso indireto analisador de conteúdo*. Em seguida, o autor utiliza o *discurso direto preparado* para citar a voz do integrante da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-CE). No caso em questão, o narrador antecipa a palavra do membro da OAB e, mais uma vez, extrai o enunciado citado de seu contexto real de enunciação e insere-o em seu próprio enunciado, o que provoca outro efeito de sentido (o de que os professores irão abrir uma ação criminal contra o governador por conta da represália sofrida na AL) à palavra citada. Dessa maneira, a informação que é passada aos leitores do jornal é a de que o sindicato, além de não entrar em acordo com o governo para o fim da greve – informação dita no início da reportagem –, também irá mover uma ação criminal contra o governador. Em nenhum momento da reportagem, entretanto, o leitor é recordado da violência com a qual a reivindicação da classe docente nos corredores da Assembleia foi reprimida pela força policial, a serviço do governador e do presidente da casa, Dr. Roberto Cláudio. Por este motivo, podemos afirmar que a citação direta do membro da OAB é realizada de maneira descontextualizada, pois ela não se apoia em nenhum discurso antes proferido.

O mesmo não ocorre com o discurso do governo. Logo abaixo do trecho analisado, o autor do texto chama a atenção do leitor por meio de uma entrada de texto, intitulada “feriu princípios”. Essa entrada tem como objetivo justificar a ação policial frente ao movimento ocorrido na AL. Vejamos, então, o exemplo abaixo:

Exemplo 12: Fragmento do texto 4. *Diário do Nordeste*, 30.09.2011, p. 13. Grifos nossos.

Feriu princípios

Em nota, a Assembleia Legislativa classificou a manifestação como violenta, que “de forma explícita, feriu os princípios democráticos e de civilidade que o Poder Legislativo defende”. Além disso, o comunicado informa que foi apreendida, pelos policiais, uma faca que estava na posse de um dos manifestantes e que uma pessoa foi ferida por objetos arremessados pelos próprios professores.

A Secretaria da Educação do Estado (Seduc) também se manifestou, por meio de uma nota oficial, em que disse esperar que os profissionais retornem às suas atividades nas escolas para que os estudantes da rede estadual retomem os estudos o mais breve possível.

Notemos que as palavras do narrador são proferidas com o objetivo de justificar a ação dos policiais no confronto. A voz que representa a Assembleia Legislativa é citada por meio da variante *discurso direto analisador da expressão*, recurso que se apoia no *estilo pictórico*, conforme explica Bakhtin/Volochínov (1995). Ao optar por inserir o discurso direto que representa a AL, demarcado por aspas, dentro do discurso indireto, o produtor do texto intenciona afastar-se do discurso por ele representado e de suas possíveis repercussões. Entretanto, ao utilizar essa estratégia de citação, o autor, contraditoriamente, aproxima-se do discurso citado ao tecer suas réplicas através do uso das aspas. Sobre este fenômeno, Bakhtin/Volochínov asseveram que:

A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso de outrem o *estilo pictórico*. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 154, grifos dos autores).

Ainda sobre o trecho em destaque da reportagem em análise, a estratégia do uso das aspas para demarcar o discurso citado, conforme Maingueneau (1993), tem como objetivo deixar claro a presença da alteridade no texto, tendo em vista a “ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado” (MAINGUENEAU, 1993, p. 89). Para o autor, as aspas são um recurso que permite um distanciamento que uma formação discursiva impõe entre ela e o seu exterior. De acordo com a classificação proposta por Authier-Revuz (1982) acerca do uso das aspas, podemos perceber que, de forma a distanciar-se do discurso citado, o autor do texto recorre às aspas de distanciação, “que operam no discurso

marcando diferença entre a posição do sujeito que fala e outros discursos que falam de outra instância discursiva” (MAGALHÃES, 2002, p. 159).

Ao nos depararmos, portanto, com o exemplo em análise, é possível compreender que todos esses recursos de citação da palavra alheia fazem parte de uma estratégia maior: a de convencer o leitor do caráter “apaziguador” do governo, como também o caráter “subversivo e transgressor” do movimento grevista. No que diz respeito a estratégias de persuasão, entendemos que, ao intencionar convencer o outro, utilizamos argumentos para persuadi-lo, fazer que o outro – no caso, a população cearense – compartilhe nosso ponto de vista, pois, conforme discute Citelli (2002, p. 16), “quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia”, de uma ideia de persuasão:

O conceito de persuasão já foi associado a mentira, engodo, manipulação, falsidade. Hoje, tende-se a vê-lo como um procedimento que resulta de exercícios da linguagem, cujo objetivo é formar atitudes, comportamentos, idéias. Desse modo, desde que garantido o princípio democrático da circulação social do discurso, persuadir passa a ser uma instância legítima de convencimento, de afirmação de valores e de construção de consensos (CITELLI, 2002, p. 1).

Assim, com base na análise do texto 4, notamos que, diferentemente da palavra do sindicato, a voz autoritária do governo aparece no texto de forma contextualizada, lembrando ao leitor que uma faca foi encontrada em posse de um dos manifestantes e que a violência do confronto se deve, principalmente, às ações dos próprios professores. Tal estratégia, de maneira conjunta às outras aqui identificadas, tem como objetivo maior persuadir o leitor a ficar do lado do governo, apoiando, portanto, a ilegalidade da greve dos professores. Para visualizar melhor essas estratégias empregadas pela repórter, observemos o quadro abaixo:

Vozes que apoiam o discurso do governo	Vozes que apoiam o discurso do sindicato
<p>1. Antes de o acordo ser feito, o Sindicato Apeoc esperava ter uma reunião com Roberto Claudio. Mas, devido a um desencontro de informações, o encontro não aconteceu.</p> <p>2. “Vamos pressionar o Governo, pois ninguém acredita mais neles. O governador enviou, para a Assembleia, a proposta que a categoria não concorda, apesar de os professores terem pedido para que ele não o fizesse”.</p> <p>3. Ela afirmou que a greve deve acabar somente depois que o governo atender as propostas dos professores. “Essa é a única solução aceita pela</p>	<p>1. Segundo o presidente da Apeoc, Anízio Melo, o acordo é importante para que os professoras possam levar alimentos para os acampados e também coordenar a entrada e saída dos grevistas. “O sindicato quer negociar e para isso precisamos de uma proposta do Governo”, afirmou.</p> <p>2. Ele acrescentou que, após a situação se acalmar, resta à categoria esperar pela assembleia desta sexta-feira para decidir o que será feito. “Esperamos que tudo seja resolvido”, torce.</p> <p>3. (...) os professores vão abrir uma ação</p>

<p>categoria”.</p> <p>4. (...) a Assembleia Legislativa classificou a manifestação como violenta, que “de forma explícita, feriu os princípios democráticos e de civilidade que o Poder Legislativo defende”.</p> <p>5. o comunicado informa que foi apreendida, pelos policiais, uma faca que estava na posse de um dos manifestantes e que uma pessoa foi ferida por objetos arremessados pelos próprios professores.</p> <p>6. A Secretaria da Educação do Estado (Seduc) também se manifestou, por meio de uma nota oficial, em que disse esperar que os profissionais retornem às suas atividades nas escolas para que os estudantes da rede estadual retomem os estudos o mais breve possível.</p>	<p>criminal contra o governador Cid Gomes, o presidente da AL, Roberto Cláudio, e o comandante da Polícia, Werisleik Ponte Matias. “Vamos fazer isso devido à repressão, lesão corporal e spray de pimenta lançado gratuitamente contra os manifestantes”, frisou Palmeira.</p>
--	---

Quadro 6: O Discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 4.

4.2.5. Texto 5: “Greve dos professores é suspensa por 30 dias”

A última reportagem do *corpus* proposto a ser analisada foi noticiada no dia 8 de outubro de 2011, no jornal Diário do Nordeste. O texto informa acerca da decisão do sindicato dos professores pela suspensão da greve por 30 dias. Durante a Assembleia, realizada no ginásio Paulo Sarasate, a maioria dos professores decidiu pela suspensão da paralisação. Os que eram contra o fim da greve reagiram, conforme a reportagem, com vaias à decisão da maioria.

Já no primeiro parágrafo da reportagem, temos o seguinte fragmento:

Exemplo 13: Fragmento do texto 5. *Diário do Nordeste*, 08.10.2011, p. 12. Grifos nossos.

Após 63 dias de greve, **a maior da história da categoria**, os professores da rede estadual de ensino decidiram suspender a paralisação por 30 dias. **Vaias, aplausos, palavras de ordem e gritos marcaram a assembleia da categoria.**

Como já foi dito anteriormente³⁸, a ordem como as informações são dispostas na reportagem exercem grande influência nos efeitos de sentidos transmitidos pelo autor do texto. Assim, ao dar prioridade às informações acima em negrito, o produtor do texto pretende ressaltar a longa duração da paralisação dos professores, como também que esta não é a primeira greve dos professores, destacando a recorrência das paralisações

³⁸ Tópico 4.2.2 deste capítulo.

docentes. Outro fator observado no trecho acima é que ele descreve a reação de alguns professores em greve ao ser aprovado o fim da paralisação. Ao descrever o momento com expressões contraditórias (vaia, aplausos), o autor do texto busca realçar a discordância do movimento, deixando evidente que a diversidade de vozes que o constitui não são sempre concordantes, mas também discordantes.

Essa característica da palavra que representa o sindicato a enquadra no que Bakhtin (2010a) denomina de *palavra internamente persuasiva*. Para este autor, esse tipo de discurso “carece de autoridade, não se submete a qualquer autoridade, com frequência é desconhecida socialmente (pela opinião pública, a ciência oficial, a crítica) e até mesmo privada de legalidade” (BAKHTIN, 2010a, p. 143). Em seu processo de transmissão, conforme Bakhtin, a palavra internamente persuasiva vai-se mesclando à nossa palavra, isto é, àquilo que temos como nossa palavra, à nossa consciência naquele momento:

No fluxo da nossa consciência, a palavra interior é comumente metade nossa, metade de outrem. Sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma, em que ela organiza do interior as massas de nossas palavras, em vez de permanecerem numa situação de isolamento e imobilidade (BAKHTIN, 2010a, p. 145).

No nosso exemplo de análise, podemos inferir que a voz do sindicato é formada por vozes que discordam entre si e que, para se fazerem ouvir, carecem de autoridade e valem-se de estratégias persuasivas. Nesse caso, observamos que essas vozes abrem-se para a assimilação da voz do outro; e é por meio dessa assimilação que a palavra do sindicato adquire valor entre o que a constituem.

Passemos então para o segundo fragmento do texto em análise:

Exemplo 14: Fragmento do texto 5. *Diário do Nordeste*, 08.10.2011, p. 12. Grifos nossos.

Embora o presidente da Apeoc tenha feito questão de enfatizar, já no início de sua exposição, que a “decisão aprovada precisa ser respeitada, porque é a categoria que irá decidir os rumos da nossa luta”, antes mesmo do fim de seu relato, começaram os protestos de boa parte dos presentes.

No exemplo em destaque, é possível identificar que o narrador do texto utiliza como recurso de citação o *discurso direto preparado*, variante que, segundo Bakhtin/Volochínov (1995, p. 170), “emerge do discurso indireto ou do indireto livre”. Ainda sobre essa variante, que tem como base o *estilo pictórico*, os autores destacam que:

Como a natureza deste último é meio narrativa, meio transmissora da palavra de outrem, ele já prepara a percepção do discurso direto. Os temas básicos do discurso direto que virá são antecipados pelo contexto e coloridos pelas entoações do autor. Dessa maneira, as fronteiras da enunciação de outrem são bastante enfraquecidas (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1995, p. 170).

O objetivo do autor, ao fazer uso dessa variante, introduzida em seu discurso e separada dele por meio de aspas, é afastar-se das palavras proferidas pelo presidente da Apeoc. Entretanto, ao utilizar, como forma de marcar o discurso direto citado, a expressão “ênfatizar”, o produtor do texto caminha na direção oposta ao seu objetivo, uma vez que ele se aproxima da palavra outra através desta expressão. Na verdade, é por meio da voz do repórter, com suas acentuações sobre o discurso de Anísio, que o conteúdo citado é enfatizado. Podemos depreender, portanto, que o estilo pictórico pode ser utilizado como estratégia de afastamento do discurso do outro (uso de aspas), mas sem perder sua essência de recurso que aproxima as vozes presentes na enunciação.

No seguinte fragmento da reportagem, temos o trecho:

Exemplo 15: Fragmento do texto 5. *Diário do Nordeste*, 08.10.2011, p. 12. Grifos nossos.

“Não temos como voltar ao trabalho. Não há garantia de nada. Cadê a ata assinada ou protocolada do que foi acordado na reunião com o governo?”, disse Sebastião Pereira, da Escola Santo Amaro. Outro professor, Carlos Vieira acrescentou que “**sem documento não há nada de concreto, se vão mesmo respeitar nossas tabelas salariais por nível de referência**”.

No trecho sublinhado, o professor integrante da greve questiona a decisão tomada pela maioria pelo fim da paralisação. A citação, de forma direta, do discurso do professor pelo repórter é uma estratégia deste para que os leitores do jornal acreditem na desorganização do movimento e no choque de opiniões daqueles que o integram. Na segunda citação direta (discurso direto preparado), o repórter usa o mesmo recurso, com o mesmo objetivo. Além disso, é importante observar que não há nenhuma voz autoritária na qual a voz de Anísio Neto se apoia, de maneira a legitimar o seu discurso e torná-lo autoritário. O mesmo não ocorre, entretanto, com o outro lado dessa luta. A repórter, logo após citar a palavra dos membros do movimento grevista questionando a legalidade da decisão pela suspensão da greve, enumera todas as propostas lançadas pelo governo em prol da categoria docente. O objetivo é, portanto, transparecer para a sociedade a disposição do governo em entrar em acordo com os líderes do movimento, procurar apagar as divergências entre os grupos (governo e movimento dos professores em greve),

atendendo aos seus apelos, o que poderá, na verdade, fragilizar o movimento e incutir na sociedade a ideia de que são os professores que resistem à negociação. No quadro abaixo, organizamos as palavras citadas pela repórter que, respectivamente, fortalecem a imagem “apaziguadora” do governo e procuram fragilizar o movimento grevista.

Vozes que apoiam o discurso do Governo do Ceará	Vozes que tentam fragilizar o discurso do Sindicato
<p>1. Contudo, um a um dos itens discutidos na reunião do comando de greve com o chefe de gabinete do governo, Ivo Gomes, e a secretária de Educação do Estado, Izolda Cela, foram lidos e comentados por Anízio Melo.</p> <p>2. Nessa rodada, explicou, foram elencados parâmetros como, por exemplo, as diretrizes e princípios da mensagem do Executivo aprovada na Assembleia Legislativa não serão aplicados na proposta a ser elaborada; ganho real para toda a carreira, com destaque para o salário inicial do professor e para a valorização dos que estão em início de carreira; valorização dos professores especialistas, mestres e doutores, com a manutenção da proporcionalidade entre todos os níveis; reafirmação do compromisso de implementação do 1/3 hora atividade extraclasse, de forma escalonada, a partir de 2012, e realização de concurso, no próximo ano, para contratação de novos educadores.</p> <p>3. Na segunda-feira, acontecerá a primeira rodada de negociação desse novo processo, que prevê estudos para um Plano de Cargos e Carreira feito paritariamente pelo governo e Apeoc.</p>	<p>1. Mas a cada falação, crescia a divisão de opiniões e era seguida dos aplausos dos apoiadores das propostas e das vaias e gritos daqueles que discordavam.</p> <p>2. Postas em votação, a proposta de suspensão e a da continuidade da greve, venceu a primeira. O presidente da Apeoc pediu que o momento fosse filmado “para não deixar dúvida”.</p> <p>3. Alguns mais exaltados classificaram de “pelegos e covardes” os líderes do movimento e teve até gente que por pouco não pulou o alambrado e entrou em confronto físico com membros da Apeoc.</p> <p>4. “Ôhohôh sindicato traidor” foi a palavra de ordem mais ouvida. Além disso, muitos reclamaram porque não houve contagem voto a voto.</p>

Quadro 7: O discurso da reportagem frente ao governo e ao sindicato no texto 5.

No que diz respeito, primeiramente, às vozes que corroboram com a imagem do governo, podemos observar que a repórter ocupa-se em detalhar todas as propostas realizadas pelo Legislativo e aprovadas pelo Executivo, como também todo o processo de negociação que envolve o governo e a Apeoc, transparecendo, então, seu interesse em normatizar as atividades docentes o mais breve possível. Prova disso é que, ao iniciar o parágrafo que vem logo após a voz do professor que reclama por clareza nas negociações com a conjunção “contudo”, a repórter busca negar a voz do professor, comprovando que, de fato, as negociações existiram entre os membros do governo e os da greve.

Já o discurso do sindicato é fragilizado por meio da manipulação da voz dos próprios professores em greve, realizada pelo jornal. Se observarmos o quadro, compreendemos que as palavras dos que integram o movimento, citadas tanto em discurso

indireto – “*Alguns mais exaltados classificaram de “pelegos e covardes” os líderes do movimento...*” – como em discurso direto – “*Ôhôhôh sindicato traidor*” – são estrategicamente trazidas ao enunciado em questão de forma a reagir contra o sindicato. Além disso, a autora deixa evidente o ambiente hostil em meio às negociações entre os grevistas, o que ressalta ainda mais, sob a ótica da população, a desorganização do movimento e a necessidade de encerrá-lo, favorecendo a aprovação da população pela ilegalidade do movimento.

Com base na análise do *corpus* proposto em nossa pesquisa, podemos, de maneira geral, inferir, portanto, que, na luta travada entre Governo do estado do Ceará e Sindicato dos Professores, há forças hegemônicas do poder Executivo procurando se estabelecer. Em contrapartida, a Apeoc, neste jogo de poder revelado pelo embate destas vozes sociais, é representada assimetricamente pelo jornal analisado. Esta configuração sociodiscursiva pode ser explicada a partir da utilização das forças centrípetas e forças centrífugas: enquanto as primeiras estabilizam o discurso hegemônico do governo do estado do Ceará, tornando-o homogêneo e, conseqüentemente, reduzindo as possibilidades de contestação, as últimas tendem a desestabilizar e heterogeneizar o discurso, ampliando o campo de alternativas discursivas disponíveis. Além disso, tal configuração, que contrapõe o discurso do Sindicato ao do Governo, desfavorece a representação dos grevistas nas reportagens, uma vez que o poder de legitimidade do discurso governista, por estar sempre amparado pelo ordenamento jurídico, que encontra no Estado e nas leis sua justificação, parece comportar em si maior validade e legitimidade no meio social, o que lhe imprime um grau de reconhecimento social mais favorável do que o discurso sindicalista. Dessa forma, a predominância de estratégias discursivas que se pautam, sobretudo pelo discurso governista, revela uma representação discursiva jornalística eminentemente sustentada por forças centrípetas, que contraem o potencial dialógico de vozes alternativas sobre os acontecimentos.

Ao mostrarmos, portanto, por meio do recurso ao discurso citado, a luta pelo estabelecimento de um poder hegemônico presente no discurso neoliberal, antidemocrático e autoritário da voz do governo apoiado pela voz do jornal, percebemos que o investimento ideológico destas vozes (governo e mídia) procuram justamente abafar outras vozes que ali pudessem ressoar como contrapalavra a estas vozes dominantes. Assim, a estratégia discursiva do Governador, usando como arma de veiculação das suas ideias o jornal analisado, é investir, então, pela voz dos repórteres, no argumento da desqualificação do movimento grevista e de seus representantes, incitando e manipulando o refluxo de professores (a volta para a escola).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto central em que se alicerça todo o pensamento bakhtiniano é a ideia do dialogismo como o princípio geral de que toda nossa relação com o outro na interação é marcada pela negociação e disputa entre a palavra de um e a de outrem, à semelhança de uma arena de lutas, momento em que os sentidos na enunciação vão sendo (co)construídos discursivamente.

Esta ideia serviu como o eixo norteador que conduziu a presente pesquisa para analisarmos as diversas estratégias de que os sujeitos podem fazer uso para trazer ao enunciado o discurso de outrem. Esta categoria, conforme foi discutido no decorrer desse trabalho, mostrou-nos como é possível flagrar na materialidade do enunciado diversas vozes sociais advindas de outras enunciações. Nesse chamamento da palavra outra, diversos sentidos podem ser obtidos, a depender da maneira pela qual esse discurso é citado pelo narrador.

No caso da nossa pesquisa, percebemos que as diferentes formas de se falar pelo outro foram capazes de tornar em vilões aqueles que lutam pelos seus direitos e pela melhoria da educação, os professores, camuflando os interesses da minoria dominante por meio de um discurso legitimado pela chamada grande mídia. Tal conclusão foi resultado da análise que fizemos do funcionamento do discurso citado em cinco reportagens que noticiaram diversos momentos importantes ocorridos durante os 63 dias em que os professores estaduais do Ceará cruzaram os braços para as suas atividades letivas em busca de melhores condições de trabalho, do cumprimento do piso nacional de direito dos professores e de melhorias no plano de cargos e carreiras estabelecido pelo governo estadual.

Assim, da análise do discurso de outrem nas reportagens jornalísticas selecionadas, constatamos que, de fato, a voz que predomina é a do(a) repórter, que utiliza, de maneira mais recorrente, o esquema de citação *discurso indireto*. A realização mais frequente desta citação talvez se explique por esse esquema de citação ser, ao lado do discurso direto, o mais apropriado para o gênero reportagem, conforme discutimos no tópico 1.7.3 do primeiro capítulo de nosso trabalho.

As vozes do enunciado das reportagens aqui analisadas foram, em sua grande maioria, citadas por meio do *discurso indireto analisador de conteúdo*. O uso desta variante

acabou por gerar nas reportagens uma certa homogeneização do discurso do jornal quando o enunciador/repórter convocou vozes autorizadas/autoritárias para dar força ao seu dizer, o que, por sua vez, levou a uma tendência de monologização do conjunto de vozes presentes no enunciado das reportagens. Tal recurso pôde ser observado, essencialmente, quando o repórter citou várias vezes o discurso do poder executivo. Podemos dizer, pois, que o jornal *Diário do Nordeste*, na voz do repórter, convocou essencialmente um tipo de discurso que se ampara no macropoder, através de ideologias oficiais que se coadunam com o poder político do governo do Estado do Ceará para deslegitimar a greve dos professores em 2011.

Neste sentido, podemos também dizer que o referido jornal mostra sua filiação ideológica com os dizeres que conservam e reproduzem o poder executivo do Estado em relação à organização dos seus professores, à medida que faz circular imaginários que depõem contra movimentos sociais, como a greve de professores. Além disso, em relação à categoria de professores, percebemos que este jornal mantém certo silenciamento a respeito das condições de trabalho dos professores no atual sistema de educação pública. Enfim, com base na análise, podemos afirmar que o discurso jornalístico filia-se claramente à formação discursiva dominante.

Na verdade, percebemos que as reportagens analisadas, em sua grande maioria, detiveram-se a destacar a ação do Estado, em parceria com o poder judiciário, em prol da suspensão da greve e de sua conseqüente punição. A voz do sindicato, por outro lado, apresentada nas reportagens pareceu não se apoiar em nenhuma outra voz que viesse a legitimar o seu discurso, o que colaborou, como mostramos acima, para o seu silenciamento, pelo que se pôde perceber que o jornal, travestindo-se de seu papel de neutralidade e de veículo de informação, acabou por se render aos apelos neoliberais, fazendo circular determinados imaginários sobre os professores e a greve.

Portanto, esta pesquisa procurou reconhecer as formas de manipulação do discurso de outrem no processo de construção do sentido das reportagens que constituem o *corpus* da pesquisa, mostrando como o discurso do outro pode ser manipulado, acentuado, reafirmado, negado e distanciado do discurso do autor, para, com isso, podermos, de algum modo, intervir nesses sentidos, que vêm sendo constituídos e reafirmados ao longo dos anos, sobre greve e sobre os professores públicos de maneira geral.

Queremos concluir asseverando que os movimentos sociais protagonizados por trabalhadores, bem como as instâncias que o representam, podem, a partir desta análise, deixar uma questão para ser pensada: a instância cidadã deve ser o foco, ou seja, o

destinatário do seu discurso, pois a opinião pública pode favorecer as ações coletivas, tornando categorias de trabalhadores não críticos, mas defensoras das greves deflagradas em busca da melhoria do serviço público e privado.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. L. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALEXANDER, J. C. Ação coletiva, cultural e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V.13, N. 37, Jun. de 1998. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 5 jan. 2013.
- ALMEIDA, M. Greve dos professores é suspensa por 30 dias. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 08 out. 2011. Cidade, p. 12.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES. A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Revista Lua Nova*, São Paulo. vol.80, 2010. p. 71-96.
- ABRAMOWICZ. B. S. *O Que Todo Cidadão Precisa Saber Sobre: Greves*. São Paulo: Global, 1986.
- ARANHA, M. L. A. *Filosofando*: Introdução a Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*: as não-coincidências do dizer. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1982.
- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. As técnicas do jornalismo. Vol. 2. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Trad. da ed. Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- _____. *Questões de Literatura e de Estética*: A teoria do romance. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010b.
- _____. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BARBOSA, J. P. *Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino de Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BENITES, S. A. L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOITO JR., A. *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1999.

BOURDIEU, P. A greve a acção política. In: _____. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (org.). *Bakhtin outros conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre, 2011.

BRAY, R. T. A relação de Habermas com a Escola de Frankfurt: Influência, distanciamento e contribuição. *Cadernos Jurídicos UNISAL*, Campinas-SP, v. 1, p. 165-181, 2010.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CAMPOS, M. I. B. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: Brait, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

CANAN, A. G. *Referências culturais e heterogeneidade discursiva: uma proposta para o ensino-aprendizagem de língua inglesa*. Tese (doutorado em letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal - RN, 2007.

CARDOSO, A. M. *A década neoliberal: a crise dos sindicatos no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, M. L. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAZARIN, E. A. Da polifonia de Bakhtin à heterogeneidade discursiva da Análise do Discurso. In: ZANDWAIS, A. (org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 2002.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COSTA, B. C. G. O "Estado" da Educação na "Folha" de jornal: como os jornais de grande circulação abordam a questão educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 76, n. 184, p. 579-614, set./dez. 1995.

COSTA, M. A. F; COSTA, M. F. B. *Metodologia da pesquisa, conceitos e técnicas*. Rio de Janeiro, Interciência, 2001.

CUNHA, D. A. C. Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskii. In: *Investigações: linguística e teoria literária*. V.18, n. 2, jul.,2005. Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

ELICHIRIGOITY, M. T. P. A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, p. 181-206, 2008.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas o círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FERRAZ, F. S. M. Relações dialógicas em reportagens de divulgação científica impressas e digitais. In: GARCIA, B.R.V.; CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M.; GONÇALVES SEGUNDO, P.R. (orgs.). *Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana Editora, 2009.

FILHO, F. A. *Forças centrípetas e forças centrífugas em editoriais*. Revista Signos, n 43, número especial monográfico, nº 1, 2010, p. 13-26. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/signos/v43s1/a02.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

FIORIN, J. L. O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: BRAIT, B. *et al. Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

_____. *As astúcias da enunciação – As categorias de Pessoa, Espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo : Ática, 1999.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS, W. D. *Ideologia, mídia e reprodução social*. XI Regiocom - Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006, São Bernardo do Campo. Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/76/GT1-_REGIOCOM-_07-_Ideologia_midia_e_reproducao_social-_We_.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2013.

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GOHN, M. G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *Novas teorias dos movimentos sociais*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GOSS, K. P.; PRUDÊNCIO, K. O conceito de movimento social revisitado. In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* (Em Tese). vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624>> Acesso em: 23 dez. 2012.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRILLO, S. V. C. Função dos gêneros e metodologia na constituição do corpus em análise do discurso. In: *Revista estudos lingüísticos* (51º GEL). Taubaté, vol.32, maio 2003. 1CD.

_____. *Gêneros primários e secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica*. Revista Alfa, São Paulo. n. 52 (1). pp: 57-59, 2008. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1467/1172>. Acesso em: 16 ago. 2013.

_____. A metalingüística: por uma ciência dialógica da linguagem. In: *Horizontes*, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.

GUIMARÃES, I. A. O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem. In: ZANDWAIS, A (org). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V. A intertextualidade como critério de textualidade. In: FÁVERO, L.L.; PASCHOAL, M. S. Z. (orgs.) *Linguística textual, texto e leitura*. São Paulo: EDUC, 1985.

_____. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? In: *D.E.L.T.A.* 7, V. 2, São Paulo, EDUC, 1991.

_____. O texto e a (inevitável) presença do outro. In: *Letras14*. UFMS-RS, 1997.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LACLAU, E. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 2, vol. 1, out.,1986.

_____. A política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LÄHTEENMAKI, M. A estratificação social da linguagem no “discurso sobre o romance”: o contexto soviético oculto. In: ZANDWAIS, A (org). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005.

LEAL, M. C. D. O Discurso Jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. In: *DELTA*. 2005, vol. 21, n. spe, p. 73-92.

LIMA, L. C.; AFONSO, A. J. *Reformas da educação pública: democratização, modernização, neoliberalismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

LIMA, M. K. L. *MOVIMENTO SOCIAL MAP Como Emergente Paradigma Transfronteiriço na Amazônia Sul Ocidental*. Florianópolis, 2008. 98f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/movimento-social-map-como-emergente-paradigma-transfronteiri%C3%A7o-na-amaz%C3%B4nia-sul-ocidental>> Acesso em: 12 dez.. 2012.

LIMA, S. M. M. *Uma voz espírita e Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Annablume, 2008.

LIMA, L. Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 20 ago. 2011. Cidade, p. 13.

_____. Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a Polícia. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 02 set. 2011. Cidade, p. 12.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *O Romance e a voz - a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995.

MAGALHÃES, B. Abram aspas! Que o outro quer falar. In: ZOZZOLI, R. M. D. (org.). *Ler e produzir: discurso, texto e formação do sujeito leitor/produtor*. Maceió: EDUFAL, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. *Análise de textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. e Alfredo Alves de Farias. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. In: GHIRALDELLI JR, P. (org.). *Infância, Educação e Neoliberalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

MEDVEDEV, P. N.; Círculo de Bakhtin, *O método formal nos estudos literários – introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução E. V. Américo, S. C. Grillo. São Paulo, Contexto, 2012.

NASCIMENTO, A. M. *Compêndio de direito sindical*. 5. ed. São Paulo: LTr. 2008.

NOGUEIRA, A. J. F. M. *Trabalho e sindicalismo no Estado brasileiro: experiências e desafios*. Tese de doutorado. Instituto de filosofia e ciências humanas, Unicamp, Campinas, 1996.

NOGUEIRA, A. J. F. M. Emergência e crise do Novo Sindicalismo no setor público brasileiro. In: RODRIGUES, I. J. *O Novo Sindicalismo: Vinte Anos Depois*. Petrópolis-RJ. Ed.Vozes, 1999.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PERUZZO, C. M. K. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: INTERCOM – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

PICOLOTTO, E. L. *Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas*. In: *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. Ano 1, Edição 2, Nov. 2007.

PIÉGAY-GROS, N. Tipologia da intertextualidade. In: *Intersecções – Revista sobre práticas discursivas e textuais*. Ano 3, número 1. São Paulo, 2010. (Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe).

PINHEIRO, R. K. Polifonia x Plurivocidade: as ressoantes vozes de Bakhtin em *As Brumas de Avalon. Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST52/Renata_Kabke_Pinheiro_52.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

RAMOS, F. M. E. Uma leitura do discurso do outro nos estudos da linguagem. In: *Revista do GELNE*, PIAUÍ, v. 1, 2010. Disponível em <http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_2cf3c627fc290fc642674aac5f955fe9_221.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. 347f. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

ROJO, R.H.R. *A prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCN's*. São Paulo. EDUC.; Campinas: Mercado das Letras, 2004.

RUSSO, A. R. R. *1958 - A canção jornalística: concerto de vozes no texto jornalístico*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciência da Linguagem, 2009.

SANCHES, K. P. *Relações dialógicas em artigos científicos: análise de um periódico de saúde e segurança do trabalho*. 2009. 299f. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTANA, M. A. *Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 14, nº 41, outubro, 1999

SILVA, J. C. *As relações dialógicas no gênero notícia*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. - Ano 04 n. 09. 2008. ISSN: 1807-5193. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/relacoesdialogicas.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

SIQUEIRA, S. M. M. *O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 7 jan. 2013.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBREIRA, H. G. Alguns aspectos da reorganização do movimento dos professores públicos do estado do Rio de Janeiro (1977-1980). In: *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 77, Dezembro/2001.

SOUZA, H. J. (Betinho). *Como se faz Análise de Conjuntura*. Petrópolis: Vozes, 1984.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

TOURAINÉ, A. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S. *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977.

_____. *A política e os limites da modernidade*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WEFFORT, F. *Os sindicatos na política (Brasil: 1955-1964)*. Ensaios de Opinião, Rio de Janeiro, Enubia, 1978.

VAN DIJK, T. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VIEIRA, V. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. In: *Revista da FAE*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-70, jan/abr. 2002.

VOLANIN, L. *Poder e mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

ANEXOS

PALÁCIO ABOLIÇÃO

Bloqueio no tráfego agrava o caos no trânsito

Polícia e AMC cercaram o entorno da sede do governo para proteger o prédio de um protesto de professores

LIANA LIMA
Repórter

Quem precisou passar, ontem, pelas proximidades do Palácio Abolição, enfrentou grandes congestionamentos. É que todo o entorno do equipamento foi bloqueado pela Polícia Militar e pela Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e de Cidadania (AMC) com objetivo de proteger o prédio de uma manifestação que era realizada por professores da rede estadual. Até quem não estava no arto foi impedido de passar, mesmo a pé.

A medida gerou revolta em transeuntes, que tiveram de andar mais para chegar ao seu destino. "Isso é um absurdo, fui impedida de andar em vias públicas. Não me deixaram ir nem no prédio e nem na loja. O Brasil é um País democrático, o cidadão tem direito de ir e vir", reclamou a pedagoga do Ministério da Educação Taciane Lima, 46 anos. Segundo ela, o que mais revoltou foi a justificativa dada pelos policiais. "Eles disseram que eu não poderia passar da barreira, por questões de segurança, mas quando perguntei se seria a segurança da população, eles responderam que não, que é a segurança das autoridades", relatou.

O vendedor Thiago Diogo Jacino, 22 anos, que fazia entregas na casa de clientes, também foi impedido de seguir pela Avenida Barão de Studart. "Não me deram nenhuma justificativa, só não me deixaram passar. Fiquei surpreso, não sei o que está acontecendo", afirmou.

O bloqueio do tráfego abrangeu o quadrilátero entre as Ruas Deputado Moreira da Rocha, Dr. José Lourenço, Tenente Be-

ENQUETE

Reações



CLAUDIONOR SARAIVA SIANOS
31 ANOS
Professor

TIVE que vir andando da Santos Dumont porque estava tudo bloqueado. É muita segurança para pouca coisa



DANIEL MONTEIRO
26 ANOS
Professor

SOMOS cidadãos, temos direito de ir e vir, fomos impedidos de passar. Temos todo o direito de expressar a nossa insatisfação



FELIPE SOARES
24 ANOS
Professor

EU, que entrei no último concurso, fiquei satisfeito com os salários, mas o problema é mais na frente

névolo e Nunes Valente, que fica três ruas antes do Palácio da Abolição. Professores e alunos se concentraram no cruzamento das Ruas Deputado Moreira da Rocha com Avenida Barão de Studart, se parados por um pelotão de policiais militares e por uma grade de isolamento.

Desproporção

Mesmo se tratando de uma manifestação pacífica, sem confrontos, chamou a atenção o aparato de segurança montado, inclusive com a presença do Batalhão de Choque. Foram deslocados ao local três caminhões

de policiais. Claudete Carvalho, professora do Estado há dez anos, avalia que era muita segurança para uma manifestação.

"Agora sem rua própria para o governador, a gente não pode nem andar a pé. A via, que é pública, agora é dele", ironizou. Estudantes também marcaram presença. Foram cerca de 12 alunos do Liceu de Caucaia e 40 da EEFM Antonieta Siqueira, no bairro Jóquei Clube. A banda Fanfarra, que só toca no 7 de setembro, foi à manifestação chamar atenção da sociedade para o problema educacional.

Na próxima segunda-feira, 22, uma nova Assembleia Geral da categoria será realizada às 15h, no Ginásio Paulo Sarasate, quando definirão pela continuidade ou não da greve e a agenda de atividades

Repercussão

Anísio Melo, presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), diz que, em vez da repressão, os professores querem negociação. "Queremos garantir que a nossa carreira não seja atacada, que os nossos direitos sejam respeitados e que o professor tenha valor", destacou.

Thiago Pinheiro, presidente da Comissão de Direito Sindical da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-CE), ressalta que, se o objetivo do bloqueio foi inibir o direito de manifestação dos movimentos sociais, a OAB é contra, pois um movimento pacífico não pode ser tolhido.

O Governo do Estado, através da assessoria de comunicação, informou que o bloqueio foi organizado por causa do protesto e que o objetivo era garantir a proteção tanto do Palácio da Abolição, que é um prédio tombado, quanto da população e dos manifestantes. **■**



O APARATO de segurança montado para a manifestação pacífica, com a presença do Batalhão de Choque, chamou a atenção e irritou as pessoas, que tiveram de andar mais | FOTO: MARILIA CAMELO

UNIFOR

pós-graduação · online

COMENTE

cidade@diariodonordeste.com.br

PROTESTO



Manhã de conflitos: manifestantes gritam palavras de ordem contra ação de Policiais Militares, que tentam impedir a entrada de professores e alunos na Casa Legislativa. FOTO: RAFAEL LUIZ/REUTERS

Professores invadem Assembleia e entram em confronto com a Polícia

A categoria se reuniu com Ivo Gomes, na noite de ontem, para discutir propostas a serem apresentadas hoje

LUANA LIMA
Repórter

O clima ficou tenso ontem, na Assembleia Legislativa. Professores da rede estadual de ensino em greve entraram em confronto com a Polícia Militar. Os manifestantes invadiram as dependências da Casa Legislativa, galerias e tentaram entrar no plenário, mas foram contidos por policiais do Batalhão de Choque, que fez cordão de isolamento nas entradas do plenário. Minutos antes, PMs que fazem a segurança de Legislativo tentaram impedir a entrada dos manifestantes na entrada principal da Assembleia, mas não conseguiram conter a multidão. Durante o protesto, os grevistas picharam paredes e quebraram um banheiro do prédio.

Preocupada com a segurança dos deputados, a presidência do Poder orientou o fechamento dos gabinetes e a sessão plenária foi suspensa.

Transtornos

Após realizar manifestação na Praça da Imprensa, professores, pais e alunos seguiram em caminhada rumo ao Legislativo estadual. Quem passava pela Avenida Desembargador Moreira teve de enfrentar enormes congestionamentos, agravados pelo horário de saída de estudantes de escolas particulares próximas.

Enquanto a confusão acontecia, parlamentares se reuniram com o comando de greve dos professores na Presidência da Assembleia Legislativa.

O deputado Tim Gomes, que estava presidindo as atividades, destacou que a Assembleia é parceira e que sempre esteve pronta para receber os professores. No entanto, ele se mostrou irritado com uma pichação feita pelos manifestantes no andar superior do prédio. "Vocês precisam recrudescer o movimento", orientou o parlamentar.

Os professores foram recebidos, ontem à noite, por Ivo Gomes, chefe de gabinete do governador. Até o fechamento desta edição, era discutido, no encontro, um documento com propostas para ser apresentado durante nova assembleia dos professores hoje.

Segundo o presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), Anizio



ESTUDANTES SE deitaram na entrada do Plenário 13 de Maio, sendo observados por homens do Batalhão de Choque. FOTOS: ALEX COSTA



CORDÃO DE ISOLAMENTO: foi preciso a intervenção de policiais do BpChoque para garantir a segurança no plenário



POLICIAIS MILITARES que integram a Guarda do Legislativo tentam impedir a entrada dos grevistas naquela Casa



ATO DE VANDALISMO: dependência do Poder Legislativo é pichada, num claro desrespeito ao patrimônio público

Melo, não houve nenhuma orientação da entidade no sentido de depredar o prédio.

"Condenamos qualquer tipo de atitude que gere violência ou pichação do patrimônio público. Pelo contrário, temos a preocupação de orientar os nossos alunos a preservar o que é do povo", disse Anizio Melo. Ele acrescenta que irá discutir com o comando de greve se houve alguma influência externa na luta da categoria.

Greve

Na última sexta-feira, 26, o Tribunal de Justiça do Ceará (TJ-CE) determinou a suspensão da greve. De acordo com a decisão, a categoria deveria retomar as atividades em até 48 horas, sob pena de pagar R\$ 10 mil por cada dia de descumprimento. A greve completa um mês na prática.

A sessão plenária foi suspensa e a presidência da Casa orientou que os parlamentares fechassem os gabinetes

A luta da categoria agora é para que seja firmado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). "Achamos importante alguns compromissos verbais, escritos em ata, mas, devido à ilegalidade e a forma como as coisas estão acontecendo, queremos que haja um documento oficial colocando princípios e diretrizes que possam ser acordados entre a categoria e o governo", desma Anizio Melo.

A expectativa dos professores é que o governo assine um TAC garantindo o Plano de Cargos e Carreiras (PCC) tendo como base a Lei 12.006, de 1993; a implantação do Piso Nacional; e 1/3 de hora atividade.

Algumas conquistas foram alcançadas. Uma delas foi a suspensão da tabela da carreira do magistério, elaborada pelo governo do Estado, que, para os professores, "aniquilava a carreira da categoria". Porém, essa mensagem nem sequer chegou a ser enviada à Assembleia. O

Comentário

cid@diariodonordeste.com.br

cidade

Decisão

OS SERVIDORES técnico-administrativos da Universidade Federal do Ceará anunciaram o fim da greve da categoria e a volta às atividades de trabalho na segunda-feira (26). A decisão foi tomada em assembleia

REDE ESTADUAL

Professores continuam greve

A maioria dos cerca de 1.500 professores estaduais, que estavam presentes na assembleia, realizada ontem, no Ginásio Aécio de Borba, no Bairro Benfica, decidiu dar continuidade à greve da categoria, que já dura 48 dias. Mesmo após reunião realizada com o governador, Cid Gomes, na última quinta.

Durante a conversa, com os educadores, o governador afirmou que, se a greve não fosse encerrada a partir da próxima segunda, ele iria determinar a abertura de processo administrativo por abandono de cargo para professores que continuarem paralisados.

Por isso, o presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc), Anírio Melo, pretende, na próxima semana, fazer contato com deputados e, assim, encontrar uma saída para os problemas na negociação. "Espero que no fim da semana a gente consiga chegar a um acordo e a greve seja suspensa e que ninguém seja punido", afirmou. Ele acrescentou que a votação para a continuidade ou não da greve foi bastante disputada, e teve de ser feita três vezes.

O principal motivo para que a paralisação continue, segundo Melo, são algumas questões colocadas pelo governo, como a apresentação de tabelas de reajuste, no prazo de até 30 dias, levando em conta o percentual de investimento na educação por parte do Estado que foi de 29,5% em 2010. "Antes, a promessa era de que, se faltasse verba na educação para o reajuste, o dinheiro seria retirado de outro local. Mas, agora, Cid Gomes disse que isso acontecerá somente se houver verba suplementar", explicou o presidente da Apeoc.

De acordo com a Apeoc, o motivo da decisão foram algumas questões colocadas pelo governador do Estado

Ele ainda completou que os mestres não que rem que a mensagem que trata de avaliação de desempenho seja enviada à Assembleia Legislativa sem que o tema seja debatido entre o Governo e a categoria.

Perda de confiança

Anírio comentou que as mudanças feitas na última reunião levaram os professores a perder confiança nas negociações. Por isso a greve continua.

Segundo ele, na atual situação, é necessário que haja uma razoabilidade da categoria e também sensibilidade por parte do Governo do Estado. Para isso, é preciso que a comunicação continue sendo feita.

Além da abertura de processo administrativo por abandono de cargo, os professores também estão preocupados com a multa, R\$ 10 mil por cada dia de descumprimento da determinação judicial de suspender a greve, determinada pelo Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE). "Esperamos resolver tudo isso", afirmou o presidente da Apeoc.

A assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado (Seduc) informou que a expectativa da secretaria é de que os professores retornem as suas atividades nas escolas, evitando assim, mais prejuízo no processo de aprendizagem dos estudantes da rede estadual.

A Seduc afirmou que durante as negociações já garantiu à categoria a progressão especial de carreira, referente a 2009 e 2010; ampliação do Vale-Alimentação; apoio financeiro para a aquisição de computadores pessoais e elevação do salário dos temporários em 13%. **●**

COMENTE
 @ cidade@diariodonordeste.com.br

...ega o Travertino Condomínio de Fátima. m duas torres, Botticino e Carrara, o Travertino irá ligar você a toda a de vida que um dos bairros mais tradicionais de Fortaleza pode oferecer. rendimento em que a Mota Machado foi buscar inspiração em grandes o Coliseu para trazer a beleza e imponência que a sua vida merece.



JACUZZI COM VISTA PARA A PISCINA ADULTO



SALÃO DE FESTAS

VISITE DECORADO NO LOCAL:
 Rua Solon Pinheiro, 1070, esquina com Joaquim Magalhães, Bairro de Fátima.

Vendas: 3181-5181 | 3208-1100

Interiores



Arquitetura



Construção



085 3181 5181

POLICIAIS VIGIAM

Manifestantes passam a noite em vigília na AL

Objetivo da categoria é que o governador, Cid Gomes, não sancione o projeto que trata a tabela de vencimento

Os professores estaduais em greve e os policiais do Batalhão de Choque passaram a noite nas corredores da Assembleia Legislativa. Isso aconteceu devido a um acordo realizado entre o Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc) e o presidente da Casa, deputado Roberto Cláudio (PSB), quando foi permitido que a categoria ficasse no local.

Hoje, os docentes realizam assembleia, em frente à Casa Legislativa, às 8 horas, para definir os rumos da greve.

No início da tarde de ontem, o clima continuava tenso na Assembleia Legislativa, após toda a confusão. Antes de o acordo ser feito, o Sindicato Apeoc esperava ter uma reunião com Roberto Cláudio. Mas, devido a um desconforto de informações, o encontro não aconteceu. Por isso, a conversa teve que ser feita rapidamente, por telefone.

Segundo o presidente da Apeoc, Anírio Melo, o acordo é importante para que os professores possam levar alimentos para os acampados e também coordenar a entrada e saída dos grevistas. "O Sindicato quer negociar e para isso precisamos de uma proposta do Governo", afirmou.

Ele acrescentou que, após a situação se acalmar, resta à categoria capturar pela assembleia desta sexta-feira para decidir o que será feito. "Esperamos que tudo seja resolvido", torce. De acordo com Cássia Gomes, membro do comando da greve, o objetivo da categoria é evitar que o governador, Cid Gomes, sancione o projeto votado, ontem, pelos parlamentares, que trata a tabela de vencimento para os profissionais de nível médio.

"Vamos pressionar o Governo, pois ninguém quer mais estes. O governo não enviou, para a Assembleia, a proposta que a categoria não concorda, apesar de os professores terem pedido para que ele não o fizesse".

Ela afirmou que a greve deve acabar somente depois que o governo atender as propostas

Ocupação

60

PROFESSORES passaram a noite na Assembleia Legislativa devido a greve. Os Policiais do Batalhão de Choque também acamparam no local.

dos professores. "Essa é a única solução aceita pela categoria".

No fim da tarde, Ronaldo Rogério, um dos feridos durante a confusão voltou à Assembleia Legislativa para apoiar a continuidade da greve. Já o professor Arivaldo Freitas Alves, atingido na cabeça durante o confronto, foi encaminhado ao Instituto Dr. José Frota (IJF) e continua em observação.

O representante do setor jurídico do sindicato, Sérgio Bezerra, assegurou que Alves estava apenas oferecendo água aos seus companheiros quando foi agredido pela Polícia. "O sindicato vai apoiar os dois em tudo que for possível", garante.



PEDIDO DE CALMA: manifestante ergue os braços aos policiais do Batalhão de Choque, durante o confronto no hall da Casa Legislativa, onde os ânimos estiveram acirrados.

O integrante da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-CE), Petralva Palmeira, comentou que o delegado do 4º Distrito Policial, José Munguba Neto, terminou a elaboração de um Termo Circunscrito de Ocorrência (TCO) para avaliar a acusação feita pelos policiais contra os docentes.

Além disso, ele desaconselha que os professores vão abrir uma ação criminal contra o governador Cid Gomes, o presidente da AL, Roberto Cláudio, e o comandante da Polícia, Werisleik Pon-

te Matias. "Vamos fazer isso devido à repressão, lesão corporal e spray de pimenta lançado gratuitamente contra os manifestantes", frisou Palmeira.

Feriu princípios

Em nota, a Assembleia Legislativa classificou a manifestação como violenta, que "de forma explícita, feriu os princípios democráticos e de civilidade que o Poder Legislativo defende".

Além disso, o comunicado em forma que foi apreendida, pelos policiais, uma faca que estava na posse de um dos manifestan-

tes e que uma pessoa foi ferida por objetos arremessados pelos próprios professores.

A Secretaria da Educação do Estado (Seduc) também se manifestou, por meio de uma nota oficial, em que disse esperar que os profissionais retomem as suas atividades nas escolas para que os estudantes da rede estadual retomem os estudos o mais breve possível.

COMENTE

cid@diariodonordeste.com.br

Greve dos Professores

5 de agosto: Início da greve

19 de agosto: Manifestação dos professores em frente ao Palácio da Abolição

25 de agosto: Manifestação dos professores na Praça da Imprensa

26 de agosto: Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) reconhece ilegal greve dos professores estaduais e determina suspensão

1 de setembro: Professores invadem Assembleia Legislativa e entram em conflito com a PM. Durante o protesto, grevistas quebraram banheiro

7 de setembro: 500 professores fazem protesto em meio a desfile de 7 de setembro, na Beira-Mar

9 de setembro: Após assembleia, professores decidem manter greve

16 de setembro: Após assembleia, professores decidem manter greve

22 de setembro: Representantes da categoria se reúnem para negociar reivindicações. Cid exige retorno às aulas

23 de setembro: Mesmo após reunião com Cid Gomes, professores decidem manter greve

27 de setembro: Manifestantes da categoria se reúnem para negociar reivindicações. Cid exige retorno às aulas

28 de setembro: Governo do Estado envia à Assembleia Legislativa projeto de lei que cria nova tabela vencimental aos profissionais de nível médio. Cerca de 300 professores estaduais fazem vigília na Assembleia

HISTÓRICO

Manifestações e falta de acordo marcam greve

Com aprovação trunfante da categoria, os professores da rede estadual decidiram iniciar a greve no dia 5 de agosto. Os profissionais não aceitaram a proposta apresentada pelo governo de um salário de R\$ 1.187,97, não respeitando, segundo eles, o piso nacional no valor de R\$ 1.597,87, aos professores com ensino médio.

No dia 26 de agosto, o desembargador Emanuel Leite Albuquerque determinou a suspensão da paralisação. Na decisão, a categoria deveria retornar às atividades em até 48 horas, sob pena de pagar multa de R\$ 10 mil por cada dia de descumprido. O magistrado levou em consideração os prejuízos causados à prestação do serviço público e ao rendimento escolar dos mais de 400 mil estudantes da rede, que possui cerca de 600 escolas. No entanto, os professores continuaram em greve.

Confronto

Após seis dias da decisão do TJCE, a categoria entrou em confronto com a Polícia Militar ao ocupar a Assembleia Legislativa. Depois do protesto, o chefe de gabinete do governador, Ivo Gomes, recebeu os grevistas para discutir documento com propostas da categoria. Apesar da repercussão do ocorrido, os professores continuaram com a paralisação e realizaram novas manifestações.

Apenas no dia 22 de setembro, 47 dias depois do início da greve, o governador Cid Gomes se reúne com a categoria para negociar e exigir o retorno das atividades. Porém, os professores decidem manter a greve.

Assim, o governo envia à Assembleia projeto de lei que cria nova tabela de vencimentos aos profissionais de nível médio. Mas a categoria não aceita a proposta, e cerca de 300 professores estaduais fazem vigília na Assembleia para protestar. Na ocasião, três professores afirmam estar em greve de fome até que a mensagem do governador seja suspensa.

APEOC DENUNCIA

Canal de negociação com deputados é negado

"Desde que a mensagem enviada pelo governador chegou à Assembleia Legislativa, no dia 28, que os canais com os parlamentares foram negados". A denúncia é de Anírio Melo, presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará (Apeoc). "Quando pedimos para ser atendidos, teve início o conflito. O Batalhão de Choque veio de dentro da AL e começou a empurrar e agredir os professores, com violência, inclusive contra os companheiros que estavam em greve de fome", diz Melo. Ele acrescenta que a confusão "teve início a partir do momento que o governador, na sua insensibilidade, tenta empurrar uma mensagem que desagrada a categoria". Melo informa ainda que está

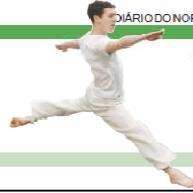
sendo denunciado à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e aos organismos internacionais a ação repressiva que o Governo do Estado fez contra os professores. O líder do Governo na Assembleia Legislativa, deputado Antônio Carlos, lamentou que se a situação venha se acirrando. "Isso é uma Casa Legislativa, os direitos sagrados do povo de se manifestar devem ser resguardados, mas a Mesa Diretora da AL tomou as providências necessárias para que o patrimônio público não fosse depredado e também para que a integridade física, inclusive dos manifestantes, fosse preservada", afirma. O parlamentar reforça que os professores já estavam cientes que o governador enviaria a

mensagem, pois não poderia deixar de fora 270 professores de fora do quêz e do piso. **Policimento** Coronel Mendes, coordenador da Companhia de Policiamento da Guarda (CPG), esclarece que o policiamento estava postado para evitar qualquer invasão ao Plenário. "No momento em que houve incasso dos manifestantes, que tentaram invadir o Plenário, rasgando o quadro e jogando objetos contra os policiais, quatro professores foram detidos, mas logo em seguida liberados". O professor ferido, Arivaldo Freitas Alves, recebeu atendimento e foi encaminhado ao Instituto Dr. José Frota, de lá seguiu para a Delegacia, quando foi liberado.



NA CONFUSÃO, adesivos ficaram espalhados, enquanto Arivaldo Alves é atendido e encaminhado ao IJF.

cidade



Dança

AS INSCRIÇÕES para as oficinas da 8ª Bienal Internacional de Dança do Ceará se encerram nesta segunda-feira. Estão sendo disponibilizadas 15 vagas. O único pré-requisito é a entrega presencial de currículo

NEGOCIAÇÃO CONTINUA

Greve dos professores é suspensa por 30 dias

Ontem, o Paulo Sarasate foi palco de muitos tumultos, em assembleia que decidiu pelo retorno ao trabalho

MOZART YALMEIDA/REPORTER

Após 63 dias de greve, a maior da história da categoria, os professores da rede estadual de ensino decidiram suspender a paralisação por 30 dias. Vaias, aplausos, palmas de ordem e gritos marcaram a assembleia da categoria. Com uma margem de diferença apertada e sem contagem oficial de votos, foi aprovado o retorno às atividades, a inexistência das negociações com o governo Gil Gomes e um novo encontro, em um mês, para avaliar os próximos acordos. O retorno ao trabalho será nesta segunda-feira, dia 10. Já quando a reposição integral das aulas observará a proposta e a realidade de cada escola, anunciou a Secretaria da Educação do Estado (Seduc).



OS PROFESSORES APROVAM em assembleia geral, no Paulo Sarasate, suspender a greve. Na segunda-feira, retornam ao trabalho e permanecem em negociação com o governo

pare de presentes. "Não temos como voltar ao trabalho. Não há garantia de nada. Cidê é a ata assinada ou protocolada do que foi acordado na reunião com o governo?", disse Sebastião Pereira, da Escola Sinto Amaro. Outro professor, Carlos Vieira acrescentou que "sem documentação não há nada de concreto, se vão mesmo respeitar nossas tabelas salariais por nível de referência". Contudo, um a um dos itens discutidos na reunião do comando de greve com o chefe de gabinete do governo, Ivo Gomes, e a secretária de Educação do Estado, Izolda Cela, foram lidos e comentados por Anízio Melo. Nessa rodada, explicou, foram elencados parâmetros como, por exemplo, as diretrizes e princípios da mensagem do Executivo aprovada na Assembleia Legislativa não serão aplicadas na proposta a ser elaborada,

ganho real para toda a carreira, com destaque para o salário inicial do professor e para a valorização dos que estão em início de carreira; valorização dos professores especialistas, mestres e doutores, com a manutenção da proporcionalidade entre todos os níveis; reafirmação do compromisso de implementação do 1/3 hora atividade extracurricular, de forma escalonada, a partir de 2012, e realização de concurso, no próximo ano, para contratação de novos educadores. A negociação, citou Anízio, sem como parâmetro inicial a Lei 12.066, atual Plano de Cargos e Salários dos Professores; a regência de classe será baseada no vencimento base de cada nível incluindo em termos percentuais e retorno da gratificação de incentivo profissional; o interesse entre os níveis será anual com percentual a ser definido em negociação.

"Travamos um debate duro pela regência de classe e pelo incentivo profissional", disse o líder da Apeoc, considerando ainda avanço a promessa de que passe a ser anual, não mais a

HISTÓRICO

- 05/08 Início da greve
- 19/08 Professores foram permitidos em frente ao Palácio da Abolição
- 26/08 Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE) determina a suspensão da greve e multa de R\$ 10 mil para cada dia de descumprimento da decisão
- 01/09 Professores invadem Assembleia Legislativa e entram em confronto com a Polícia
- 07/09 500 docentes fazem manifestação em frente ao edifício de 7 de setembro
- 28/09 Governo envia à Assembleia projeto de lei que cria nova tabela vencimental. Professores fazem vaias nas casas e tres educadores anunciam greve de fome
- 29/09 Dois professores ficam feridos em novo confronto com a Polícia. Greve de fome chega ao fim
- 04/10 Categoria se reúne como governo, que diz que pode pensar em demissão se a greve não for terminada até sexta (07)

regicamente e continuar o processo de negociação com o governo durante um mês, prazo no qual a categoria se reuniria novamente para reavaliar o movimento, não encontrou consenso, foi adotada a sistemática de três exposições a favor da proposta e três contrárias. Mas a cada falação, crescia a divisão de opiniões e era seguida dos aplausos dos apoiadores das propostas e das vaias e gritos daqueles que discutiam. "Nossa proposta é suspender a greve por tempo determinado e continuar nossa luta de cabeça erguida", frisou o professor Nágibe Melo, membro da Apeoc e inscrito para reforçar a posição do comando da greve. "O governo não está sereno", disse, referindo-se ao parágrafo 11, no qual o governo se compromete a não aplicar a mensagem encaminhada à Assembleia Legislativa. Já Laura Lobato afirmou: "Não estou aqui para correr com medo de ameaças de demissão, pois é só o que temos de real". Na realidade, insou, o que estava em discussão ali era a imposição governamental: "você tem a trabalhar que negociamos". Postos em votação, a proposta de suspensão e a da continuidade da greve, venceu a primeira. O presidente da Apeoc pediu que o momento fosse filmado "para não deixar dúvida".

COMENTE

cidade@diariodonordeste.com.br

DISCORDÂNCIAS

Votação acontece em clima de acirramento e acusações

Terminada a votação, poucos minutos depois o comando de greve se retirou da mesa, mas não sem antes ouvir os gritos, vaias e acusações daqueles que votaram pela continuidade da greve. Alguns mais exaltados classificaram de "pelégs e covardes" os líderes do movimento e teve até gente que por pouco não pulou o alambrado e entrou em confronto físico com membros da Apeoc. "Ovídius sindicalista traidor" foi a palavra de ordem mais ouvida. Além disso, muitos reclamaram porque não houve comemoração a voto. A professora Rita de Cássia Cipriano, por exemplo, pôs em dúvida quanto ao resultado da assembleia.



OS ANIMOS FICAM EXALTADOS no fim da votação. Professores acusaram comando de fazer manobras contra o movimento

Já o professor Antônio Luis lembrou que a diretoria da Apeoc "é ligada à corrente petista Articulacion". Para ele, a proximidade com os governantes levou a uma orientação pelo fim da greve.

Dentro e fora do Paulo Sarasate, os opositores ao comando usaram serviço de som para denunciar que "eles cederam vergonhosamente às ameaças do governo de que se a greve não parasse hoje (ontem) começariam as demissões".

Anízio Melo rebateu as acusações, em entrevista reservada,

atrás do palco. "A decisão foi de pessoas do comando e da categoria", disse, explicando que a proposta de suspensão recebeu, sim, a maioria dos votos.

Possíveis avanços

Ainda há hoje de ontem, o secretário Executivo da Seduc, Ildival Aleixo, admitiu: "Nós estamos apostando no fim da greve, por isso, somente nesta semana, participamos de três reuniões de negociação, que

realmente registraram avanços". Também adiantou que está assegurada a regência de classe, o respeito aos níveis da carreira e a observação das tabelas, de forma escalonada, bem como o interesse anual.

"Todos terão ganhos reais", disse. Na segunda-feira, acontecerá a primeira rodada de negociação desse novo processo, que prevê estudos para um Plano de Cargos e Carreira feito parcialmente pelo governo e Apeoc.

SOU + CITROËN. SEM AUMENTO IPI

SOU MAIS TAXA ZERO.

AIRCROSS GLX*
O NOVO SUCESSO DA CATEGORIA

3 ANOS DE TAXA DE JUROS 0% A PARTIR DE R\$ 55.990

CITROËN C3***
MELHOR DIREÇÃO ELÉTRICA DO MUNDO

FAZEMOS JUROS 0,99% Entrada e parcela de R\$ 399

	IPPI						
AIRCROSS GLX	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00
C3	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00	3.163.910,00

PREÇO FIXO REVISÃO

PARIS-CAR

AV. WASHINGTON SOARES, 2100 - TEL.: 3021.2333
AV. SENADOR VIRGÍLIO TAHERIA, 2455 - TEL.: 2278.3133